
série
Segredos da Vida
ENCONTRANDO
Perdão
romance
Priscila Reis Andrade

ENCONTRANDO Perdão

Priscila Reis Andrade

Saiba mais em priscilareisandrade.wix.com/site

A CÓPIA DE QUALQUER PARTE DESTE LIVRO É ILEGAL, E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

"Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor."

Romanos 8: 38 - 39

Um

Desde pequena eu sonhava em morar sozinha, viajar para vários países na companhia apenas dos meus pincéis, fazer tudo o que eu quisesse sem que para isso precisasse pedir permissão. Minha infância e adolescência foram voltadas para o meu desejo de liberdade. Sair de casa e me ver livre de brigas e reclamações representava o ápice da felicidade; era o que sempre pedia antes de dormir.

Aprendi a pintar quadros aos 11 anos de idade com uma senhora que morava ao lado da minha casa, aliás, da casa dos meus pais. E desde cedo eu trabalhei para alcançar minha independência. Aos 18 anos eu pude, finalmente, mostrar aos meus pais que eu estava em condições de seguir minha vida sozinha. Consegui uma vaga para o curso de Artes

Plásticas na Universidade da capital e me mudei para um quartinho alugado próximo a uma lanchonete onde mais tarde consegui um emprego e não precisei depender de ninguém para pagar minha alimentação, materiais escolares e o aluguel. Foram os quatro anos mais produtivos da minha vida!

Pouco antes de me formar eu e alguns amigos da turma montamos um ateliê onde pudemos desenvolver diversos tipos de atividades artísticas e dar aulas. Deu tão certo que dois anos e meio depois decidimos levar o trabalho para outras cidades do estado. Há três meses estou morando em uma cidadezinha charmosa a noroeste da cidade dos meus pais. O ateliê-estufa, como eu chamo o local onde dou aulas de pintura em tela e madeira, e onde "moram" minhas flores, fica nos fundos da minha casa de dois andares e recebe visitas todos os dias.

Visito meus pais uma ou duas vezes ao mês, já

que a distância entre as cidades onde moramos é mínima. Apesar de nossa relação familiar não ser das melhores, de uns meses para cá, eles insistiram em me ter por perto.

— Carolina, tem um rapaz que quer falar com você aqui embaixo. — ouvi a voz aguda da minha ajudante, Miriam, me chamando ao pé da escada.

Levantei-me da cadeira giratória e empurrei-a de volta para a mesa do computador. Dei uma última lida no e-mail que estava escrevendo e cliquei em enviar. Saí do meu escritório quentinho, no andar de cima da minha casa, e desci as escadas. Quando cheguei aos últimos degraus vi pela janela da sala a chuva lá fora e que o vento forte balançou as copas das árvores na calçada fazendo cair folhas e gotas d'água na moto azul estacionada ali.

— Olá, em quê posso ajudá-lo? — dirigi-me ao homem que, assim como Miriam, estava de costas

vendo a chuva lá fora, no meio da sala de estar.

Os olhares se voltaram para mim. Ali estava um homem de aproximadamente 1,78m, mas que parecia muito mais alto quando colocado ao lado da Miriam, com apenas 1,57m de altura. Ele não tinha barba no rosto, seus cabelos eram lisos, repicados e salpicados de chuva. Usava uma camisa social verde e calça preta, também social; era o seu uniforme de trabalho. Coloquei as mãos dentro dos bolsos do casaco pesado que usava enquanto ouvia o que o rapaz tinha a dizer.

— Oi! Trabalho em uma empresa de jardinagem — entregou-me um cartão que eu li rapidamente. — e este mês estamos oferecendo *Pacote Jardim* com tesouras, luvas, vale-adubo, e... Bom, tenho aqui um panfleto com as opções de pacotes para você dar uma olhada.

Atrapalhou-se um pouco ao pegar dentro de

uma pasta um *folder* de três dobras com as informações. Ele pareceu nervoso, mas ao se dar conta de que eu havia notado tratou de disfarçar.

— Vim até a casa da senhora porque soube que gosta muito de plantas. — arriscou.

"*Senhora*?", pensei franzindo as sobrancelhas, "você parece ter a minha idade, ou mais", resmunguei comigo mesma. Dei uma breve olhada em volta. Realmente tinha muita planta, eu as adorava, pintei vários quadros delas que podiam ser vistos espalhados pelas paredes da casa, e o ateliê era quase um bosque particular. Sorri ligeiramente distraída.

— E então? — Ele disse ansioso.

— Ah, sim. — virei para ele envergonhada com a minha demora. — Eu me interessei pelo serviço, realmente estou precisando. Ligo para você quando

me decidir, tudo bem?

Ele acenou com a cabeça, depois passou os dedos nos cabelos castanho-escuros ajeitando-os enquanto falava.

— Está certo — disse a mim com um sorriso agradável, depois se despediu da gente. — Tenham uma ótima semana. — E saiu.

Olhei o relógio de madeira na estante, já era hora de fechar o ateliê. Miriam estava vestindo seu sobretudo escuro e pegando a chave do cadeado de sua bicicleta no bolso do casaco. Peguei no armário da despensa uma capa de chuva amarela e entreguei a ela que antes de vesti-la por cima da roupa prendeu, em um coque malfeito, seus cabelos ruivos encaracolados.

— Até amanhã! — disse Miriam.

— Até. — tranquei a porta assim que saiu.

Lembrei-me de quando fomos apresentadas. Miriam tinha 19 anos e era amiga da minha colega de sala e sócia. Ela veio na inauguração do meu ateliê, três meses atrás, e a contratei para trabalhar comigo. Agora, além de boa funcionária, tornou-se uma grande amiga.

Respirei fundo e joguei-me no sofá de dois lugares, próximo à janela, observando com cuidado tudo o que eu havia conquistado.

***

Na manhã seguinte acordei com o barulho do despertador caindo no chão, me tirando de um sonho bom, mas que em poucos segundos desaparecera da minha memória. Era um daqueles típicos dias em que você não quer sair de debaixo das cobertas quentinhas, nem abandonar seu travesseiro macio, acontecesse o que acontecesse.

Estava ficando mais difícil levantar a cada manhã, o frio atiçava a minha preguiça e atrapalhava minhas noites com seus ventos fazendo barulhos assustadores em volta da casa. “Graças a Deus o inverno está com os seus dias contados”, pensei tentando ficar mais animada e deu certo.

Levantei-me e fui até a minha cômoda. Eu tinha uma gaveta enorme, secreta, só de meias com cores e tamanhos diferentes. Coleção. Peguei um par de meias verdes com olhos de sapinho e vesti. Claro que na minha idade isso não pegava muito bem, mas ninguém precisava saber.

Apesar do sonho interrompido pelo despertador eu estava muito feliz hoje e nem sabia explicar o porquê. Desci as escadas rápido, mas segurando no corrimão para não escorregar no piso de madeira. Fui para a cozinha e notei que tinha algo errado, havia terra espalhada pelo chão, papéis

e folhas. Além de um cheiro nada comum na minha casa. Segui o rastro de sujeira até a sala de jantar. Abaixei-me para ver melhor embaixo da mesa e...

— Um presente! — falei com um gritinho de entusiasmo. Enfiei-me ali para pegar um filhote de cachorro todo descabelado. Ele acordou assustado, mas logo começou a abanar seu rabinho e me fez rir ao lamber minha mão. “Deve estar com fome”, pensei.

Fui para a cozinha saltitante e feliz, peguei uma tigela roxa no armário e enchi de cereais com leite. Ele comeu tudo num instante. Depois de tomar meu café e arrumar a casa levei meu novo amigo para o ateliê. Não me preocupei em saber de onde ele tinha vindo, pois acreditava que nada acontecia por acaso. Passeei com o cãozinho por ali e aproveitei para cuidar das minhas plantas, já que eu tinha acordado cedo. O telefone tocou na sala de

casa, fui atender sendo seguida pelo meu novo cachorrinho.

— Alô? — Eu disse.

— Oi, Carolina. Como vai? — perguntou minha mãe, a voz transmitindo apreensão.

— Bem.

— Estou ligando por causa do seu pai. O coração andou dando uns sustos na gente e vou precisar que o leve ao médico amanhã à tarde, não quero que ele vá sozinho. Vai poder?

— Sim, posso dar um jeito de mudar o horário da aula. A que horas é a consulta?

— 14h40.

Anotei em minha agenda que estava em cima da mesinha de centro. Afastei depressa o filhote de um objeto de louça na estante e voltei ao telefone.

— Então, amanhã estarei aí às 14h. Precisa de mais alguma coisa, mãe?

— Não, acho que não. Tenho que desligar agora. Tchau, te amo.

Fiquei sem ter o que dizer por um minuto e ela desligou antes que eu pudesse me despedir. Coloquei o telefone no gancho e fechei a agenda. Estava começando a ponderar sobre a relação entre minha mãe e eu quando o cãozinho, de novo, foi xeretar a louça e quase quebrou. Troquei o objeto de lugar colocando-o na parte alta da estante e voltei para o ateliê onde me sentei no chão para brincar com o meu filhote.

— Como eu poderia chamar você? — pensei um pouco enquanto ele tentava pegar a folha que estava em minha mão. Olhei para os quadros expostos ali, eram muitas flores, pessoas e fruteiras. Imaginei ser divertido chamar meu animalzinho por

um nome estranho e inusitado. Isso! Estava decidido. — Você agora é o Sr. Pepino!

Ele conseguiu pegar a folha por descuido meu. Olhei o relógio de pulseira de couro fina e preta, no meu pulso.

— Ai, meu Deus! Perdi a hora. Miriam deve estar chegando. — saí correndo com o filhote vindo a toda atrás de mim.

Troquei de roupa a tempo, quando desci de novo era para atender a porta. Junto com minha assistente estavam meus alunos que adoraram meu novo amigo. Muitas tarefas foram realizadas ao longo do dia o que o fez passar rapidamente. Consegui mudar o horário da minha aula de amanhã, comprei ração para filhotes e depois do café da tarde eu e Pepino iríamos ao veterinário.

Enquanto ligava o rádio na cozinha fiquei

observando meu cãozinho comer. Ele pegava a ração e mastigava olhando o que eu estava fazendo. Perguntei-me se eu seria uma boa “mãe” para ele e quis acreditar que sim. Escolhi uma estação que tocava músicas nostálgicas e fui preparar meu achocolatado quente. Sentada à mesa de madeira, mexendo aquele líquido que parecia um pouco com a cor da minha pele, comecei a me lembrar dos tempos de escola.

Odiava minha escola. Meus pais sabiam disso e deixavam que eu faltasse quando tinha crises de infelicidade por estudar lá, mas muitas das vezes encaravam minhas atitudes como infantis e mimadas e nunca fizeram nada para me ajudar a enfrentar meus medos e problemas. Eu estava sozinha nessa.

Morávamos em uma cidade montanhosa e fria com muitos descendentes de italianos. Difícil achar alguém que não tivesse pele clara e olhos de água e

foi aí que minha “saga” começou. Eu sou descendente de índios. Virei motivo de piadas, brincadeiras maldosas e o preconceito logo começou quando coloquei meus pés naquele lugar. Já fui presa no banheiro, já mancharam meus tênis novos, me deixaram de fora dos trabalhos escolares, me ignoraram durante semanas, tudo por eu ser diferente dos demais. Eu não era de externar o que estava sentindo, então sofria calada.

A música mudou, agora era uma que se chamava *Perfect Love*. Senti uma dorzinha no coração e vi que hoje não era um dia bom para lembranças ruins. Encolhi-me na cadeira envolvendo meus joelhos com os braços. Eu iria sofrer com o meu passado para sempre?

***

Quando cheguei à clínica veterinária fui

recepcionada com o mais belo sorriso que já vi no mundo. Ele veio ao meu encontro e começou a brincar com o filhote que estava em meus braços.

— Como ele se chama? — perguntou o rapaz de cabelos castanho-claros e um cavanhaque charmoso.

Fiquei pensando um pouco. “Será que ele vai achar idiota o nome que dei ao cachorro?”, então ele desviou os olhos do animal para me olhar.

— Não fala com estranhos...? Eu devia saber — disse rindo da própria piada. Estendeu a mão. — Meu nome é Lucas.

— Pepino — respondi. Então me olhou com uma cara muito esquisita. — O nome do filhote — expliquei rapidamente e ele voltou a sorrir.

— Ah, sim. E o seu nome, qual é?

— Carolina, prazer em conhecê-lo. — sorri um pouco sem graça.

Ele me indicou as cadeiras da sala de espera, escolhi uma e sentei. Fiquei olhando os quadros de cachorros na parede tentando achar um que se parecesse com o meu. Conhecia só algumas raças dali.

— Tem hora marcada, Carol? — disse ele sentando-se na recepção.

— Tenho, às 17h35. — segurei o cachorro sobre meus joelhos, mas ele tentava a todo custo se jogar dali.

— Belos olhos. — observou debruçando sobre a mesa de atendimento. — Que cor eles são, azuis? — perguntou a mim.

— Cinza. — senti meu rosto corar.

— Hmm... O doutor já está terminando uma consulta. Já vai te atender.

O celular de Lucas tocou. Ele atendeu levantando-se.

— Fala amor. — foi para fora da clínica.

“Que ótimo”, pensei desanimada. Uma adolescente e seu *Yorkshire* saíram de uma salinha seguida por um jovem senhor de jaleco branco.

— Não se esqueça, apenas duas gotas, viu?! — disse amavelmente à garota. Senti seu olhar em mim e então virei o rosto para sua direção.

“Meu Deus! O negócio aqui tá ficando interessante.”, pensei surpresa com a linda feição do rosto do médico veterinário.

— Carolina? — perguntou a mim. Respondi acenando com a cabeça. — Já pode vir.

Levantei-me com Pepino e fomos para a sala. Meu filhote foi vacinado e o doutor me indicou algumas vitaminas. Depois nós dois fomos a uma casa de rações que vendia as coisas que o veterinário pediu.

— Oitenta reais só nesse vidrinho? — perguntei à moça que me atendia. Ela fez que sim com a cabeça e sorriu como que se desculpando. Olhei para o meu cãozinho e entreguei a ela meu cartão de crédito.

Antes de dormir arrumei uma caminha para o Pepino no meu quarto. Lembrei-me que o veterinário disse que a raça dele é *Cocker Spaniel* e pesquisei mais sobre ela na internet. Depois de ler algumas poesias me deitei. Demorei bastante para dormir e quando, enfim, consegui tive um pesadelo horrível.

As paredes do quarto onde estávamos, eu e

minha mãe, eram de um tom monótono, o ambiente cheirava a remédio. Havia o *bip* do aparelho médico ao lado da cama do meu pai e barulho de rodinhas de maca do lado de fora. Meu pai estava internado num hospital. Nós o velávamos quando de repente ele começou a tremer e ficar incrivelmente pálido.

— Samantha! Samantha, me ajude! — dizia apavorado. Parecia sentir falta de ar e tinha dores. Minha mãe correu até a cama e começou a chorar debruçada sobre ele — diga à Carolina que eu a amo, apesar de tudo... — continuou ele. Mamãe tentava controlar os soluços, não me disse nada, só chorou mais.

Não consegui entender. Apesar de estar fazendo de tudo para que prestassem atenção em mim eles não me ouviam, talvez nem me vissem; era como se eu não estivesse lá. Um tremor mais forte veio e fez-se silêncio. Meu pai agora estava morto.

Dois

As lágrimas brotavam de meus olhos como cachoeira, o travesseiro ficou muito molhado. Sentime uma fracassada! Tudo aquilo poderia ser verdade; meu pai doente e eu distante. Meu mundo girava em torno de mim, estava machucando pessoas que deveria amar.

O sonho se repetiu umas cinco vezes em minha cabeça e eu não conseguia acordar. Minha consciência me condenava e eu me sentia cada vez pior. Eu havia me afastado dos meus pais e alimentado dentro de mim um sentimento de revolta e mágoa por tudo o que eles me permitiram passar. Carregava em meu coração as feridas abertas adquiridas na infância. Todas as brigas, todas as palavras negativas e todos os momentos em que meus pais se omitiram estavam gravados em minha

memória, como se alguém entalhasse dizeres na madeira. Mas por outro lado eu tinha consciência de que os machucava e o pesadelo só veio reafirmar o que eu já sabia: sou um desastre quando se trata da minha família. E era quando me dava conta disso que eu mais me odiava. Miriam me empurrava de leve. Acordei já com os olhos secos, havia chorado tudo o que conseguia durante o pesadelo.

— O que aconteceu com você? — Ela perguntou sentando-se na beirada da minha cama, estava visivelmente preocupada.

Cobri meus olhos com as mãos, meu rosto devia estar inchado.

— Tive um sonho muito, muito ruim. — empurrei as cobertas para me levantar. O relógio entrou no meu campo de visão e eu dei um salto. — Os alunos já estão lá embaixo. Estou superatrasada!

— eram 8h40 da manhã.

— Tudo bem, já resolvi isso. — Ela me tranquilizou. — Eles estão pintando paisagens. — observou-me dando voltas pelo quarto, um tanto desnorteada. — Tem andado muito atarefada, Carol, acho que devia tirar um tempo para você. Que tal sair um pouco para se distrair agora de manhã? — sugeriu trançando sua cabeleira ruiva.

— Ir para onde? — notei Pepino rasgando alguma coisa.

— Sei lá... Vá tomar um café em alguma padaria, dê uma volta pelo centro da cidade... — Alguém a chamou, então ela levantou da cama e desceu as escadas.

Dei uma olhada pelo quarto arrumado com uma decoração sóbria.

— Ah, não! — corri para o Pepino e peguei o cartão que ele estava quase engolindo. Os dentinhos afiados dele fizeram um pequeno corte em meu dedo.

Levantei-me do chão, peguei algumas roupas, o cartão e fui para o banheiro ouvindo os resmungos do filhote. Lavei minhas mãos e coloquei o *Band-aid* que achei na gaveta da pia. Minha barriga reclamava querendo comida. Troquei de roupa rápido e li o que estava escrito no cartão. "É uma boa hora para fazer visita àquela empresa de jardinagem", pensei saindo do banheiro e enrolando um cachecol no pescoço.

De longe avistei um canteiro de cravos vermelhos próximo à janela e uma placa indicando a empresa de jardinagem, uma quadra depois da Padaria Sonho de Mel, famosa na cidade. Estacionei minha bicicleta e entrei na padaria para tomar o café

da manhã. Sentei-me numa banqueta de alumínio e pedi um *cappuccino* e rosquinhas. Minutos depois minha bebida chegou, mas eu preferi começar pelo doce.

— Café, por favor — disse o rapaz ao meu lado que logo reconheci a voz.

Nossos olhos se encontraram quando ele virou o rosto e ficou me olhando um instante antes de dizer.

— Não pensei que nos veríamos tão cedo. Você não tava com cara de que me ligaria. — deu uma risada baixa, olhando seus próprios dedos, que tamborilaram sobre a mesa. Torci os lábios tentando evitar um sorriso e mostrei a ele o cartão que meu cachorro mastigou.

— Ah, então foi isso. — Ele recebeu o café e agradeceu. — Aquele dia eu nem me apresentei, meu

nome é Douglas.

Estendeu a mão, mas eu não correspondi. Então pegou sua xícara com a bebida e colocou açúcar, provando em seguida.

— Desculpe-me — sussurrei lembrando-me de repente do motivo que me levou ali. Cruzei os braços sobre a bancada de madeira e deitei meu rosto neles.

— Desanimada? — olhou de lado.

— Pior que isso.

Parou o que estava fazendo e apoiou o cotovelo na bancada, ficando de frente para mim e colocando o peso do corpo sobre o cotovelo. Fez uma cara de solidariedade e disse sério.

— Não fique assim. O dia está maravilhoso lá fora e seu *Band-aid* azul claro com desenhos da Minnie é uma gracinha.

Não pude deixar de rir, ele me acompanhou rindo também. Quando encontrei Douglas em minha casa, oferecendo serviço de jardinagem, não imaginei que ele pudesse ser divertido. Eu o achei tímido e reservado, mas só até tomar café, ele tornou-se elétrico!

— Vamos fazer um brinde? — Douglas pegou a xícara e a levou em minha direção, eu levantei o rosto.

— Brinde a quê?

— Ao dia. Ao lindo céu azul e nuvens brancas. Ao frio. Ao vento. Às suas rosquinhas e ao meu café que está esfriando! — Ele sorriu e eu acabei rindo mais uma vez.

— Você é sempre palhaço assim? — brinquei.

— Sempre que posso. — continuou sorrindo, as covinhas da bochecha se acentuando. — Sabe,

hoje eu acordei e decidi que a vida é uma só... — Eu o interrompi.

— *Decidiu* que a vida é uma só?

— Você não me deixou terminar. — levantou uma das sobrancelhas. Eu esperei. — A vida é uma só, então a única coisa válida é ser feliz. Não vale a pena ficar triste, com raiva, desanimado... Entendeu?

Fiz que sim com a cabeça.

— Você está certo. — bebi um pouco do *cappuccino*.

— Você continua desanimada — retrucou estreitando os olhos e bebeu café em seguida.

— Estou passando por alguns problemas familiares.

Podia jurar que ele havia sorrido. Eu o encarei

muito séria.

— Isso significa que você tem família — justificou-se sorrindo mais. — É um motivo para se alegrar.

Franzi a testa. O otimismo dele era inacreditável.

— Você é maluquinho! — falei espantada.

— E você é sortuda.

— Eu? Por quê? — coloquei uma mão no colo, sobre o cachecol.

— Por dois motivos. Não, três. — Ele parecia pensar, esperei, e então continuou. — *Primeiro* você tem uma família; *segundo* você tem um cachorro. — Ele levantou o cartão, eu concordei com um aceno de cabeça. — *Terceiro* agora você me considera seu amigo. — sorriu para mim e eu retribuí o sorriso.

— Mas você também deve ter tudo isso...

Ele passou os olhos castanhos escuros pela padaria enquanto pensava.

— Não exatamente. Meus pais morreram há muitos anos. Eu tenho um peixe, não um cachorro. E não posso te considerar minha amiga — Ele fez uma pausa. —, porque você não se apresentou. — cruzou os braços sobre a bancada.

Preferi não fazer comentários sobre os itens anteriores.

— Meu nome é Carolina. É um prazer conhecê-lo, Douglas. — apresentei-me sorrindo. — Agora eu posso ser sua amiga?

Ele fingiu pensar por um breve momento.

— Claro que sim. — deu um lindo sorriso.

Ri um pouco e mordi o lábio enquanto

escolhia um pedaço de rosquinha para comer. “Foi tão fácil! Nunca fiz um amigo tão rápido.”, pensei animada. Voltei os olhos para Douglas e o observei um instante enquanto fazia sua refeição. Ele tinha os olhos levemente puxados, o cabelo liso, desalinhado, roçava no pescoço e era da mesma cor da sua íris castanha-escura. Tinha um jeito de ser que me fez ficar encantada em conhecê-lo e sua voz grave, mas divertida, me fazia ter vontade de ouvi-lo falar o dia inteiro.

— Algo errado? — perguntou ao levantar os olhos e me pegar olhando-o.

— Não, de forma alguma.

O atendente da padaria chegou até nós.

— Posso? — apontou para nossas xícaras vazias e meu prato com uma rosquinha inteira e outra pela metade.

Peguei a rosquinha pela metade, Douglas pegou a outra. Pagamos a conta e saímos da padaria.

A tal empresa de jardinagem era uma loja pequena com um enorme jardim nos fundos. Nós dois ficamos caminhando por entre as plantas sem dizer praticamente nada.

— Então... por que está com problemas na família? — Ele puxou assunto.

Demorei um pouco para responder, por um momento só ouvimos o barulho do cascalho em que pisávamos. Era certo expor meus defeitos no primeiro “encontro”?

— Sou uma filha ausente — declarei baixinho.

— Hmm...

— Não sou muito afetuosa com meus pais. Aconteceram algumas coisas na minha infância que me deixaram magoada, me afastaram deles...

Notei que ele havia encolhido os ombros com o que eu disse. Olhei para Douglas e o seu semblante era de receio.

— O que houve? — Eu perguntei.

Virou para mim um tanto surpreso e deu um sorriso forçado, não típico dele.

— Nada.

Olhei o relógio no meu pulso.

— Eu tenho que ir agora. — comecei a caminhar rapidamente em direção a minha bicicleta que tinha levado para a loja de jardinagem. Douglas me acompanhava.

— Quando nos veremos novamente? — perguntou depressa.

— Não sei. — parei para pensar. — Ah, apareça algum dia no ateliê.

Montei em minha bicicleta. Quando ia saindo ele segurou meu braço fazendo-me parar.

— Faça de hoje um dos seus melhores dias, tá bom?

Apesar de sua voz estar banhada de delicadeza, aquilo parecia uma ordem. Balancei a cabeça positivamente e voltei para casa.

***

Depois do almoço coloquei gasolina no meu Corsa preto e fui para a casa dos meus pais. Remexi em minha bolsa no banco do carona e inseri um CD de bossa nova no aparelho de som do carro.

“Procure relaxar. A tarde vai ser muito agradável.”, pensei em voz alta.

O tráfego na rodovia estava tranquilo, eu poderia dirigir mais rápido se quisesse, mas a ideia de ir à casa dos meus pais provocava desânimo em mim. Tomei a pista da direita e deixei que os carros passassem voando pelo meu. Eu sabia que não devia agir dessa forma, não devia continuar sendo indiferente, mas eu não conhecia nenhuma fórmula mágica que mudasse a situação. Cheguei a casa exatamente às 14h03.

— Atrasada cinco minutos. — Minha mãe cumprimentou, ao abrir a porta, como se dissesse um "bom dia".

"Esta vai ser uma longa tarde...", eu pensei.

— Três, na verdade — retruquei tentando sorrir. Entrei na casa, havia algumas coisas novas, estava bem decorada e alegre, mas o cheiro de lavanda continuava o mesmo.

— Edgar, a Carolina chegou — gritou minha mãe ao meu lado.

— Já vou indo — respondeu apoiando-se no corrimão para descer as escadas. Estava de ótimo aspecto, os fartos cabelos grisalhos penteados de lado, o semblante sereno combinava bem com as rugas nos cantos da boca e dos olhos, estes cinza e risonhos por trás das lentes dos óculos de armação quadrada. Seu peso sempre foi um pouco acima do ideal, mas por ser alto a sua aparência se tornava até harmoniosa. Usava blusa azul, gola polo, uma calça de linho e *top sider* nos pés.

"Faça de hoje um de seus melhores dias", lembrei. Esforcei-me indo ao encontro de meu pai e o abracei sentindo o mesmo perfume que ele usou durante a vida toda. Havia muito tempo que não sentia o calor de um abraço, principalmente o dele. Um pouco surpreso ele só me abraçou quando eu

estava prestes a soltá-lo.

— Como você está, pai? — perguntei enquanto íamos para a sala de estar.

— Estou bem, apesar de tudo... — respondeu.

“Apesar de tudo...”, mordi o lábio ao ouvir essa expressão.

— Sua mãe é muito dramática, não preciso de um médico. Sou forte como um touro. — prosseguiu, depois deu um largo sorriso. Eu também sorri.

Minha mãe veio da cozinha com uma bandeja de alumínio onde estava um conjunto de xícaras e bule de porcelana. “Chá”, adivinhei. Serviu a nós dois e colocou a bandeja sobre a mesinha de centro.

— Ficou muito bom. — Meu pai elogiou.

Samantha sentou-se numa poltrona perto de nós. Vi minha mãe apertar os olhos puxados, cor de

jabuticaba, como se faz quando se está sorrindo enquanto tomava o chá de erva doce. Usava um conjunto social bege e rosa claro, belíssimo, e um batom, num tom vermelho extravagante, tingia seus lábios volumosos. A pele nunca parecia desgastada pela idade, uma por ser adepta de cremes desde a juventude, outra por ser indígena, seu tom de pele disfarçava qualquer sinal de envelhecimento. Os cabelos cortados em chanel haviam recebido tinta preta para esconder os fios brancos. Eu não tinha muito o que dizer, nossos assuntos se esgotavam logo após o "oi, como vai?", "estou bem, e você?", "bem também, obrigada por perguntar". Ou nem isso.

— Está tudo bem com vocês? — perguntei começando o ritual.

— Sim. — Minha mãe respondeu, mas mudou o rumo da conversa. — Semanas atrás estivemos

com os meus irmãos...

Não me senti chateada por não terem contado que fizeram uma viagem tão longa, mas fiquei curiosa pelo motivo, já que estávamos no segundo semestre do ano, mas a quatro meses do Natal.

— E depois disso pensamos seriamente em nos aproximar mais deles.

— Então as viagens serão mais frequentes? — perguntei e coloquei mais chá na minha xícara, bebendo em seguida.

— Ter companhia vai ser bom para nós. — Meu pai comentou, e eu quase encarei como uma indireta.

— Na verdade — Minha mãe pressionou as mãos juntas sobre as pernas cruzadas, melhorou a postura respirando fundo por algum motivo. —, estivemos analisando a possibilidade de nos

mudarmos para lá.

Engasguei.

— Desculpe, eu não entendi — falei tossindo.

— Já colocamos anúncio no jornal para vendermos a loja da sua mãe. Conseguiremos viver da minha aposentadoria até abrirmos outro negócio. — Edgar contou.

— Não pode fazer isso — briguei com minha mãe. —, demoramos *anos* para conseguir montar sua loja! E isso é muito recente, como pode tomar uma decisão séria dessa sem nem pensar direito?

— Vínhamos pensando nisso há muito tempo. — Samantha admitiu. — Estávamos esperando só a oportunidade.

— Vamos colocar à venda nossa casa também para comprar outra no Sul do país. — Meu pai

completou ajeitando os óculos sobre o nariz.

Eu já estava pasma com as revelações daquela tarde, mas nada se compara ao gosto amargo que me veio à boca com a notícia que se seguiu.

— E você vai conosco — disse Samantha para mim com seriedade.

— Como é? Eu? Por quê? — dei uma risada de nervoso e um frio perturbou minha barriga ao olhar a expressão grave no rosto dos dois, isso já estava mais que decidido. — Eu não quero ir! — explodi. — É ridículo, o que eu tenho a ver com isso?

— Acha mesmo que nós vamos embora e iremos deixar você *sozinha* nesse Estado? — Minha mãe indagou irritada e sentindo-se altamente responsável por mim. — Você é nossa filha e faz o que a gente mandar! Nós sabemos o que é melhor para você, Carolina!

Começamos a discutir feio e cada vez mais aumentando o tom de voz. Ela se achava no direito de decidir por mim, e eu considerava isso um ato injusto. De repente começou a jogar na minha cara todas as minhas malcriações e os desafios que teve para me criar, falava também que eu era uma filha ingrata e que não sabia dar valor a eles. Eu estava a ponto de me debulhar em lágrimas.

— Já chega! — gritei e me levantei do sofá. — Quando estiver pronto, vá para o carro, estarei lá — falei ao meu pai já de costas saindo depressa da sala.

Atravessei o jardim da frente a passos largos, destravei as portas do carro com o controle e dei a volta no meu Corsa estacionado em frente a casa, na sombra de uma árvore. Quando me sentei no banco do motorista e repousei as mãos sobre o volante elas tremiam. Só ao sentir uma lágrima escorregando pela ponta do meu nariz é que percebi que já estava

chorando ao sair da casa.

— Quando estarei livre de tudo isso? — sussurrei amargurada e encostei a testa no volante.

Três

— *Foi um desastre!* — *Eu disse a Miriam pelo telefone, minutos depois de ter chegado em casa naquela tarde.*

— O que eles aprontaram dessa vez?

— Querem me levar para o Sul do país! — anunciei exaltada. — Não sei o que fazer, não quero ir embora, Miriam — lamentei desabando no sofá de três lugares.

— Calma, vamos dar um jeito. Seus pais têm de entender que você tem quase 24 anos, não precisa de babá.

— Esse é o mal de ser filha única. — choraminguei.

— É... Eu sinto muito, Carol — disse no mesmo tom de tristeza que eu. — Mas talvez eles possam mudar de ideia, principalmente porque você deve ter se posicionado contra.

— Meus pais são cabeça dura, principalmente a minha mãe — contei. — E é sempre assim: tudo o que eu quero, ela quer o contrário. Além de insistir em dizer que eu não faço nada certo. Duvido que ela leve em conta o que eu penso porque nesse momento está achando que não fez nada errado.

— Tenha paciência, ainda é muito cedo para dizer se as coisas vão funcionar como eles querem. Agora eu preciso desligar, a gente conversa sobre isso outra hora. Tchau, beijo.

— Tchau — falei desanimada e coloquei o telefone no lugar voltando para o sofá em seguida.

Fiquei olhando o teto. A luz alaranjada que

entrava pela janela indicava o fim do dia. Suspirei. Apesar de saber o quanto contribuí para o fracasso do meu relacionamento familiar não achava justo decidirem por mim. E todas as coisas que conquistei? E todo o esforço que tive para chegar aonde cheguei? Não podia abrir mão disso e começar do zero.

As lágrimas embalaram meu sono, encolhida no sofá da sala. Despertei ao som do telefone às 20h56. Levantei-me com um pouco de preguiça, Pepino saiu da cozinha e foi xeretar o barulho na sala me rodeando querendo brincar. Peguei o aparelho sem fio me aninhando no sofá de novo, e o filhote ficou brincando com a minha mão que deixei no chão para distraí-lo.

— Alô? — Eu disse imaginando ser a Miriam.

— Oi Carol, é o Douglas. Lembra-se de mim?

— Hmm, Douglas? Pra falar a verdade... não. — brinquei.

— Droga, ela me deu o número errado — resmungou baixinho, mas deu para ouvir. Eu comecei a rir.

— Quem te deu meu telefone? — perguntei curiosa.

— Carol?

— Sim — respondi.

— Foi a Miriam.

Consegui visualizá-lo sorrindo em minha mente.

— E o que quer falar comigo? — falei sentando-me. Estiquei o braço e puxei a cordinha do abajur azulado, na mesinha ao lado do sofá, acendendo sua luz. Pepino resmungou, pois eu não

deixava que ele subisse no estofado.

— Queria saber como foi o seu dia. — A voz gentil ressoava ao meu ouvido.

— Você é uma gracinha! Se pudesse eu apertaria as suas bochechas. — Eu disse o que me veio à mente e de repente me senti uma completa boba, mas só até ele começar a rir, então pude ficar à vontade novamente.

— Engraçado, parece até que nos conhecemos há um tempão. — Douglas comentou. — Ah, e pelo jeito seu dia foi ótimo.

— Na verdade, não — admiti envergonhada. — Estive na casa dos meus pais agora à tarde e... — respirei fundo. — bom, nós brigamos.

— Não acredito Carolina — disse decepcionado. —, por que não consegue segurar a

raiva por um tempo?

— Você fala isso porque não tem pais — murmurei rapidamente, sem pensar, e me arrependi na mesma velocidade.

Ele ficou em silêncio e meu coração miudinho, apertado.

— Desculpe-me, eu não queria ter dito isso. De verdade — falei com sinceridade. Ele suspirou. — Francamente, não sei como você me suporta, só faço coisa que não deve...

— Não é bem assim. Todo mundo erra. Só... — A voz dele ficou trêmula. — temos que nos arrepender e não continuar no erro.

— Amém. — zombei tentando quebrar o clima ruim. E nós dois rimos de novo. — Como foi o seu dia?

— Foi bom. — começou a falar com a voz engraçada que muito me divertia. — De manhã dei comida para Sheila, o meu peixe beta. Fui à padaria e conheci minha melhor amiga, e...

— Conheceu? — interrompi-o.

— Sim. Ela era minha amiga — explicou com calma. —, mas a partir do momento em que eu peguei o telefone dela com a Miriam, ela se tornou minha melhor amiga.

Peguei-me rindo por conta disso.

— Continuando: aí nós passeamos. Depois eu almocei e passei no ateliê dela para pegar o telefone, conheci o filho dela, Pepino. Pensei em sequestrá-lo, mas me lembrei do *Band-aid* no dedo da minha melhor amiga e imaginei que o filho dela devesse ser bravo.

Encontrei a pessoa certa para ser meu amigo.

Nunca havia estado tão à vontade com alguém. A cada semana nossas conversas passavam a ser mais animadas e longas, ele sempre procurava um jeito engraçado de contar algum fato de sua vida e me convidava para um passeio no fim da tarde. Estava me sentindo menos solitária agora com o Douglas como amigo, ele me fazia enxergar que tudo na vida tinha um lado bom e me ensinava a ver beleza nos pequenos gestos.

Douglas tinha acabado de fazer 23 anos e trabalhava com seu tio na empresa de jardinagem. Eu não encontrava coragem para perguntar se ele tinha namorada, mas acreditava que o tempo que dedicava a mim indicava que não tinha compromisso com alguém. Era, definitivamente, o cara mais incrível que eu conhecia. E eu o admirava por ser tão otimista e simpático.

— Carol, será que você aceita jantar comigo

amanhã à noite? — Ele disse certo dia.

— Claro! — falei sorrindo.

— Passo aí às 19h30, tá?

— Certo.

— Até amanhã, melhor amiga.

— Até.

Saí do ateliê e fui dar comida para o meu filhote. Ele estava mais gordinho e saudável do que nunca, com disposição para correr pela casa inteira levando minhas meias secretas e escondendo-as nos mais diversos locais.

Lavei as mãos e fui preparar o meu lanche também. Passei margarina no pão de forma e coloquei café numa xícara. Enquanto comia e pensava em tudo o que havia acontecido naquele dia uma pontada de tristeza e um pensamento

desconcertante me vieram à mente.

Não havia conversado com os meus pais depois de ter discutido com eles. O assunto sobre a mudança não foi resolvido e eu não sabia como andava a venda da loja. Só conseguia pensar que eles não podiam fazer isso comigo, não era justo, eu não era mais aquela garotinha que pedia abrigo à noite quando tinha medo de trovão, eu havia crescido e me tornado autossuficiente.

Respirei fundo forçando-me a não chorar e sustentei o rosto com a mão e o cotovelo apoiado à mesa. Odiava me sentir vulnerável. Fingi estar tudo bem, enquanto aos poucos meu mundo virava de cabeça para baixo. Eu devia estar sendo punida por ter me ausentado da vida em família.

— Não... — falei a mim mesma, esfregando a mão na testa. Inspirei profundo e soltei o ar dos pulmões pela boca ruidosamente. — Vai ficar tudo

bem.

***

Fui dormir cedo e em consequência disso acordei cedo também. Já era em tempo, eu precisava trabalhar com mais afinco.

— Olá, meninas. — Eu disse calorosamente às minhas alunas.

No sábado eu dou aula de 9h às 11h30, de pintura em madeira. Tenho oito alunas. Três senhoras, uma menininha e quatro adolescentes. Meu ateliê mais parecia uma estufa, com todas aquelas plantas penduradas nas armações de ferro que sustentavam o teto de vidro. As mesas retangulares, para duas pessoas cada, formam duas fileiras, no caminho entre elas é preciso passar desviando-se de alguns cachos de folhas e flores que as plantas derramavam.

Fazíamos os trabalhos artísticos e depois nós os colocávamos à venda na Praça Central, um local da cidade em que nos fins de semana acontecem eventos culturais; feiras de artesanato; onde os pais levam suas crianças para brincar nos parquinhos; o cheiro de pipoca é constante; é o lugar das lojinhas de comida caseira e barracas de *souvenir*.

Eu e Pepino almoçamos no apartamento de Miriam e Raquel, sua irmã de 12 anos, depois deixamos o filhote no *Pet Shop* para tomar banho e fomos ao Centro da cidade fazer compras. Decidimos entrar numa loja que fora inaugurada há pouco tempo e que tinha uma vitrine linda, com três manequins usando roupas coloridas, anunciando o fim do inverno e dando as boas-vindas à primavera.

— Quando é que vai apresentar para nós este seu amigo misterioso? Quero vê-lo! — exigiu Raquel com sua melhor carinha de impaciência erguendo o

canto do lábio superior, mostrando os dentes separadinhos.

— Misterioso? — repeti amarrando meus longos cabelos pretos num rabo de cavalo colocando atrás da orelha a franja de lado.

— É, oras — abanou as mãos no ar. —, a Miriam já saiu com praticamente todos os garotos nesta cidade. — andou por entre as araras de roupas. — Se ela não conhece teu amigo... ele se torna misterioso!

Miriam fechou a cara e franziu o nariz sardento.

— Não saí com todos! — protestou.

— *Quase* todos. — assinalei, me divertindo. — Que tal esta blusa? Ele vai me achar muito criança com ela? — mostrei uma peça branca, de alças rendadas, com três botões e um bolso rosa.

— O que ele vai pensar eu não sei, mas eu achei a sua cara. — Miriam respondeu com várias peças de roupa nos braços.

— Como uma roupa pode ser a cara de uma pessoa? — perguntou Raquel.

Eu e minha amiga nos olhamos.

— Sendo — respondemos juntas.

— Não entendo. — Raquel sentou-se no chão nos esperando.

— Acho que deve levar uma blusa de frio, o inverno está indo embora, mas à noite ainda venta bastante. — A ruiva me disse.

Assenti e fui procurar uma blusa que ficasse bem com a minha roupa. Minutos depois voltei com uma jaqueta *jeans* escura. Experimentei dobrando as mangas em ¾, olhando-me no espelho.

— Como se sente? — Raquel perguntou para mim.

— Bem, as peças combinaram e vai ficar bom com a calça *jeans* que eu tenho. Vou levar.

Avaliou-me com aquela carinha sabida.

— Quero dizer em relação ao Douglas! — Ela falava séria.

Eu e Miriam não nos aguentamos de tanto rir.

Buscamos Pepino no *Pet Shop* e ficamos passeando no Centro para fazer hora. Eu não estava a fim de ficar sozinha em casa, era melhor me ocupar com coisas boas. Raquel estava levando Pepino, ou melhor, sendo arrastada por ele. Ela é um pouco menor em relação às meninas de sua idade e bastante inteligente. Tem os cabelos ruivos, cacheados, abaixo dos ombros, como sua irmã, eu a

fiz prometer não cortar menor que isso. A mãe delas se divorciou do marido quando estava grávida de Raquel. Quando a menina ainda era um bebê, a mulher faleceu. As duas vivem com a avó num pequeno apartamento, três quadras da minha casa. Este é um dos vários motivos pelos quais eu me recuso a morar no Sul, elas são a minha família.

— Está tudo bem com você, Carol? — Miriam perguntou.

Demorei a responder continuando a andar devagar pela calçada. Estava ficando difícil deixar de imaginar o que aconteceria se meus pais levassem a ideia adiante. Constantemente eu me pegava pensando no que iria sacrificar, mas às vezes tentava acreditar que era só uma ideia súbita e de momento, até que eu caía na real e lembrava que tudo o que meus pais diziam que iam fazer, era feito. Ela tocou meu braço para chamar minha atenção. Esforcei-me

para afastar meus pensamentos.

— Está. — Eu respondi.

— Você parece muito preocupada... Conversou com *eles* sobre a viagem?

— Ainda não — admiti.

— Pois devia.

— Eu sei — respondi baixinho, olhando para o chão.

— Não estou reconhecendo essa sua procrastinação, você não era assim. — parou de andar e se pôs na minha frente.

Coloquei as mãos nos bolsos da calça e olhei em volta, encolhi os ombros quando respondi à Miriam.

— Confesso que tenho medo de telefonar para eles e não gostar do que vou ouvir.

— Quanto mais tempo demorar a resolver isso, mais a situação vai sair do seu controle.

— Já saiu. — apertei os lábios.

— Mimi, segure ele! — Raquel gritou. Pepino havia se soltado da coleira e vinha correndo em nossa direção.

Miriam conseguiu pegá-lo, mas foi derrubada no chão, fazendo sua irmãzinha e eu rir.

— É isso aí, Pepino, do jeito que eu te ensinei! — sorri.

— Fica ensinando coisa errada pra ele, fica... — Ela disse levantando-se. — Vamos para casa — falou para Pepino. —, daqui a pouco sua mamãe vai ter um encontro.

— Grrr. Já disse que não é um encontro!

Quatro

Às 19h27 ele havia estacionado a moto azul em frente ao meu portão, pude ver pela fresta da cortina do meu quarto. Desci as escadas devagar, tentando lembrar se não havia esquecido nada. A casa ficava muito vazia sem Pepino correndo nela, Raquel tinha implorado para eu deixá-lo com ela até a hora que eu voltasse.

Abri a porta instantes depois de ele ter tocado a campainha. Sentime completamente extasiada pelo perfume magnífico que usava. Era um cheiro, digamos que verde, refrescante, mas intenso, inebriante. Estava muito bem-vestido com uma jaqueta preta, de couro, calça *jeans* e blusa cinza-escuro. A barba tão bem feita que duvidei tê-lo visto algum dia com ela por fazer.

— Oi? — perguntou confuso pela minha demora. — Ainda decidindo se vai sair comigo ou não? — disse fazendo com que meu rosto queimasse por baixo da leve maquiagem que havia feito.

— Não é isso. — Eu disse rapidamente virando-me de costas e trancando a porta. — Eu só... estava avaliando o ar.

"Estava o quê?", pensei enlouquecida.

— Temperatura?

— Isso! — apressei em confirmar, terrivelmente envergonhada.

Ele sorriu. Fiz o mesmo, só que forçado.

— Vim com blusa de frio, mas acho que nem vai esfriar muito. A propósito — Ele virou para mim enquanto nos dirigíamos para a moto. —, você está linda.

Sorri com sinceridade dessa vez. Ele deve ter percebido, pois seus olhos adquiriram um brilho especial. Douglas subiu na moto e estendeu a mão para mim, eu a segurei e subi também.

— Tome este. — entregou-me um capacete.

Depois de nós dois termos colocado os capacetes ficamos parados ali em frente ao portão de minha casa o que achei bem estranho.

— O que foi? — Eu quis saber.

— Não faço ideia de onde coloquei a chave da moto.

Caí na gargalhada, e ele pôs-se a procurar a chave por todo o corpo até encontrá-la presa no regulador do seu capacete.

— Não sei onde estava com a cabeça. — Ele disse rindo. Eu ficava encantada com aquele som.

— Sua risada vai ser minha música preferida

agora — contei.

— Minha risada? Ih, acho que vai enjoar de tanto ouvi-la.

— Duvido. — Eu disse desafiando-o. Coloquei as mãos em seus ombros assim que ele ligou a moto.

— Aposto cem pratas que no fim dessa noite você vai me mandar calar a boca. — Ele segurou minhas mãos e as tirou dos seus ombros.

— Fechado! — apostei. Douglas passou meus braços em volta de sua cintura fazendo-me abraçá-lo. Ele percebeu meu desconforto, pois tentei não apertá-lo.

— Costumo dirigir rápido — justificou-se.

— Não quero morrer hoje. — Então ele deu uma risada e saímos dali.

Fomos a um restaurante muito agradável. O

ambiente era iluminado pelos lustres de madeira que pendiam sobre cada mesa lançando uma luz amarelada. Para as mesas, tinha opção de duas ou quatro cadeiras, escolhemos a mesa pequena com duas cadeiras acolchoadas e sobre ela havia jogos americanos vermelhos e uma garrafinha de vidro com uma flor do campo dentro. O cheiro vindo da cozinha era delicioso.

Pedimos a comida e ficamos olhando pela janela a pracinha do outro lado da rua. Era uma linda noite; céu sem nuvens, estrelado, Lua imensa e brisa gelada. Mas o silêncio estava me incomodando, pensei em alguma pergunta para fazer a ele, até que, quando virei para olhá-lo, Douglas parecia estar observando-me há um tempo. Seu rosto não ficou corado, mas ele torceu o canto do lábio, sem jeito. Abaixei os olhos e o garçom chegou com os pratos. “Que alívio!”, imaginei que ele tenha pensado o mesmo, porque estávamos embaraçados.

— Mora aqui há muito tempo? — perguntei por fim.

— Mudamos para cá assim que eu nasci — respondeu trocando os talheres de lado, era canhoto. — E você?

— Quase quatro meses.

Ele me olhou bastante sério.

— Por acaso... fugiu de casa?

— Não, não — falei e balancei a cabeça. — Eles me expulsaram, mesmo.

Ergueu as sobrancelhas em surpresa.

— Tava brincando, calma. — abanei as mãos e dei risada.

— Você não parece ser uma filha terrível, como diz — comentou gentilmente, mas com seriedade.

— ... talvez eu não seja. — refleti. Coloquei os cabelos para trás dos ombros.

Dessa vez veio a comida.

— Hmm... Parece ótimo! Obrigado. — Douglas agradeceu ao garçom sorrindo.

Enquanto jantávamos eu o observei separando as azeitonas no canto do prato e vi que eu fazia o mesmo com a salsinha. Quando ele levantou o rosto e olhou para mim, depois para o meu prato, abriu um sorriso.

— Mais alguém com um péssimo hábito. — brincou.

— Pra variar. — sorri.

Colocou Coca-Cola em seu copo e perguntou se eu queria, fiz que sim com a cabeça e ele me serviu.

— Se você pudesse mudar alguma coisa na sua

vida, qualquer coisa, o que mudaria? — perguntei.

Ele pensou um pouco.

— Um acidente... há dez anos.

"Seus pais", me lembrei do que havia me dito dias atrás.

— Consegue imaginar como seria sua vida se eles estivessem aqui? — apoiei os pulsos na beirada da mesa.

Douglas olhava a paisagem pela janela. O garfo em sua mão esquerda pairava sobre a comida.

— Quer mesmo falar sobre isso? — voltou o rosto para mim, olhando-me diretamente nos olhos. Não senti que estava chateado, e ele não deu a entender que eu tinha falado algo errado, mas não consegui sustentar o olhar por muito tempo.

— Não — respondi e voltei a atenção para a

comida em meu prato.

— Mas e você? — perguntou alguns minutos depois. — Mudaria alguma coisa?

— Acho que moraria num lugar mais quente — falei depois de beber refrigerante. — Caribe, talvez.

Ele riu.

— Hmm... — fechei os olhos sorrindo. — Minha música preferida.

Douglas riu ainda mais.

— Vá por mim — Ele disse. —, uma hora você vai enjoar.

— Vou pagar pra ver.

Fomos para a praça próxima ao restaurante assim que terminamos de jantar. Era repleta de

canteiros floridos, árvores, uma área para as crianças brincarem e bancos de concreto. Sua iluminação se dava por oito postes de luz e holofotes de jardim. No meio da praça havia um laguinho artificial com uma ponte simples. Era a primeira vez que eu ia ali.

— A Lua está linda hoje. — Ele comentou enquanto íamos em direção à ponte.

Paramos no meio dela, apoiei meus cotovelos na mureta enquanto olhava para o céu, ele fez o mesmo. Vi que remexeu no bolso da calça e tirou algo de dentro.

— Tenho uma moeda, quer fazer um pedido? — mostrou a mão aberta com uma moedinha velha de cinco centavos e um clip de papel metálico, na palma.

— Passo minha vez para você. — peguei o clip e deixei a moeda.

Ele ficou de costas para a mureta, parado um instante, pensando. Entortei o clip de papel até formar um coração e guardei em meu bolso. Ouvi o barulhinho da moeda batendo na água.

— O que pediu?

— Se eu disser não vai se realizar.

— E você quer muito que se realize?

Olhou para mim e deu um sorriso de lado.

— Quero.

Voltamos a apoiar os cotovelos na mureta e senti a brisa fria entrar pelas minhas roupas. Subi o zíper da jaqueta *jeans* e escondi as mãos nos bolsos, ficando ereta, ao invés de apoiada.

— Conte-me um pouco mais de sua vida? — pedi.

— Mais? Acho que já sabe de tudo.

— Não sei de tudo...

— Escute. — levantou o dedo indicador ao ar.

— O que é?

— Vai fazer de novo, escute.

Era o som de uma coruja com um ninho ali perto, talvez na árvore mais alta. Não demorou muito para ela sair voando e passar por cima de nossas cabeças, mas não oferecendo risco.

— Gosta de corujas? — Eu quis saber acompanhando com os olhos o voo dela por toda a praça e depois sumindo da minha vista.

— Gosto. Tentei ter uma quando era criança, mas não durou muito, principalmente porque ela não me reconhecia como seu dono. — deu um sorriso. — Já teve outros cachorros além do Pepino? E por que Pepino? — riu.

— É uma longa história. — encolhi os ombros sem graça. — Nunca tive nenhum animal; meus pais não gostam — respondi.

— Mas nem unzinho mesmo? — insistiu.

— Se serve de consolo, tive um besourinho — contei lembrando-me vagamente. — Acho que durou um dia. Eu o guardei dentro de uma casinha dourada de ferro que eu tinha, deve ter morrido de fome.

— Sinto muito. — demonstrou pesar de brincadeira.

— Já cuidei de uma joaninha também, mas ela voou antes de eu guardá-la na casa de ferro.

— Essa teve mais sorte. — fez que tinha dito sem querer. — Quer dizer...

— Já entendi. — ri. — Mas o Pepino vai bem.

— dei um sorriso enorme.

— Graças a Deus! — fez piada. Nós rimos, mas minutos depois ele ficou sério, olhando para o lago.

— O que foi? — perguntei tirando as mãos do bolso e colocando-as sobre a mureta.

— Eu só... me lembrei da infância. — mantinha os olhos em algum lugar a sua frente.

Não disse nada, o assunto não me deixava feliz.

— De repente me veio à mente àquela hora em que você está voltando da escola e há centenas de alunos no portão esperando para sair e você consegue enxergar somente um sorriso — disse com a voz doce, calmamente. — Só um, no meio daquela multidão toda.

“Não, Douglas, não...”, lamentei com o nó chegando à garganta.

— E você corre até aquele que possui o sorriso que você tanto espera ver, depois de um dia inteiro longe. E ele te levanta no colo, te abraça, pergunta como foi o seu dia e juntos caminham de volta para casa.

Meu rosto estava enterrado nas mãos e eu fazia de tudo para reprimir as lágrimas. Ele não fazia ideia do quanto ouvir aquilo tudo me fez sangrar. Minha infância havia sido horrível. Eu sempre me senti rejeitada, tanto pelos meus pais, quanto pelos meus colegas de escola.

— Eu sinto falta disso. — Ele disse baixinho, abaixando a cabeça. — Sinto saudade dos meus pais.

Fez-se um longo silêncio que só foi quebrado quando ele me ouviu buscar ar e viu o estado em

que havia me deixado.

— Carol? — chamou depois de ter virado o rosto.

Eu estava sentada no chão, as costas na mureta, encolhida, e a testa apoiada nos joelhos. Escondia meu rosto.

— Carol, o que aconteceu? — disse com carinho e abaixou-se ao meu lado.

— Não é irônico você querer seus pais que se foram e eu querer afastar os meus que estão comigo? — perguntei com a voz abafada pelos meus braços, criando barreiras ao meu redor. Ele não respondeu, mas sentou-se no chão junto a mim.

— São lindas as lembranças que tem dos seus pais, mas são dolorosas demais de se ouvir — falei baixinho. — Você teve sorte...

— Eu não tenho sorte — retrucou. — Meus pais morreram.

— Mas eles te amaram! — rebati amargurada. Apertei ainda mais os braços a minha volta e sussurrei. — Te amaram enquanto havia tempo.

Douglas repousou um dos braços em volta de mim e fez carinho em meus cabelos. Eu não queria que ele me visse chorar, então esperei que todas as lágrimas caíssem e que a dor do meu coração diminuísse para, só então, levantar o rosto. Levou mais de quinze minutos. Afrouxei os braços, passei as mãos no rosto enxugando os vestígios da minha mágoa, mordi apertado o lábio e reuni coragem para olhar para o lado. Olhou para mim de forma tão amável que eu não tive como manter o semblante abatido, dei um pequeno sorriso com os lábios pressionados e então ele avançou. Beijou minha testa.

Ficou conversando banalidades comigo para me distrair e depois de um tempo conseguiu arrancar risadas de mim por diversas vezes. Pela primeira vez não me senti uma fraca por ter demonstrado meus sentimentos na frente de alguém e não fui humilhada por mostrar fragilidade. Foi inexplicável o que aconteceu no meu coração depois de eu ter parado de chorar, era como uma barragem se quebrando. Carregar uma máscara de frieza e tentar ser forte o tempo todo já não estava funcionando comigo. Eu precisava expor aquilo que eu sentia.

Douglas mantinha meu rosto em seu ombro por causa do carinho que fazia em meus cabelos. Havia parado de falar há algum tempo e eu também permanecia em silêncio. Mas de repente me perguntou, com a voz distante, pensativa.

— O que te falta, Carol?

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir a pergunta, como era fácil as feridas se abrirem... Retirei do bolso o clip de papel entortado e mostrei a ele.

— Ter o amor dos meus pais.

Joguei o objeto no lago; era o meu desejo.

Cinco

Fomos para o apartamento de Miriam buscar o meu cachorro. Mesmo sendo quase 23h Raquel atendeu a porta depois de tocarmos duas vezes a campainha.

— Uau! — disse ela olhando para o meu amigo. — Miriam, vem ver o namora... — Eu pulei em cima dela lhe tapando a boca. Douglas começou a rir.

Miriam apareceu com o meu filhote no colo, ele estava dormindo. Eu o peguei, mas antes olhei para Raquel mandando-a se comportar.

— Obrigada — agradeci a elas.

— Nada — respondeu Miriam, visivelmente com sono.

— Traga ele aqui mais vezes... E não tô falando do Pepino. — Raquel brincou enquanto descíamos as escadas. Nós dois rimos baixinho para não acordar meu cachorrinho.

Douglas me levou até a porta da minha casa e abriu para mim. Coloquei Pepino no sofá, ele teria ficado muito feliz se estivesse acordado, e voltei para me despedir do amigo mais doce que já conheci. Ele estava olhando para o céu na varanda quando desencostei a porta e apoiei meu ombro nela, cruzando os braços.

— É incrível como foram criadas — falou de costas para mim, próximo à escada, se referia às estrelas que enchiam o céu.

— Explosões...?

— Deus.

Fiquei em silêncio. Nunca gostei muito de

falar sobre essas coisas. Ele virou para mim com um sorriso radiante.

— Acho que tenho a solução. — Douglas estava extremamente feliz.

— E qual é? — Curiosa, nem perguntei o motivo, mas sim a resposta.

— Vou me reconciliar com um amigo com quem não falo há dez anos.

Ergui as sobrancelhas.

— Dez anos? E acha que ele ainda se lembra de você?

Veio até mim e pôs as mãos sobre os meus ombros falando próximo ao meu rosto, com intensidade.

— Ele nunca se esqueceu de mim — garantiu.

Retribuí com um sorriso e já me sentia feliz só

de vê-lo feliz. Sentamo-nos em frente a minha porta e ficamos conversando a noite toda. Mas ele não tocou no assunto de novo.

***

Três semanas se passaram. Coisas boas e coisas ruins aconteceram. As ruins: minha mãe conseguiu vender a loja; Pepino passou mal duas vezes; Raquel ficou em recuperação de matemática; Douglas viajou a negócios durante uma semana; eu consegui uma fratura simples no antebraço. As boas: minha mãe não quer abaixar o preço da casa, por isso não consegue vendê-la; entraram mais dois alunos na minha turma; e a primavera chegou!

— Ande logo, Carol! — Miriam me apressou da porta do meu quarto. — Pra quê se arrumar tanto?

— Só mais um minuto — respondi fechando o

zíper da minha bota de cano curto, bege. Fiquei de pé. — Como estou?

— Fantástica! — disse Raquel.

Fiz uma cara desanimada olhando-me no espelho de corpo inteiro do *closet*.

— Pareço um ornitorrinco com este vestido!

— Um ornito... o quê? — repetiu Raquel com uma careta.

Miriam bateu a mão na testa.

— Pare de falar besteiras, garota. Vamos! — Ela pegou meu braço e arrastou-me escada abaixo.

Fazia muito tempo que não usava roupas tão leves. Era meio desconfortável estar de vestido, por mais que fosse o meu preferido, aquele de alcinha, branco, com algumas flores lilás na barra. Quem sabe ele ficasse melhor no cabide do que em mim.

Essa sensação de desconforto piora quando se tem o melhor amigo mais lindo do planeta que acaba de chegar de viagem e está te esperando com um perfume esplêndido sentado no sofá de sua casa pronto para te dar uma bronca por ter sido descuidada e ter fraturado o braço, mesmo que sem querer. Entrei na sala de estar tentando fazer o mínimo de barulho, pois ele estava sentado no sofá lendo uma revista de paisagismo.

"Por que Miriam e Raquel podiam ir de calça *jeans* e eu não? Injustiça!", pensei tentando achar alguma coisa para cobrir os joelhos. Ele levantou os olhos e eu quase saí correndo, o que não me permitiu fazê-lo foi o sorriso fabuloso de Douglas. "Já estou ficando sem adjetivos para dar a ele.".

— Eu estava morrendo de saudade de você, Carol — admitiu depois de levantar e deixar a revista de lado.

Veio até mim olhando-me de cima a baixo sem perceber. “*Help-me*!”, só deu tempo de esconder meu braço com o gesso sintético azul.

— Você está belíssima!

Dei meu melhor sorriso e ele me abraçou apertado. Era a primeira vez que nos abraçávamos. Tão quentinho, confortável e perfumado que era, eu não queria sair dali.

— Também estava com muita saudade de você, melhor amigo.

Quando nos afastamos, ele segurou meu braço machucado e me olhou sério.

— Como fez isso?

“Ai.”, coloquei a mão em frente à boca e olhei em volta procurando uma boa desculpa. Miriam entrou no meu campo de visão e garantiu que não tinha contado nada.

— Eu... caí.

— A verdade... — Ele uniu as sobrancelhas.

Olhei para o chão.

— Da escada.

Ele balançou a cabeça, reprovando, mas depois afagou meu queixo fazendo-me levantar o rosto.

— Fazendo arte, literalmente, Carol? — piscou para mim. — Mas graças a Deus você está bem agora. Cuide direito do braço pra ele melhorar logo. Vou fiscalizar, hein?!

— Tá bom. — sorri para ele.

***

Eu, Miriam, Douglas e Raquel fomos a uma lanchonete grande afastada da cidade. As paredes do

lugar eram pintadas de vermelho e as mesas ficavam em volta de um palquinho improvisado. Não era das melhores lanchonetes, mas tornou-se a preferida dos jovens por causa do *karaokê* e da pouca iluminação. Depois de comermos hambúrgueres, Raquel, bastante desinibida, subiu no palco para cantar.

— Salvem nossos ouvidos! — Miriam implorou brincando.

Nós rimos. Ela estava escolhendo uma música com ajuda da irmã, eu terminava meu suco de limão quando Douglas puxou assunto.

— O que fez de interessante enquanto estive fora?

— Dei aula — mexi o canudinho dentro do copo. —, visitei meus pais... — Ele me interrompeu animado.

— Como foi?

— Bom... não brigamos porque eu saí rápido de lá. — franzi os lábios, chateada, ele fez o mesmo com as sobrancelhas.

Ao final da música de Raquel, nós e a galera da lanchonete, batemos palmas e ela desceu do palco sorridente.

— Sua vez. — Ela falou para Douglas.

— Não riam. — Ele subiu no palco, pegou o microfone e disse que só sabia uma das músicas ali. Escolheu "*Pais e filhos*", composição e interpretação de Renato Russo, e sentou-se num banquinho.

Chegando ao final da música, Miriam colocou a mão sobre o meu braço, chamando minha atenção, mas não disse nada. Estava com os olhos sobre Douglas, mas a expressão no rosto dela me dizia que passava algo muito sério em sua cabeça.

Como era de se esperar, meus olhos estavam cheios d'água. "Que música boa para me lembrar do que eu queria esquecer.", não represei as lágrimas e elas mancharam meu rosto sem cerimônia. Ninguém prestava atenção em mim, por isso não me importei muito.

— Carol — Miriam falou. —, ele sabe que seus pais planejam te levar embora?

— Não. — coloquei meus cotovelos na mesa e apoiei meu rosto nas mãos.

— Não acha que já escondeu por tempo demais?

— Por que está dizendo isso?

— Você não percebe...?

Douglas terminou a música e voltou para o seu lugar.

— Mimi-iii... — Raquel cantou para a irmã e apontou o palco com os olhos grandes, esverdeados. Era a que mais estava se divertindo.

Miriam foi para o palco cantar, mas antes sussurrou um “conte” no meu ouvido.

— Raquel — Eu falei com jeitinho. —, seja boazinha e não me faça cantar depois.

Ela encurvou os lábios alaranjados para baixo.

— Mas Carol... — disse mimosa para mim, foi e se dirigiu a Douglas. — Pede pra ela, por favor?

Douglas olhou para mim com um semblante de cão abandonado, igual a Raquel. Não consegui conter o riso diante daquelas caretas.

— Canto só para vocês três quando estivermos voltando de carro para casa. — combinei.

— Ahhhhhhhh! — Raquel reclamou. — Não

vale!

— Vamos ouvir sua irmã agora. — virei a cadeira assistindo a apresentação da Miriam. Ela era muito afinada e conseguia cantar bonito até nas notas mais altas. Mas não ia ficar satisfeita quando voltasse e eu dissesse que não contei nada ao Douglas.

— “Existem milhões de motivos para você partir. Deixe-me ser o único motivo para você ficar.” — foi a última frase da música.

Todos bateram palmas animadamente, minha amiga ofertou seus mais bonitos sorrisos com simpatia. Quando desceu do palco olhou para mim com um “E aí?” nos lábios, eu mordi o meu e sacudi a cabeça.

— Raquel, vem comigo ao banheiro? — Ela pediu.

— Ah, não, Miriam.

— Vem logo. — pegou a menina pela mão e foi rápido para o banheiro nos fundos da lanchonete. Era minha vez de entrar em ação. Engoli a seco.

— Gostei dessa música — Ele comentou distraído, olhando uma garota no palco. Era um clássico romântico dos anos 80.

— É bonita — confirmei.

— Por que não quis cantar? — Ele quis saber, de repente, olhando para mim.

— Não estou me sentindo muito bem — menti. — Eu... preciso te contar uma coisa.

Meu coração começou a bater no ritmo constante da música. Eu não gostava de notícias ruins e não gostava principalmente de anunciar uma notícia ruim. Douglas aguardava, seus olhos

demonstraram apreensão pela minha demora; estava reunindo coragem.

— Meus pais vão se mudar para o Sul do país.

— Como vai fazer para visitá-los? — perguntou cruzando os braços sobre a mesa.

— Eu não vou visitá-los.

— Não? — ergueu as sobrancelhas.

— Eu vou embora com eles.

Seis

Douglas

A música ainda tocava, as pessoas transitavam apressadas por entre as mesas, havia conversa animada em todo canto, no entanto, meu coração estava triste. Eu amava a Carolina. Uma coisa estranha acontecia comigo, era possível se apaixonar mais toda vez que alguém sorri? Eu amava cada som que saía de sua boca, cada curva do seu sorriso, todo o brilho do seu olhar e tinha vontade de enxugar as lágrimas que desciam em seu rosto. Mas agora ela iria embora e eu nunca diria a ela o que sinto, para não piorar as coisas.

Carolina estava com os olhos molhados e semblante tristonho. Imaginei meu rosto da mesma forma.

— Mas por quê? — perguntei.

— Eles se sentem sozinhos. Minha família

toda é de lá. E — fechou os olhos e passou a mão na testa. — decidiram que eu não posso ficar aqui sem nenhum parente.

As irmãs, Miriam e Raquel, voltaram do banheiro e encontraram a Carol secando o rosto com as costas da mão.

— O que foi que aconteceu? — Raquel perguntou, preocupada.

— Não é nada, não se preocupe. — Carol respondeu, depois de respirar fundo e tentar esboçar um sorriso.

Miriam a abraçou e fomos embora. Cheguei às 22h. Fui jogando casaco, carteira e outras coisas pela casa até chegar ao meu quarto. “Arrumo amanhã”, disse a mim mesmo. Entrei e fui direto sentar-me numa poltrona que coloquei de frente para a janela aberta do meu quarto. A noite nunca

pareceu tão escura e solitária. Respirei fundo e passei a mão nos cabelos, bagunçando-os enquanto pensava na minha situação. Não compreendia por que tudo o que começava bem para mim dava errado no final, e nem por que eu fui o escolhido para perder as pessoas de quem eu mais gostava. Eu não lidava bem com perdas, elas sempre arruinavam meu coração.

Fechei os olhos enquanto o vento gelado castigava meu rosto. Havia um vazio que me acompanhava desde a adolescência e me incomodava nos momentos em que me sentia infeliz e sem esperança. Como o momento que estava passando agora. Levantei-me da poltrona e liguei o rádio, na prateleira acima da cama. Deixei numa estação aleatória, eu só precisava de um som mais alto que o meu silêncio interior. Voltei a me sentar e permiti que a música preenchesse o quarto.

Ela parecia estar na metade e eu não a conhecia. Ouvi o dedilhar suave de um violão e a voz melodiosa de um homem. Cantava de forma tão sincera que tocou no mais profundo do meu ser, tocou minha alma, e naquela hora meu coração entrou em ebulição.

"Eu sinto tanta saudade de conversar contigo, saudades do meu amigo, saudades do meu pai.". Como uma música podia trazer a minha memória tantas recordações e expressar meu mais profundo anseio? Comecei a chorar alto. Era absurda a vontade que brotou essa semana de ter meus pais de volta.

— Por que, Deus? Por que você levou os meus pais? — questionei com o coração rasgado em dor e o rosto marcado pelas lágrimas.

Solucei, balbuciei palavras que nem eu mesmo estava entendendo, senti falta de ar, meu coração

estava em um grande conflito, mas eu não recebi nenhuma resposta de Deus. Fui à janela para me acalmar, ficar em silêncio. Só ouvi o homem cantando suavemente para mim. "*Eu vou voltar pra casa do pai...*".

— O bom é que Deus sempre nos aceita de volta. Glória a Deus. — O cantor disse finalizando a canção.

Estremeci por completo e me curvei sobre a poltrona, em prantos, e arrependido. Aquela resposta era diferente da que eu esperava, mas era a minha resposta.

***

Acordei cedo no domingo para arrumar meu apartamento. Era um duplex comprado com a ajuda do meu tio. Ele cuida de mim desde que meus pais morreram quando eu tinha 13 anos, isso aconteceu

há dez anos. Agora eu trabalho para ele na empresa de jardinagem. Sou muito grato ao meu tio. Ele me trata como um filho.

Cantarolei incessantemente a música que conheci ontem à noite, ouvi na rádio que se chamava "*Casa do Pai*", do cantor Thalles Roberto. Ela me fez enxergar que eu precisava voltar e me reconciliar. Aquilo foi um marco para a minha história.

Quando terminei a faxina olhei para a janela e, por estar um lindo dia, decidi fazer uma caminhada. Havia parado de frequentar a academia há um tempo, precisava me exercitar. Tomei café da manhã e me arrumei com uma bermuda preta e blusa regata branca. Peguei meu mp3 e coloquei no bolso da bermuda. Fui para a pracinha em que eu e Carol passeamos um dia depois de um jantar e dei três voltas por lá. Sentei-me encostado numa árvore e

liguei o aparelho de música.

Apesar de cansado naquele momento eu estava me sentindo feliz porque eu e meu amigo nos reconciliamos. Sorri olhando para o céu azul celeste com poucas nuvens. Depois de dez anos e todas as coisas que eu aprontei, ele, ainda assim, havia me perdoado. Agora eu tinha de volta os seus conselhos, podia compartilhar os segredos mais íntimos, receber correções e puxões de orelha, um ombro amigo para chorar e alguém para festejar as minhas vitórias.

— Meu melhor amigo — pensei em voz alta.

Alguém tinha parado na minha frente, pelo sapato lilás deveria ser uma garota. A música que eu fingia ouvir estava alta, mas não o suficiente para que cobrisse a voz agradável da minha Carolina. Levantei o rosto e ela sorriu para mim. Seria pouco dizer que meu coração ficou muito feliz em vê-la.

Seus cabelos longos e escuros balançavam com a leve brisa. Perfeita!

— Bom dia — repetiu.

Pisquei algumas vezes e tirei os fones dos ouvidos.

— Oi Carol, como vai?

— Muito bem, e você? — disse sentando-se ao meu lado.

— Maravilhosamente bem — respondi animado.

— O que aconteceu de tão bom?

Certas coisas precisavam ser ditas no momento certo e enquanto este não chegava...

— Fiz faxina no meu apartamento hoje — respondi. E ela riu.

Aquilo fez meu coração disparar. Ela gosta de

mim, diverte-se quando está comigo, mas não dá pra saber se sente o mesmo que eu. Que tortura!

— Em que está pensando? — perguntou baixinho para mim.

— Torta de morango com *chantilly* — falei o que veio à mente de repente e me senti um pateta, mas isso a fez dar um sorriso lindo e eu só pude morder a parte interna da bochecha para me conter. Minha vontade de revelar o que sentia estava quase me vencendo.

Ficamos durante um bom tempo sem dizer nada, só olhando a bela paisagem da primavera. A grama estava verdinha e estranhamente macia, as árvores com seus emaranhados de galhos permitiam que vários pássaros se abrigassem nelas, o som da água do lago servia como um remédio relaxante. Carolina riu e eu percebi que minhas pálpebras haviam caído de sono. Endireitei meu corpo e vi que

ela olhava o relógio, imaginei que fosse alguma mania.

— Eu devia ter tomado mais café. Que horas são? — perguntei.

— Cinco para as dez.

— Quer dar uma volta e depois almoçar comigo? — convidei.

— Eu adoraria! — Carol ficou de pé rapidamente. Levantei-me apoiando na árvore, ainda com sono.

Caminhamos conversando, sem tocar em temas tristes, fizemos uma volta completa na praça e nos dirigimos ao Centro da cidade, que era o próximo bairro. A hora já estava avançada, alguns restaurantes serviam o almoço. Fomos andando para o restaurante que eu costumava ir aos domingos, só precisávamos andar um quarteirão e virar a esquina.

— Já come direitinho com a mão esquerda? — perguntei devido ao seu gesso.

— Na verdade, não muito bem — disse um pouco sem graça.

Olhei para ela com carinho e segurei sua mão esquerda.

— Eu te ajudo, pode deixar — assegurei. Ela deu um sorriso meigo, e eu confesso, me derreti.

Por mais que devesse, não quis soltar sua mão, e fizemos todo o trajeto assim. Nós dois nos sentamos no lugar mais reservado do restaurante. Brincamos e conversamos mais do que comemos. Carol tentava me ensinar a usar o garfo com a mão direita e eu mostrava como usar a mão esquerda.

Espetei um pedacinho de frango à milanesa com o garfo e estiquei o braço para dar a comida em sua boca.

— Olha o aviãozinho... — Eu disse sorrindo. Carol sorriu para mim e depois comeu.

— Você é o melhor amigo do mundo! — disse depois.

— Talvez eu seja o 2º melhor amigo do mundo, preciso te apresentar o 1º.

Eu me sentia muito satisfeito com a companhia da Carol. Ela era uma garota maravilhosa e bem diferente das mulheres que eu havia conhecido anos atrás. Comecei a achar que, dessa vez, meus sentimentos estavam certos.

— O que vai fazer hoje à noite? — Carol me perguntou enquanto eu dirigia seu carro. Eu iria com ele até minha casa para depois deixá-la seguir até a sua.

— Vou à casa do meu melhor amigo — respondi.

— Aquele de dez anos atrás?

— Sim.

Ela me avaliou.

— Ele mora nesta cidade?

Pensei um pouco antes de responder. Eu queria apresentá-la a ele quando as coisas estivessem bem resolvidas.

— Ele... mora aqui, mas também em outros lugares.

— Um nômade? — Ela disse rindo um pouco.

— Talvez. — limitei-me a responder.

— Hmmm.

Parei o carro em frente ao meu prédio. Eu já

ia saindo quando ela disse.

— Quando nos veremos de novo? — parecia ansiosa.

— Quando quiser.

Ela pressionou os lábios formando uma linha.

— Vai voltar tarde da casa do seu amigo?

— No máximo às 21h30. É tarde pra você?

— Não... — Ela respondeu.

— Sei até onde posso levá-la. — Eu a interrompi.

— Onde?

— Segredo! — inclinei-me para ela e dei um beijo em sua testa.

— Você anda muito misterioso.

Dei um sorriso de lado e saí do carro.

***

Às 19h10 eu peguei o livro que estava no criado-mudo e fui para o Centro da cidade. Lá eu revi alguns colegas de infância, amigos dos meus pais, professores... Voltei para casa radiante. Agora eu tinha as respostas de que precisava para continuar vivendo e outras para superar meus medos. Fui para o escritório do meu duplex impulsionado por uma ideia.

Ensinaram-me a não guardar meus sentimentos, a declará-los abertamente, mas nos últimos dias havia pensado e repensado no que eu deveria ou não fazer. Tinha medo de magoar a Carol por colocá-la em uma situação difícil, mas tinha ainda mais medo de me arrepender no futuro e ficar pensando no que teria acontecido conosco se eu dissesse que a amo. “É agora ou nunca.”. Peguei um bloco de papel, um lápis e comecei a escrever. Dez

minutos depois a lixeira estava transbordando.

— Droga! — reclamei comigo mesmo. — Parecia tão fácil. Sheila, me dê uma ideia! — pedi ao meu peixe no aquário em cima do aparador de vidro do escritório.

O telefone tocou. Levantei o rosto da mesa e desgrudei um papel do meu rosto, indo atender.

— Alô? — Eu disse.

— Nós ainda vamos sair hoje?

— Aham, eu só... estou tentando escrever um bilhete.

— Hmm... Certo. — Carol disse. — Quer que eu te busque ou você vem aqui?

— Eu passo aí.

— Tá.

Desligamos. Escrevi tudo que veio a minha

mente. Coloquei o bilhete, mesmo a lápis, no bolso da calça e fui para a casa dela. Tive de esperar um pouco até ela abrir a porta e me surpreender.

— Como consegue ficar mais linda a cada dia? — perguntei encantado. Vestia uma calça *jeans*, uma blusa social de botões, verde, e brincos de argola dourados. Sorriu e trancou a porta. — Como vai o Pepino?

— Está cada vez maior e bagunceiro. — fomos andando até a minha moto. — Aonde iremos?

— Hmmm... Será que eu conto agora? — fiz charminho.

— Conta, conta. Por favor.

— Vamos ao meu jardim secreto.

Eu a levei para o terraço da casa do meu tio. Era um lugar coberto, com enormes vidraças, flores

de todos os tipos, cores e tamanhos espalhadas por ali.

— Que lugar magnífico! — disse Carolina andando em meio às flores.

Depois de olhar cada detalhe peguei-a pela mão e levei para a janela principal onde havia um sofá antigo, muito macio, com tecido vinho. Era lá que minha tia costumava contar histórias para o meu primo, quando criança, e ele adorava dizer que era mágico. Sentamo-nos lá e ficamos apreciando a vista. Dava pra ver o Centro da cidade praticamente inteiro dali. Estávamos lado a lado e timidamente eu brincava com seus dedos repousados sobre o sofá enquanto olhávamos para o céu estrelado. A sensação que eu tinha era que tudo havia parado, como se nada mais existisse, nem problemas, nem medos podiam nos alcançar... Só existíamos eu e ela.

— Não vai falar nada? — Carolina perguntou baixinho, talvez até um pouco sem graça.

— Ainda não — respondi, sentei-me direito, remexendo os bolsos. Ela me olhou curiosa. — Pra você. — tirei o bilhete todo amassado do bolso e entreguei a ela. — Não leia agora. — Ela olhou o bilhete por um momento. — Por favor — acrescentei. Carol colocou o papel no bolso de trás da calça.

— O que aconteceu lá na casa do seu amigo? — sentou-se mais à vontade.

— Ele me ensinou algumas coisas sobre a vida...

— O quê? Conte-me! — Ela estava animada.

— Hmm... Temos que amar e valorizar as pessoas. Respeitar os mais velhos. Fazer o bem,

mesmo que não façam o mesmo a você...

— Ele é um tipo de sábio?

— De certa forma, sim. — balancei a cabeça.

— E como ele é? Vai me apresentar um dia?

— Tá ficando interessada... — ergui uma sobrancelha.

Ela começou a rir arrumando os cabelos num coque deixando a franja atrás da orelha e alguns fios soltos emoldurando o rosto formoso.

— Ele é o *senhor* mais legal, inteligente, divertido, amigo e milhões de outras coisas, do mundo.

— Por acaso ele é seu avô? — perguntou. Eu ri um pouco.

— Não. Ele é meu Pai — revelei.

Ela ficou me olhando, confusa.

— Mas seu pai não havia morrido?

— Sim, ele morreu.

— Então! Como esse amigo pode ser o seu pai? Por acaso é seu tio, pai de criação?

Olhei para o céu a minha frente e suspirei.

— Não está no caminho certo. Também não me refiro ao meu tio.

— Então me explique quem é esse *amigo-pai*? — pediu.

— Pronta para ouvir uma historinha?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Pois bem. Eu nasci num lar evangélico. Sou filho único e meus pais eram tudo para mim. Quando eu tinha 13 anos nós sofremos um acidente de carro quando voltávamos de um congresso da igreja, e eles faleceram. Pior foi a sensação de

abandono que veio a seguir; com isso passei minha vida até agora tentando preencher o vazio que adquiri depois do desastre. Era doloroso demais. Eu tinha perdido o que eu considerava mais valioso em minha vida. Meus pais eram maravilhosos, não podiam ter morrido daquele jeito tão cruel...

Parei de contar olhando o vazio, me recordar do acidente ainda doía. Eu podia ouvir a voz do meu tio me dando a notícia e lembrar os sentimentos de revolta juntamente com o medo de ficar desprotegido que tomaram conta de mim. Naquela época eu estava na adolescência e dependia dos meus pais para tudo. Balancei a cabeça fugindo das lembranças e quando recuperei minha voz continuei a contar.

— Minha fé em Deus perdeu totalmente o sentido. Eu o culpava por ter tirado meus pais de mim e, sinceramente, pensava que Ele estava

ocupado com outras coisas quando o acidente aconteceu, por isso não o evitou. Passei minha adolescência e parte da minha juventude vivendo como se Deus não se importasse comigo. Meu coração estava magoado demais para perceber a verdade dos fatos. Só que em um belo dia eu conheci a minha melhor amiga — olhei em seus olhos e me senti melhor novamente. —, e Deus, de diversas formas, começou a mexer comigo. Engraçado que eu cheguei à conclusão de que a minha vida também mexe com Deus, Ele se preocupa com quem eu sou e onde estou. Eu estava tão angustiado por ter perdido os meus pais, mas Ele me fez perceber que meus pais estão em um bom lugar, junto d'Ele... mas e eu? Onde eu estava? Deus me queria de volta e eu ouvi a Sua voz; voltei pra casa.

— Então... seu amigo é Deus...?

— Exatamente. — Eu disse sorrindo.

— Mas onde ele mora? — franziu a testa.

— No coração de todos aqueles que O aceitam como único e verdadeiro Deus.

— Mas hoje você disse que foi à casa d'Ele...

— Fui aprender mais sobre Ele na igreja.

Ela ficou pensativa por um momento.

— Como conseguiu perdoá-Lo por ter levado seus pais?

— Carol, a vida é como um trem, cada pessoa desce numa estação diferente. Umas descem logo, outras têm um caminho maior a percorrer antes de chegar em casa. Deus não fez isso para me magoar, muito pelo contrário, Ele preservou a minha vida para que estivesse hoje contando isso a você. Ele tem um propósito em tudo.

Ela franziu os lábios olhando a folha que girava pressionada pelos seus dedos polegar e indicador.

— E como Ele foi capaz de perdoar você por tê-Lo ignorado todo esse tempo? — questionou.

— Amor.

Carolina levantou os olhos para mim.

— Ele provou Seu amor por mim oferecendo Seu filho para morrer em meu lugar. Seu amor é tão forte que pode me oferecer perdão, mesmo eu não merecendo. Não importa o que eu fiz, importa quem Ele é. E se Ele diz que não rejeita um coração arrependido, eu posso ter a certeza de que Ele me perdoou por completo e me recebeu de novo em Seus braços. Deus é Pai e ama Seus filhos.

Ela voltou a abaixar a cabeça e fungou baixinho.

— Você acha que meus pais me perdoariam? — sussurrou.

— Peça para Deus tocar no coração deles.

— Eu não tenho muita moral com Deus. — Ela encolheu os ombros.

— E por que não?

Não me respondeu.

— Tem alguma coisa que fez e que agora se arrepende?

— Tenho e me arrependo muito!

Dei um sorriso compreensível e segurei sua mão, a que não tinha gesso no braço.

— Vamos orar, então? Repita o que eu digo em sua mente, tá?

— Tá. — Ela fechou os seus olhos.

— Pai, obrigado por mais um dia que nos presenteou. Obrigado pelo ar, pelo Sol, pelo almoço maravilhoso que comemos. — Ela riu um pouquinho. — Pela noite agradável, pela vida da minha amiga, pelo privilégio que temos em poder chamá-Lo de nosso Pai e amigo. Obrigado por estar sempre conosco, por nos ouvir e responder nossas orações. Sabemos que somos falhos, Deus, por isso venho te pedir perdão pelos nossos atos errados. Ajude-nos a trilhar os seus caminhos, venha morar em nossos corações. Obrigado porque temos a certeza de que o Senhor nos ama e nunca nos abandonará. Essas bênçãos eu te peço e te agradeço, em nome de Jesus. Amém. — Quando terminei a oração vi que algumas lágrimas estavam rolando em seu rosto. — Nunca é tarde demais para encontrar o perdão de Deus. — Eu disse abraçando-a.

Ela retribuiu o meu abraço e deu um beijo de afeto em meu rosto.

— Deus te ama, Carol — disse baixinho em seu ouvido — E... eu também.

Sete

Carolina

Senti que o vazio que havia em meu coração estava aos poucos sendo preenchido. Algumas coisas começaram a fazer sentido agora. Como pude ser tão distraída? A resposta estava tão na cara... Deus, o melhor amigo!

— Por que não me disse antes, Douglas?

— Estava escolhendo a melhor hora. — Ele piscou para mim e sorriu.

— Ah, não tem graça — falei de brincadeira e empurrei seu braço com preguiça. Ele riu. Olhei o relógio. — Está tarde, amanhã dou aula cedo.

— *Okay*, *let's go*, *teacher*! — levantamo-nos e ele me levou para casa.

Eu estava tão contente por ter tomado a

decisão de colocar Deus na minha vida que já podia sentir meu coração predisposto a abandonar a mágoa, a amar e a cultivar sentimentos bons dentro de mim. Fui para o meu quarto me arrumar para dormir, quando tirei a calça *jeans* o bilhete que Douglas tinha entregado caiu no chão. Abaixei-me, peguei e foi aí que o telefone tocou na sala e eu saí correndo para atender.

— Alô?

— Carolina? — era minha mãe. "Amar e valorizar as pessoas", eu me lembrei.

— Olá, mãe, como vai? O papai está bem? — perguntei de maneira agradável.

Ela ficou em silêncio por um instante que pareceu longo demais, mordi os lábios esperando resposta.

— Estamos bem, filha. E você, como está? —

disse ela, vagarosamente.

— Estou muito, muito bem, graças a Deus.

— Você parece diferente... — observou.

— Tive um bom dia. Aconteceram coisas legais.

— Ah... — Ela disse e eu me senti um pouco mal pelo desinteresse dela.

— O que queria falar comigo?

— Conseguimos fazer negócio com a casa. E — fez uma pausa que acredito ser para que eu digerisse bem e prestasse atenção aos detalhes. — nos mudaremos daqui a um mês e meio, ou menos.

Fiquei pensando por um minuto inteiro. Minha paciência sendo testada. Resolvi ir para a cozinha e sentar na bancada de mármore. Senti um arrepio quando a pele das minhas pernas tocaram a

pedra fria.

— Você é feliz, mãe? — Eu disse por fim.

— Como é que é?

— Perguntei se você está ou é feliz.

— Sim e por que não seria? — perguntou-me seca.

— Nada, nada não... — Quase perguntei por que não me deixava ser feliz também, mas me contive. Cocei os olhos espantando as lágrimas e me forcei a ter uma conversa civilizada e tranquila. — E por que eu tenho que ir junto?

— Já conversamos sobre isso, Carolina — reclamou ligeiramente nervosa.

— Aquilo não foi uma conversa. — tentei olhando o teto.

— Aonde quer chegar?

— Ao meu livre-arbítrio, talvez. — atrevi-me. Meus dedos estavam cruzados em figas, eu não queria uma discussão. Sentime muito mal em perceber o quanto eu poderia enraivecer a minha mãe com as minhas respostas, eu deveria ser cuidadosa.

— Certo. — rendeu-se. — Vamos conversar, então.

"*Yes*!" vibrei.

— Vou confessar a você que não fico feliz com a possibilidade de ter que me mudar.

— Isso não cabe a você decidir — falou resolvida.

— Exatamente! É por isso que precisamos esclarecer os pontos. — exerci minha democracia. — Quero que me diga os motivos pelos quais eu devo ir com vocês, assim talvez eu entenda...

Ficou em silêncio por uns minutos até enumerar.

— *Primeiro*: você é minha filha; faz o que eu mando. *Segundo*: lá você ficará perto de sua família. *Terceiro*: vai ter melhores oportunidades de emprego.

— Posso?

— À vontade.

— *Primeiro*: já moro sozinha há muito tempo, sou maior de idade e sei me cuidar...

— Mas... — Samantha me interrompeu.

— Nunca interrompa uma pessoa quando ela estiver falando — adverti de maneira calma e continuei. — *Segundo*: — pensei em Miriam e Raquel, e todos aqueles que eu estimava. — tenho uma família aqui também e eles precisam de mim.

Terceiro: eu *amo* o meu emprego, o dinheiro que ganho é o suficiente para eu viver bem porque o custo de vida aqui não é alto.

— Entendo...

— Quer dizer que posso ficar? — perguntei esperançosa.

— Eu não disse nada disso.

— Mas mãe... — choraminguei.

— Já está tudo planejado, Carolina. A loja vendida, a casa também. O que você quer que eu faça? Mude de ideia de repente? — explicou mantendo a paciência.

— Não precisa mudar de ideia quanto à viagem, só em relação a mim. Por favor, me deixe ficar? — insisti com reverência.

Samantha ficou em silêncio. Meu coração

batia desordenado enquanto aguardava a resposta. “Fiz o melhor que pude”, pensei. O que ela diria a seguir definiria tudo o que me diz respeito e eu torcia para ser uma resposta favorável ao meu pedido.

— Sabe, filha, nós a tivemos conosco tão pouco. Nunca ficamos próximos... — reconheceu. A voz com uma tristeza nunca antes ouvida por mim.

— Eu sei... — confirmei baixinho.

— Planejamos morar em outro lugar para termos companhia; eu e seu pai nos sentimos muito sozinhos e já estamos velhos.

Fechei os olhos ao mesmo tempo em que ouvia. Era demais para mim, muito longe do que eu esperava escutar. Bateu uma vontade enorme de abraçá-la; há quantos anos não abraçava minha mãe...

— E queremos que vá conosco para que possamos cuidar de você, coisa que não tivemos tempo de fazer. — prosseguiu, notei que chorava. — Você cresceu tão rápido, se tornou independente tão cedo. E... ficou tão distante. Seu pai e eu não sabíamos o que fazer para te trazer de volta ao nosso mundo porque você só vivia o seu... indiferente.

Senti o gosto salgado das lágrimas que escorriam em meu rosto.

— Pense bem, filha, família você só ganha *uma* vez na vida — insistiu.

— Vou pensar — prometi.

Desligamos o telefone e voltei para o meu quarto. Minha mãe nunca esteve tão certa. “Tenho que me aproximar mais dos meus familiares. Seria uma oportunidade para eu mudar de vida.”, pensei.

Agora eu me sentia no dever de “voltar para casa”, minha família precisava de mim, e eu precisava deles. Terminei de tirar a roupa que estava usando e vesti meu pijama indo para o banheiro escovar os dentes. Ainda estava escovando quando me lembrei do bilhete. Fui à sala, peguei o papel e voltei para ler no banheiro.

Carol,

Eu queria ter coragem para dizer isso pessoalmente, mas infelizmente não tenho. Por isso decidi te entregar este bilhete.

Quando estou com você sinto meu coração acelerar, minhas mãos tremem e às vezes suam, sinto também uma felicidade imensa, algo que com palavras eu não saberia expressar. Eu ~~acho~~ tenho certeza que é amor porque isso a gente só sente quando tem alguém realmente especial conosco; e

você é a pessoa mais especial do mundo para mim!

Peço a Deus que este sentimento tão bonito que tenho por você possa ser correspondido, mas confesso que tenho medo de que você não sinta o mesmo, não quero que nossa amizade acabe.

Bom... Já não sei mais o que escrever, só me resta dizer...

Eu amo você!

Douglas.

Oito

Enquanto os meus alunos pintavam chamei Miriam para uma conversa particular e contei rapidamente a ela sobre o telefonema da minha mãe ontem à noite. Minha ênfase foi no bilhete que recebi de Douglas e que me fez passar a madrugada em claro.

— Leia.

Miriam desdobrou o papel. À medida que ia lendo sua boca se escancarava.

— Que lindo amiga! — festejou ao terminar. A mão pressionava o coração e o sorriso se expandia cada vez mais.

— O que eu faço? — perguntei aflita.

Ela me olhou incrédula.

— O que qualquer uma faria em seu lugar: case-se com ele!

Comecei a rir, mais de nervoso do que de ter achado graça.

— Para você é fácil falar, não vai mudar de cidade.

Ela fez uma cara triste.

— Pensa mesmo em ir? — disse baixinho.

— Acho que não tenho escolha — murmurei deprimida.

— Não importa para onde vá, só quero que seja feliz.

Deu-me um longo abraço apertado.

— Mas não se esqueça de falar com o Douglas. — soltou-me. — Aliás, o que pensa em dizer a ele?

— Eu... não sei — respondi. Que assunto complicado de se resolver quando meu destino está em jogo...

— Você o ama? — Ela perguntou. Estava com a cara mais curiosa que já vi na vida.

Meu rosto queimou de timidez.

— Ah... — senti meu estômago dar um *looping*. — Eu...

— Não me enrola! — reclamou.

— Tá bom, tá bom! — tapei os olhos com as mãos, ficava muito sem graça em confessar assuntos sentimentais para alguém. — De uns tempos para cá eu tenho sentido por ele algo meio diferente...

— Amor? — disse ansiosa.

— Digamos que sim. Olha, eu não sei explicar. É... diferente. Eu tenho certeza que nunca senti nada

igual antes — confessei. Espiei sua reação afastando os dedos.

Seus olhos verdes brilhavam e aquela cara sardenta esboçou um enorme sorriso. Meu estômago estava mais gelado que um iglu e meu rosto ardia em chamas.

— Minha menininha está crescendo! — disse sacudindo-me.

— Não exagera. — falei rabugenta e revirei os olhos.

— Você precisa contar a ele!

— Não! Não posso fazer isso!

— É claro que pode, ele te contou, precisa fazer o mesmo. — largou meus braços e deu algumas voltas na sala, pensando em voz alta. — Meu Deus, eu sabia o tempo todo. Sou um gênio! O

jeito que ele te olhava... como cuidava de você. Raquel me deve R$10,00! — bateu a mão fechada na palma, decidida.

— Vocês estavam apostando? — falei alto, brava.

Miriam abriu um sorriso, e eu fechei a cara.

— Combinem de lanchar e fale com ele. — Ela voltou ao assunto.

— Por que não posso falar com ele por telefone? — indiquei o aparelho atrás dela com o dedo.

Ela me olhou feio.

— De qualquer forma para sair com ele eu preciso telefonar — falei, então ela pegou o telefone e me entregou, encostou-se à parede ao meu lado e cruzou os braços.

— Não demore — ordenou.

Eu estava tão nervosa, minhas mãos tremiam tanto... Disquei o número que já sabia de cor. Chamou duas vezes até que uma voz gostosa de ouvir atendeu.

— Alô?

— Oi Douglas. — Eu olhei para Miriam. — É a Carolina, como vai?

— Oi. — Ele hesitou talvez se lembrando do bilhete. — Estou bem, Carol, e você?

— Ótima. Vai fazer alguma coisa hoje à tarde?

— Vou trabalhar até às 15h. Por quê?

— Por nada, não. — desconversei. Foi aí que Miriam gritou comigo, e ele deve ter escutado porque começou a rir.

— Aonde quer ir? — perguntou simpático.

— Numa lanchonete no Centro. Podemos nos encontrar lá.

— Seria ótimo. Que tal às 15h20?

— Está bem. — dei o endereço e desligamos.

Miriam dava pulinhos na minha frente.

— Tenho que dar aula. *Adiós*. — saí correndo para o ateliê.

***

Quando queremos uma coisa acontece justamente o contrário. Meu desejo era de que as horas passassem o mais devagar possível, pois eu precisava pensar no que dizer a ele, mas quando olhei o relógio quase tive um infarto. Eram 14h37 e eu nem estava arrumada. Pior, não fazia ideia do que vestir.

Desliguei a TV e fui correndo para o quarto.

Desarrumei tudo para conseguir encontrar algo que eu nem sabia que estava procurando. Pepino fazia a festa nas minhas roupas espalhadas pelo chão e pegou justamente minha bermuda quadriculada, cinza, preferida.

— Laaarga! — Eu guerreava com ele.

Depois de minutos de puro sofrimento eu consegui o que queria. Tomei banho e vesti uma blusa com dois botões, na cor azul-marinho, um *short jeans*, e nos pés uma sandália baixa. Antes de sair coloquei no braço uma pulseira com pingente de estrela.

— Desculpe o atraso. — Eu disse tomando fôlego.

— Tudo bem, cheguei agora — contou com um sorriso.

A lanchonete ficava na rua da entrada para a Praça Central. Tinha um toldo vermelho e amarelo e uma placa bonita escrita Lanchonete Sabor da Vitória. Bem otimista. Logo que entramos reconheci a garçonete, era minha aluna Christine. Acenei para ela e fui me sentar junto ao Douglas. Fizemos nossos pedidos que não demoraram muito a chegar.

Situação bastante desconcertante aquela. Nenhum de nós estava confortável para puxar assunto. “Primeiro as damas...?”.

— Tem uma caneta? — perguntei a ele, tentei parecer distraída.

— Não. Quer que eu peça uma à atendente?

Acenei com a cabeça. Ele se levantou e foi para o balcão.

— Pense, pense... — falei baixo.

Peguei alguns guardanapos e coloquei perto

de mim. Douglas chegou com a caneta e me entregou, em seguida pegou o lanche e começou a comer.

— Não está com fome? — perguntou para mim mexendo o canudinho no suco.

— Daqui a pouco eu como — respondi de cabeça baixa escrevendo nos guardanapos.

Quando terminei pedi que prestasse atenção em mim e levantei um por um dos guardanapos que ele ia lendo em voz alta.

— Desculpe-me, eu também sou tímida pra essas coisas; adorei o seu bilhete; muito obrigada por ter me apresentado seu amigo; você é o melhor presente que ganhei de Deus.

Douglas retribuiu com um amável sorriso. Continuei falando através dos guardanapos.

— Eu gostaria de ficar com você pra sempre;

mas meus pais precisam de mim — passou a ler mais baixo. —; eu só queria dizer que... — Eu virei o 7º papel. — Fiquei sem guardanapos para escrever o resto, então... — lia com dificuldade porque eu diminuí a letra devido a minha timidez. — vou ter que falar mesmo.

Ele levantou os olhos para mim quando terminou de ler. Pude sentir meu rosto queimando e estava morrendo de medo de gaguejar e fazer feio. Aquele momento precisava ser no mínimo especial; eu não podia estragar tudo.

— É que... — comecei a dizer, sentindo a garganta seca. — Eu tô... — balancei a cabeça e, sem pedir, peguei o canudinho do seu suco e bebi um gole. — Agora sim!

Nós rimos bastante tensos. Vi que ele mordeu o lábio inferior depois de sorrir para mim esperando

que eu dissesse algo. Sequei minhas mãos suadas no *short* e retomei o que ia dizendo.

— Eu não consigo parar de pensar em você — confessei e as sobrancelhas dele arquearam de surpresa. — Não sei há quanto tempo, mas... — Olhei fundo em seus olhos. — estou apaixonada... por você, Douglas.

Nunca vi seu rosto tão vermelho e eu quase não escutei o que ele falou tamanho era o barulho do meu batimento cardíaco.

— Foi a melhor coisa que já ouvi em toda a minha vida — disse-me.

Sorrimos um para o outro. Foi um sorriso só nosso, como se compartilhássemos um segredo juvenil. Algo doce e ao mesmo tempo confidente. Fiquei feliz por um instante, mas depois lembrei que, infelizmente, aquilo não era um começo. Era

um fim. Não teria como seguirmos em frente juntos.

Olhei bem para ele, o rubor de seu rosto estava passando. Eu não o veria mais. Nunca tocaria em sua pele clara, não sentiria meus dedos deslizarem pelas leves ondas de seus cabelos de corte repicado, não me perderia na profundidade de seus olhos castanho-escuros, não acharia graça em seu nariz perfeito com a pontinha arrebitada, não me sentiria tentada por seus lábios irresistíveis, não me acalmaria ao ouvir sua voz suave ao meu ouvido... Estaria eu abrindo mão do paraíso para enfrentar o desconhecido?

— Meu futuro é tão incerto... Eu não sei mais o que será de mim — sussurrei com tristeza.

— Não sei o que será de mim sem você — declarou segurando minha mão. — Por que tem de ir justamente agora que te encontrei?

— Já passei tempo demais longe da minha família. — respirei fundo. — E ontem minha mãe me ligou dizendo que conseguiram vender a casa. Só faltava isso, agora nós podemos ir.

O semblante de Douglas estava tão tristonho que eu tive que abaixar o rosto para não ver, era de partir o coração. Minha mente dava voltas intermináveis. Havia dois caminhos possíveis, mas eu não tinha controle sobre eles. Não podia me afastar da minha família, mas também não podia ignorar o amor que estava sentindo. E pior, eu não podia ter os dois ao mesmo tempo.

Ele soltou minha mão para deixar que limpassem a mesa. Pedi ao garçom que embrulhasse meu lanche para viagem. Quando saímos da lanchonete ele segurava minha mão. Como estávamos muito próximos à Praça Central fomos até lá e sentamo-nos em um banco, sem ter nada

para dizer. Minha cabeça repousava em seu ombro e eu fiquei olhando o movimento das pessoas enquanto sentia o carinho que ele fazia em meu braço. “Amigo-Pai... ajude-me?”.

Nove

Voltamos para nossas casas e combinamos de mais tarde andar de bicicleta, já que era uma atividade que eu gostava bastante. Ele conseguiria uma com o seu primo. Soltei Pepino e me sentei na rede da varanda olhando-o brincar e cheirar todo o jardim da frente pela milésima vez.

— Preciso de uma solução menos dolorosa — falei a mim mesma. Fiquei olhando para o céu tentando encontrar um plano.

"Se o Sul não fosse tão longe. Se meus pais mudassem de ideia. Se Douglas, Miriam, Raquel e Pepino fossem embora comigo... Ah, improvável!", imaginei.

— Será que Deus tem propósito nisso? — indaguei em voz alta.

Pepino voltou para casa satisfeito. Pude brincar alguns minutos com ele e o arrumei para sair. Seria nosso companheiro de passeio. Já eram 17h10 quando fui para a garagem pegar a bicicleta. Na cidade apenas alguns bairros eram no alto, a maioria das ruas eram planas, o que facilitava o trânsito de bicicleta.

Coloquei meu filhote no cesto e fomos de volta à Praça Central. Era um lugar enorme onde havia lojinhas que vendiam porcelana, mel e ervas. Além de ter muitas crianças brincando com os seus pais, vendedores de pipoca e de algodão doce. Suas grandes árvores e vastas áreas gramadas proporcionavam aos visitantes ambientes agradáveis para piquenique com vista para um lago com marrecos e peixes. Sem falar que dava para ver a cadeia de montanhas ao longe.

Douglas chegou poucos minutos depois que

eu, pelo lado oposto, vestia uma bermuda cinza e camiseta branca, os cabelos estavam úmidos e cheiravam a *shampoo*. Coloquei Pepino no chão, ele iria pular de tão agitado que estava no cesto.

— Não está forçando muito seu braço? Precisa cuidar dele... — advertiu.

Virei o rosto para o gesso sintético azul e balancei a cabeça.

— Falta pouco tempo para tirá-lo.

— Miriam me disse que seu aniversário é sexta que vem, estou em dúvida do quê te dar de presente — comentou enquanto pedalávamos. — Dê-me uma dica do que você gosta?

— Deixe-me ver... Gosto de enfeites, artesanato, livros, flores...

— Vou pensar em algo legal baseado nisso.

Soltei as mãos do guidão da bicicleta, estiquei os braços, depois soltei os cabelos que estavam presos num rabo de cavalo.

— Carol, Carol... — reclamou, pedalando ao meu lado.

Demos uma volta pela praça e ele me levou a um morro gramado onde nos sentamos embaixo de uma árvore. O Sol estava se pondo e as cores no céu mudavam constantemente. Pepino xeretava tudo ao nosso redor, arbustos, pequenos animais, árvores, e até arranjou um marreco para perturbar. Fiquei observando-o correr longe.

— Olhe, Carol. — Douglas chamou minha atenção apontando para o céu. Era o espetáculo da natureza que acontecia todos os dias, mas que dificilmente parávamos para prestigiar.

Os raios de Sol alcançaram a copa da árvore onde descansávamos e lançaram centelhas sobre nós

iluminando principalmente nossos cabelos e olhos. O rosto de Douglas ficou incrível e pensei que talvez fosse a última vez que eu veria aquilo. Os dias costumam passar muito rápido quando não se quer.

O céu era uma grande tela onde o seu criador misturava tintas. O Sol ia abaixando e levando com ele todo o pigmento amarelo, por cima havia um borrão magenta e manchas tingindo o pano de vermelho. Logo adiante vinha o ciano que com o passar do tempo ia ficando mais escuro. O ar estava um pouquinho frio e fazia a grama e as folhas das árvores dançarem no chão.

— Deus é o Ser mais criativo que eu conheço — comentei e virei para ele. — Será que o Jardim do Éden era tão bonito quanto este lugar em que estamos?

— Sem dúvida!

Ficamos olhando aquela aquarela por um bom tempo sem dizer nada, até que ele quebrou o silêncio.

— Já pensou em alguma solução?

— Nada que preste. — fiz uma careta. — E você?

— Bom... Podemos falsificar passaportes e nos mudarmos para o Norte da África. — Ele falou sério e decidido. Eu comecei a rir.

— Não seria má ideia — falei sorrindo.

Acomodei-me melhor encostando as costas no tronco da árvore. Eu e Douglas estávamos ombro a ombro. Estiquei minha mão e coloquei sobre a sua, na grama. Percebi que acompanhava meus movimentos com os olhos, ele abriu a mão aumentando os espaços entre seus dedos onde pude colocar os meus. Entrelaçamos.

Meu coração agora tinha um desejo e fez meus dentes se agarrarem ao meu lábio inferior. A respiração ficou difícil e descompassada só de pensar e de maneira nenhuma eu estava conseguindo disfarçar. Olhei de lado, ele também virou para mim.

Nossos olhos tiveram uma conversa particular, ficaram um longo tempo dialogando até decidirem o que fariam. Os dele caminhavam por todo canto do meu rosto, enquanto os meus tinham um ponto fixo. Colocou com cuidado uma das mãos em meu rosto, onde até então nunca havia tocado com ela, e deslizou o polegar na minha bochecha com carinho. Deixei escapar um sorriso e falei um quase inaudível *eu amo você* para ele. Douglas se aproximou timidamente de mim, entreabriu a boca e senti a leve pressão de seus doces lábios nos meus. Fechei os olhos, mas... hesitei com dor na consciência. “Não

seria dar esperanças demais?”.

— Desculpe-me, por favor, me desculpe. — Eu disse preocupada, me afastando. Eu poderia machucá-lo se continuasse assim e era a última coisa que eu queria. — Eu não devia...

— Tudo bem. — Ele respondeu piscando uma porção de vezes, confuso e um pouco sem graça, depois mordeu o canto da boca.

Olhei para o relógio em meu pulso, mais ansiosa do que nunca.

— Está tarde, eu preciso ir — avisei.

— *Okay*! — Douglas se levantou e me ajudou a levantar também.

***

A semana passou depressa. Todo mundo estava ocupado em organizar minha festa de

“aniversário surpresa”. Só que não era mais surpresa porque eu havia descoberto na segunda-feira, meu pai não conseguiu guardar segredo. Miriam conseguiu convencê-los a virem à festa. Seria a primeira vez que eles viriam à minha cidade.

— Estou tão animada! — comemorei fazendo uma dancinha com os braços. Já havia tirado o gesso, meu braço direito estava novinho em folha.

— Quem sabe assim seus pais mudem de ideia.

Eu e Miriam comíamos bolo de chocolate com cenoura na cozinha da minha casa enquanto Raquel instalava o videogame na TV.

— Faça figas para eles deixarem você ficar. — Ela disse. E nós duas fizemos figas. — Agora feche os olhos bem apertados e faça um pedido em voz alta.

— Eu quero ficar aqui pra sempre!

— Pronto! Agora é só esperar — disse e colocou um pedaço de bolo na boca.

Apoiei meus cotovelos na mesa e meu rosto nas mãos enquanto olhava para minha amiga, pensativa. Sentia-me dividida de hora em hora, tinha bons motivos para partir e ótimos motivos para ficar. Seria legal se isso se resolvesse com cara ou coroa. Suas sobrancelhas se uniram.

— No que está pensando?

— Nada que eu já não tenha pensado mil vezes.

— Tá na hora de parar de pensar. — Ela preveniu. — Senão vai sair fumacinha da sua cabeça. — deu um sorriso.

Terminamos de comer e eu fui lavar os pratos, ela os enxugava e empilhava na bancada para eu guardar depois.

— Já está pronto. — Raquel gritou da sala. Eu e Miriam fomos jogar.

***

— Alô? — falei sonolenta.

— FELIZ ANIVERSÁRIO! — Meu pai e minha mãe falaram juntos.

— Obrigada — disse sorrindo, mas com sono.

— Que você seja muito feliz, aproveite muito a vida, tenha muita paz, saúde e amor.

— Obrigada, papai.

— Filha — disse minha mãe depois de pegar o telefone da mão do meu pai. —, desejo a você tudo de bom, muito sucesso e todas as coisas que seu pai desejou a você agora há pouco. — Ela riu bem-humorada. Nossa relação havia melhorado um

pouco e o convite para minha festa de aniversário a deixou muito contente e mais próxima de mim. — Outra coisa, quero que você se case logo. — Mamãe estava séria agora. — Eu e seu pai precisamos de um neto!

Quase caí para trás.

— Nem namorado eu tenho! — resmunguei.

— Cruz credo, Carolina. Que demora! Se for por falta de permissão já tem o meu consentimento. Vinte e quatro anos já é idade pra essas coisas.

— Não sei, mamãe... — falei rindo.

— Ah, seu pai está dando *tchau*, está com muito sono.

— Dê boa noite a ele por mim — pedi. Ouvi a voz dela um pouco longe do bocal do telefone passando minha mensagem ao meu pai.

— E por que não sabe? Será que não há nenhum rapaz interessante na sua cidade?

“Epa, lá vem bomba”, pensei ligeiramente constrangida.

— Bom...

— Não vai esconder isso de mim, vai?

— Tem, tem sim, um rapaz interessante. — Eu disse baixinho e fiquei surpresa pela reação dela.

— Conte-me! Conte-me quem é! — Ela falava muito animada.

— Ai, mamãe... — cocei a testa. — quer mesmo saber?

— Sim! Como ele é?

Eu e minha mãe ficamos durante uma hora conversando pelo telefone. Foi a conversa mais longa que tivemos até hoje. E posso afirmar sem

hesitar: eu adorei!

— Mamãe, eu preciso te dizer uma coisa. — comecei, com a voz branda.

— Diga.

— Eu gosto de você. Gosto mesmo. — ouvir seu silêncio me fez perceber que ela não havia entendido bem. Por mais que eu ficasse triste em admitir, eu precisava me explicar. — Desculpe-me se eu ainda não amo você, mas eu vou tentar.

Escutei o som característico da minha mãe chorando e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Tudo bem, querida — disse com carinho. — Eu vou esperar.

Depois que desligamos fiquei pensando em nossa conversa. Deus havia escutado minha prece, meu coração e os dos meus pais estavam mudando. Eu sentia algo muito bom florescer dentro de mim e

me levar a desenvolver o afeto que eu havia perdido por Samantha e Edgar.

— Alô? — Já era o quarto telefonema que eu recebia naquela madrugada e eu nem havia dormido ainda.

— Até que enfim, Carol! Toda vez que eu telefonava dava ocupado — disse o rapaz que possui a voz mais linda do mundo.

— Oi, Douglas, tudo bom? — perguntei sorrindo.

— Tudo ótimo. E com você? Quer dizer... Feliz aniversário!

— Muito obrigada.

— Que Deus possa te abençoar dando a você muitos anos de vida, o carinho de que precisa, te ensinar a ter paciência, te encher de saúde e paz. E

quando a sua felicidade estiver em Deus, Ele satisfará todos os desejos do seu coração.

— Obrigada, mais uma vez, melhor amigo.

— Nada — respondeu com carinho. — Não está com sono?

— Um pouquinho só.

— Então é melhor eu desligar, você precisa estar bem disposta hoje.

— Aaah... Eu quero ficar conversando com você. — choraminguei. Ele me fazia tão bem...

— Tá, mas só um pouco. Bom... — disse-me de forma divertida. — Como é ter 24 anos?

— Ainda não me acostumei.

— Vai ter muito mais responsabilidades, eu acho. — Ele disse.

— Pois é. Uma delas é arranjar um bom partido para me casar. — pensei em voz alta entrando na cozinha.

— Xii...

— Foi uma ordem da minha mãe — falei pegando algo para beber na geladeira.

— Posso me candidatar a essa vaga, se quiser. — Ele brincou usando voz de galã de novela mexicana.

— Faria isso por mim? — falei teatralmente emocionada.

— Claro, para quê servem os amigos?

— Servem para ajudar as amigas a não ficarem pra titia. — concluí, ele deu risada e concordou.

Sentei-me numa cadeira e bebi um pouco de suco de graviola. Adoraria que ele estivesse falando

sério, mas isso era uma coisa que não devia passar pela sua cabeça. E também... depois daquele beijo desastroso na praça não estivemos muito tempo juntos e quando estávamos nossas mãos se recolhiam, cada uma no bolso do respectivo dono. Éramos apenas amigos novamente.

— Carol?

— Oi.

— Pensei que estivesse dormindo.

— Não, não, só estava pensando.

— Em quê?

— Deixe de ser curioso — brinquei e ele riu. —, é assunto de mulher.

— Eu sempre quis saber sobre o quê as mulheres pensam. Ah... Conte-me, vai?!

— Hmm... quem sabe outra hora... — enrolei.

— E quando vai ser essa hora?

— Quando eu te vir de novo, eu conto — prometi.

— A-Ha! Tive uma ideia. Arrume-se, vou levar você para um lugar especial.

— Mas são quatro da manhã! — falei surpresa, mas ele já havia desligado.

Dez

Não entendi o que ele pretendia fazer, mas me arrumei mesmo assim. Vesti uma calça jeans*, blusa de cor vinho, jaqueta de frio branca e botas.*

Quando ele chegou eu estava terminando de escovar os dentes. Desci rapidamente e ele me conduziu até a moto sem me dizer nada. Estava bastante escuro naquele horário, sorte que eu havia me lembrado de vestir uma blusa de frio, o vento era cortante. Ele parou a moto no topo de uma ladeira, na parte mais alta da cidade.

— Venha. — segurou a minha mão pela primeira vez depois de uma semana e me levou para sentarmos na calçada.

Antes da calçada, na parte gramada, tinha uma árvore velha e do outro lado da rua uma *boutique*

com a vitrine perfeita. Sentei-me do lado esquerdo de Douglas e esperei que me explicasse o porquê do local, mas como não disse nada, perguntei.

— Por que viemos aqui?

— Para vermos o nascer do Sol. — Ele apontou para o horizonte. — Olhe, já está clareando.

Apoiei meus cotovelos nos joelhos e o rosto nas mãos. Fiquei olhando as cores que pintavam o céu. Realmente era uma bela vista.

— Mas não é só por isso... — começou.

— ...Não? — virei para olhá-lo, seu semblante era de preocupação.

— Não. Não posso mais adiar essa conversa, mesmo sabendo que você vai morar em outro Estado...

— Combinamos de não falar mais nisso,

lembra? — franzi as sobrancelhas pedindo para ele não me dizer coisas tristes.

— Mas é preciso, Carol. — Douglas suspirou. Tomou minhas mãos nas suas olhando em meus olhos. — Você sabe como é importante para mim e eu não aceito mais ficar longe de você.

Não esperava que ele reafirmasse seu amor por mim depois de tudo. Aquilo mexeu comigo, mas tínhamos que pensar em todas as questões paralelas a isso.

— Eu também não aceitei ir embora, mas as coisas não foram resolvidas da minha maneira. Eu não pude escolher.

— Eu te dou a chance de resolver nosso futuro agora, da sua maneira, seja qual for a escolha — falou com seriedade e respirou fundo para prosseguir. — Quer ser minha namorada?

“Ai, meu Deus!”, pensei aflita.

— Carol, fazia tempo que vinha pensando e conversando com Deus sobre sua viagem e cheguei à conclusão de que se o que nós sentimos for verdadeiro poderá resistir a tudo. Ninguém pode mudar os seus sentimentos, nem mesmo a distância — explicou. — Não quero perder o que temos, eu realmente te amo.

De forma alguma eu ficaria indiferente àquelas palavras, eu sentia o mesmo por ele, talvez até mais. Os raios do Sol estavam deixando a cidade iluminada. Douglas desviou os olhos de mim, quem sabe de propósito e passou a admirar o céu. Pude pensar melhor no que dizer ou em como agir. Foi aí que notei: palavras não eram necessárias num momento como este. Eu o beijei.

Douglas não pareceu surpreso com isso, muito pelo contrário, correspondeu a minha ação de

imediato, talvez até previsse ou quisesse que eu a tivesse feito muito antes. Tudo foi perfeito! O calor do Sol em minhas costas, suas mãos em meu rosto, assim como a sensação maravilhosa de poder sentir seu aroma de tão perto. Sentia meu corpo em êxtase e a flutuar, sem falar que nada se compara a um beijo de amor verdadeiro. Maravilhoso!

Seus lábios eram delicados nos meus, mas depois os beijei com mais intensidade. Eles me fizeram esquecer tudo a minha volta por um momento. Sentime feliz como nunca, como se não me faltasse nada, tudo o que eu mais queria estava ali: Douglas. Minhas ansiedades e frustrações se foram, deixei que aquela sensação tão especial tomasse conta de mim pela eternidade que durou. Parecia que esperávamos por isso desde sempre.

Depois de acariciar meu rosto e me beijar mais três ou quatro vezes ele perguntou.

— Então... — riu um pouco, tomando fôlego. — Posso entender isso como um “sim!”?

Balancei a cabeça de forma positiva. Instantaneamente ele deu um sorriso brilhante, um dos mais lindos que já vi. Suspirei. Afaguei seu rosto com uma das mãos e lhe dei um selinho. Nesse exato momento meu celular tocou. “Justo agora!”. Enfiei a mão no bolso da minha calça e o tirei de lá, sorte que o toque era de uma música suave, bem discreta.

— Oi. — Eu disse ao telefone. — Desculpa. — falei para Douglas, ele assentiu com a cabeça.

— Onde você está, Carol? — quis saber Miriam, aos berros. Tomei até um susto.

— Eu? — olhei em volta. — Confesso que não sei.

Miriam quase teve um treco, enquanto

Douglas começou a rir com a cara que eu fiz.

— Já tô indo para casa, chego aí em... — pensei. — dez minutos. — levantamo-nos. Ele pegou um capacete e me entregou.

— Tá, tá bom. — desligamos.

Douglas me levou em casa o mais rápido que podia ir. Miriam estava parada em frente à porta batendo o pé e de braços cruzados. A perfeita imagem de uma baixinha invocada.

— Tenho que me preparar para o sermão. — Eu disse enquanto descia da moto.

— Quer que eu explique a ela o que houve? — Ele falou sorrindo, tirou o capacete e senti meu rosto queimar.

— Não, de forma alguma. Eu explico a ela. — apressei-me em dizer. Entreguei a ele o capacete e

acenei dando alguns passos em direção a Miriam. — Nos vemos mais tarde, então?

Ele sorriu. Segurou a mão que eu usei para acenar e deu um beijo educado nela, como se me cumprimentasse.

— Claro — respondeu, colocou o capacete de volta, ligou a moto e se foi.

Quando cheguei perto da Miriam percebi que me avaliava.

— A que horas acordou? — quis saber estreitando os olhos.

— Nem dormi — disse à meia voz. Ela arregalou os olhos.

Peguei a chave de casa e abri a porta, fui até o sofá que estava mais perto e desabei nele, fechando os olhos.

— Nada disso, antes de dormir vai me contar

tu-di-nho! — exigiu.

Demorei a responder e então ela começou a me fazer cócegas.

— Tá bom, eu conto! — falei rindo. Ela se sentou no sofá e eu deitei a cabeça em seu colo.

— O que estava fazendo com *Douglas* a essa hora da manhã?

— Ele me levou para ver o nascer do Sol. Foi perfeito! — Ela fazia carinho no meu cabelo.

— Mas ficaram lá um bom tempo, porque tentei ligar para sua casa de madrugada e ninguém atendia.

— É que... — tentei enrolar.

— "É que..."? — A tentativa de imitação da minha voz me fez rir.

— Você é mais nova que eu, mas parece

minha mãe! — Nós duas rimos. — Ele me pediu em namoro, Mimi.

— Ai, amiga, que lindo! — Ela me chacoalhava.

Eu sentei no sofá fugindo de suas mãos. Os olhos de Miriam brilhavam de entusiasmo e ela esboçou um sorriso largo, toda feliz.

— O que mais? — perguntou supercuriosa.

— Eu o beijei — sussurrei me divertindo.

— Ooooh. — Ela fez festa. — Como foi?

Eu a olhei feio. Ela ficou pasma.

— Não vai me contar? — Ela se fez de ofendida.

Comecei a rir e joguei uma almofada nela.

— Claro que não! — levantei-me e fui para a cozinha tomar café.

— Amiga, não faça isso comigo! — Ela correu atrás de mim. — Só me diga como foi em uma palavra.

Virei para ela e falei baixinho em tom confidente.

— Fantástico!

Onze

Miriam e Raquel eram as organizadoras da minha "festa-de-aniversário-surpresa-que-já-não-era-surpresa". Meus pais chegariam na hora do almoço e eu passaria a tarde o mais longe possível da minha casa para que ela fosse arrumada. Consegui cochilar um pouquinho antes de dar aula, eu estava morta de sono.

A manhã foi muito agradável, meus alunos fizeram maravilhas com as caixinhas de madeira. Como de costume vendiam tudo o que faziam e eles dividiam o dinheiro, mas dessa vez combinamos de vendê-las e dar o dinheiro a algum asilo. A campainha da minha casa tocou e eu fui correndo atender. Eram os meus pais, reconheço de longe o barulho do carro deles.

— Oi mamãe, oi papai. — Eu disse ao abrir a porta.

— Feliz aniversário de novo! — Meu pai falou com um sorriso.

— Obrigada. — abracei-o com muito carinho.

Minha mãe me entregou uma caixa grande com um laço vermelho impecável em cima.

— Quero que use hoje à noite — pediu.

Peguei a caixa e entreguei ao meu pai, então abracei forte a minha mãe.

— Obrigada por vir — falei com sinceridade.

Eu os fiz entrar. Meus pais sentaram no sofá e ficaram contemplando minha casa. Observaram os vasinhos de plantas, quadros e livros arrumados por toda parte. As paredes brancas, mas uma delas pintada da cor vinho.

— O que acharam? — perguntei.

— Parabéns pela decoração ficou muito bom. — Mamãe disse com orgulho.

— É bem aconchegante, eu gostei — disse papai. Sorri para eles.

Miriam apareceu na sala com uma vasilha cheia de pincéis usando um avental sujo de tinta. Assinalei disfarçadamente que seu queixo estava borrado de tinta acrílica e ela ficou tentando limpar usando o ombro.

— Aqui — levantei-me do braço do sofá. —, esta é Miriam, a moça que falou com vocês pelo telefone esses dias. — Minha mãe a cumprimentou com dois beijinhos no rosto e meu pai apenas sorriu.

Eu os ajudei a colocar as malas no quarto de hóspedes no segundo andar onde consegui arranjar uma cama de casal, eles ficariam até sábado à tarde

em minha casa, e nós fomos almoçar em um restaurante.

— Por que você e seus amigos escolheram essa cidade para montar o ateliê? — perguntou meu pai enquanto cortava a carne.

— Nós fizemos uma pesquisa e as cidades que tinham um alto nível de aceitação de arte eram as escolhidas. Então sorteamos as cidades e eu fiquei com essa aqui — falei sorrindo. — Tive muita sorte, gosto demais de morar neste lugar.

— Parece que tudo é feito de brinquedo — disse minha mãe olhando pela janela do restaurante.

Verdade. Minha cidadezinha tinha um charme todo especial. Nas ruas viam-se árvores de diversos tipos, as casas em estilo europeu com flores nas janelas eram encantadoras, além dos parquinhos que enchiam de crianças depois da aula à tarde, as

padarias arrumadinhas que mais pareciam ter saído da história de João e Maria, a Praça Central, a biblioteca pública, o pequeno *shopping*, até o mercado municipal era divertido.

— Não vai comer? — Meu pai perguntou para mim.

— Vou sim. — voltei à realidade.

Depois do almoço fomos passear pela cidade. Posso dizer que eles adoraram! Ficamos conversando sobre as novidades da nossa família da qual eu estava "por fora" de quase 80% das atividades. Eu me diverti bastante com as histórias que meu pai me contava e percebi que ele era fã número um da minha mãe.

— Não tem jeito, eu não consigo me acostumar com outro tipo de comida, acho que é o tempero que ela faz, deixa tudo mais gostoso. —

Meu pai estava elogiando a comida da minha mãe.

— Seu pai é um puxa-saco, filha — disse minha mãe revirando os olhos.

Observei que os dois pareciam adolescentes cochichando de vez em quando, roubando beijinhos, arrumando o cabelo um do outro quando o vento desarrumava. Seus defeitos pareciam não incomodar, pois faziam questão de ressaltar as qualidades. Eram como duas peças de um quebra-cabeça com encaixe perfeito.

Aprendi naquela tarde que diálogo é a chave para tudo. Agora entendo porque meus pais não têm tantas brigas, eles passam a maior parte do tempo conversando, assim se conhecem melhor e não fazem coisas que irritam um ao outro. Como me arrependo de não ter compartilhado com eles a minha vida, o sofrimento pelo qual passei poderia ter sido evitado. Descobri que eu estive agindo de

forma errada desde o início. Fiz crescer uma raiz de rejeição em meu coração que fez eu me afastar de tudo o que diz respeito a minha família. Mas eu estava arrependida e precisava pedir perdão aos meus pais.

— Papai, mamãe, quero falar com vocês — falei aos dois.

Pararam de andar. Indiquei um banco de concreto e se sentaram.

— Eu... peço desculpas por todos esses anos em que estive ausente, reconheço que não fui a filha que vocês esperavam ter. Como eu me arrependo por desperdiçar tanto tempo com coisas de menor importância ao invés de participar ativamente da nossa família. Sofri muito até entender que vocês já me amavam, e eu... desejo, do fundo do meu coração, que me perdoem.

Não consegui dominar minhas emoções, elas

se converteram em enormes lágrimas que brotavam sem parar de meus olhos, mas eu não estava triste, imensamente feliz seria a expressão correta para descrever o que eu sentia. Mais uma barreira havia sido quebrada. Não posso atribuir essa vitória a mim, algo maior e surpreendente estava no controle; Deus estava me ensinando a viver de novo.

Senti um calor afetuoso em volta de mim e quando abri os olhos vi que meus pais me abraçavam, então, com o cessar das lágrimas retribuí o gesto. Não sei por quanto tempo ficamos assim, mas foi o suficiente para tornar esse momento em uma das lembranças mais preciosas que possuo. “O bom filho a casa retorna.”.

***

Tive de entrar em casa com os olhos vendados, minha mãe me levou para o quarto junto

com a enorme caixa. Tomei banho e fui saber o que havia ganhado de presente dos meus pais.

— Espero que goste — disse minha mãe levantando a tampa da caixa sobre a cama do meu quarto.

Era fabuloso! Um vestido vermelho, elegante, de saia rodada, comprimento até o joelho e sem alças.

— É lindo! Muito obrigada, mãe. — sorri para ela.

Ela me ajudou a vesti-lo e ficou perfeito. Minha mãe escovou os meus cabelos e eles caíram em ondas sobre as minhas costas. Emprestou-me um colar delicado de ouro e um par de brincos.

— Mãe, eu queria te contar uma coisa.

— Pode dizer. — sentou-se na beirada da cama.

— Sabe aquele rapaz que eu te falei por telefone? — perguntei. Ela pensou um pouco e depois balançou a cabeça positivamente.

— Então... — confidenciei. — nós estamos namorando.

Samantha pulou da cama surpresa e me abraçou muito feliz, nós duas fizemos festa. Enquanto isso Raquel avisou de fora do quarto que podíamos descer. Minha mãe terminou de se maquiar e nós descemos. A casa se encontrava muito escura, mas dava para saber onde estavam por causa dos cochichos, tentavam acalmar Pepino. De repente acenderam as luzes da cozinha e depois as da sala.

— PARABÉNS PRA VOCÊ... — cantavam e batiam palmas.

Estavam ali reunidos meus alunos de pintura

em madeira, de pintura em tela, meus sócios e colegas da faculdade, meu pai, Douglas, Miriam e Raquel. Miriam acendeu as velas do bolo e depois que terminaram a música eu as apaguei. Pediram-me para escolher alguém e dar o primeiro pedaço, nem precisei pensar muito. Peguei a espátula, cortei o bolo de chocolate e entreguei ao meu pai.

Ele ficou muito surpreso por isso. Dei o primeiro pedaço a ele porque não deve ser nada fácil o papel de pai, eu queria homenageá-lo e demonstrar meu afeto. Costumamos deixá-los em segundo plano, nos apegarmos mais às mães, sendo que eles têm uma importância muito grande na família. Meu pai me agradeceu dando um beijo em minha testa e foi comer em algum cantinho da sala de jantar. Miriam e minha mãe trataram de servir os outros convidados enquanto eu ia cumprimentando-os. Mais tarde alguém cutucou meu ombro enquanto eu colocava água numa violeta perto da pia.

— Você está linda neste vestido. — Douglas elogiou quando virei para olhá-lo. Sorri e dei um beijinho rápido nele. Ele fez carinho em meu rosto. — Ah, o seu presente. Venha. — Ele segurou minha mão e fomos nos desviando das pessoas até chegarmos à sala.

Ele pediu para eu fechar os olhos, já que um dos presentes não tinha embrulho. Conduziu-me até o sofá e me ajudou a sentar.

— Pode abrir.

Abri os olhos, Douglas estava ajoelhado na minha frente com um *bouquet* de tulipas vermelhas e uma caixinha de veludo. Levantei o rosto, emocionada, e ele esboçava o mais belo sorriso.

— Feliz aniversário, meu amor. — entregou-me as flores.

Foi uma das coisas mais lindas que já ouvi

dizer, não só pelas palavras, mas pelo jeito como as pronunciou, de forma doce, suave, carinhosa... sincera. Recebi o presente. Foi a vez de ele abrir a caixinha e me mostrar um anel com pingente de abelhinha, ao invés de uma aliança tradicional.

— Que linda! — exclamei contentíssima.

— É provisória — avisou. Mas eu já tinha pegado o anel da caixa e experimentado no dedo, festejando. — Só até nós dois irmos ao joalheiro.

Parei de me mexer tanto e sorri para ele.

— Eu adorei!

Abraçamo-nos e ficamos conversando no sofá durante um bom tempo. Ao findar da noite levei Douglas para conhecer meus pais. Eles estavam olhando os quadros no ateliê. Minha mãe sorriu quando entramos e chamou meu pai.

— Bom... — Eu nunca gostei de

apresentações. — Mamãe, papai, esse é o Douglas. E... — Minha mãe continuou para mim.

— Eu me chamo Samantha e este é meu marido, Edgar. — Os dois estenderam a mão direita para Douglas, mas meu pai recuou a fim de que apertasse primeiro a da minha mãe.

— É um prazer conhecê-los — disse meu namorado, sorrindo.

Conversamos um pouco, depois nós quatro entramos em casa pela porta da cozinha. Eu e minha mãe fomos preparar chá enquanto meu pai e Douglas se sentavam no sofá da sala e papeavam.

— O que achou dele? — quis saber da minha mãe.

— Fez uma excelente escolha, ele é muito simpático, educado, bonito... Um completo

cavalheiro. — deu um sorriso com os lábios vermelhos.

— É — falei com certo pesar. Minha mãe veio até mim e colocou as mãos em meus ombros.

— Algo errado?

— Talvez não dure muito.

— E por que não?

— Vamos nos mudar, lembra?

— Ah. — Ela pensou um pouco. — Mas namoro à distância...

— Nunca dá certo. — Eu a interrompi.

— Sei como é. — ficou olhando para mim alguns instantes depois se virou e pegou uma bandeja com as xícaras. — Conversamos depois, certo?

Peguei o bule e fui com ela para a sala. Encontramos os dois falando sobre astronomia, numa conversa bastante descontraída e interessante. Servimos o chá e nós quatro ficamos conversando até às 23h.

— Já está na minha hora — disse Douglas levantando-se. — Foi um prazer imenso conhecê-los.

— O prazer foi nosso — disse minha mãe.

Ele apertou a mão dos meus pais e eu o acompanhei até a moto seguindo pelo caminho de pedras no jardim da frente. Ao se aproximar dela, na calçada, Douglas virou-se para mim e me abraçou de repente escondendo o rosto em meu pescoço.

— O que houve? — perguntei a ele. Passei meus braços em volta de seu corpo.

— Seu pai me disse que eles já programaram a

viagem.

— Mas não me... — Eu tentei falar.

— Vão contar a você hoje ainda. — Ele me interrompeu. Sua voz transmitia tristeza. Eu o abracei mais forte, ele levantou o rosto e me aninhou em seu peito.

— Já tem a data? — perguntei.

Demorou com a resposta, eu afastei meu rosto para olhá-lo e percebi seus olhos úmidos. Isso era um mau sinal. Com as pontas dos dedos afaguei o rosto de Douglas, tentando tranquilizá-lo, ele ficou me olhando tristonho, ao mesmo tempo em que parecia tentar me memorizar. Meus lábios aproximaram-se dos seus e se uniram num beijo. Foi doloroso. O melhor momento da minha vida prestes a não terminar bem e eu não sabia o que fazer para mudar isso. Beijei-o com paixão somente até

perceber que poderia piorar as coisas. Afastei-me o suficiente para ouvir sua respiração, de olhos fechados notei meu coração diminuir, ficar apertado.

— Quero que saiba... — começou falando perto do meu ouvido, mas não o deixei terminar a frase.

— Por favor, não faça discurso de despedida. — pedi e o abracei deitando meu rosto em seu ombro.

Ficamos em silêncio por um momento olhando o nada. Em minha cabeça várias perguntas apareciam e algumas lembranças ruins iam e vinham. Era como se estivesse novamente na oitava série quando meus pais e eu nos mudamos de cidade. Eles não me perguntaram se eu queria ou não, não me deram tempo nem para me acostumar com a ideia, muito menos para avisar aos meus amigos. Simplesmente me disseram que iríamos

embora. E eu fui.

— E então... quanto tempo temos? — perguntei baixinho com as lágrimas chegando aos olhos.

Douglas abaixou o rosto recusando-se a falar. Eu disse a mim mesma que já havia aguentado de tudo na vida e essa não seria a primeira vez que lidaria com perdas. Eu devia ser forte para não deixar que isso quebrasse meu coração de novo. Acenei com a cabeça e pedi com os olhos para que me dissesse e acabasse de vez com essa angústia. Ele soltou o ar dos pulmões pela boca e balançou a cabeça antes de olhar em meus olhos e dizer.

— Apenas 15 dias.

Doze

Douglas

Acordei. Meus olhos estavam irritados, um pouco inchados até. Tive um pesadelo horrível. Levantei-me da cama para que a imagem da Carol morrendo em um acidente de carro não voltasse. Fui para o banheiro tomar uma ducha, abri o chuveiro e deixei que a água morna caísse sobre mim durante um bom tempo.

"Não é justo! Deveríamos ficar juntos, o amor não é o mais importante? Será que tenho que implorar aos seus pais para ela ficar?", pensei frustrado. O telefone tocou na sala e eu saí rápido do banho, enrolando uma toalha na cintura, para atender, podia ser ela.

— Alô?

— Douglas, é a Miriam. — ouvi uma voz aguda do outro lado da linha.

— Oi Miriam, aconteceu alguma coisa?

— A Carol está trancada no quarto há um tempão chorando e ninguém quer me explicar o que está acontecendo.

Fiquei em silêncio por um instante.

— Você também não vai me contar? — perguntou.

— Os pais dela já marcaram o dia da viagem.

Ela pareceu chocada, no mínimo acreditava que eles mudariam de ideia e no fundo... eu também cria nisso. Miriam começou a jogar toda a sua indignação pra cima de mim ao telefone. Até tirei o aparelho de perto do meu ouvido, pois ela gritava e xingava sem parar. Só ouvi quando disse.

— Quando é que vão entender que ela já sabe se cuidar sozinha? Que droga! Eles só querem deixá-la infeliz!

— Também não é assim, Miriam. Querem ficar mais tempo com ela.

— Como pode ficar tão calmo? Pode ser que nunca mais a veja!

Sentei-me no sofá e apoiei o cotovelo no joelho e a mão na testa.

— Não precisava me lembrar disso — falei a ela, um pouco chateado.

— Foi mal, me desculpe... — disse com pesar.

— Acha que eu poderia ir ver a Carol agora?

— Melhor não, ela tá muito mal, talvez quando os pais forem embora.

— Então me ligue, está bem?

— Certo — concordou. Desligamos.

Fiquei sentado com o telefone na mão por um tempo. Eu devia ser um porto-seguro para ela nesse

momento, mas eu estava com um semblante tão abatido que só iria piorar as coisas. Levantei-me temendo que a toalha estivesse molhando o sofá, coloquei o telefone no lugar e fui para o quarto vestir meu uniforme de trabalho.

***

— Bom dia, tio — cumprimentei Paulo quando cheguei à empresa.

— Bom dia. Mas que cara é essa? — falou coçando a barba grisalha parando de lançar alguns pedidos no computador.

— Problemas. — limitei-me a dizer. Fui abrindo as outras janelas do lugar para arejar. O dia estava agradável lá fora e os raios de Sol pareciam impacientes para entrar.

— Quer conversar? — falou olhando por cima

dos óculos.

Respirei fundo e soltei o ar dos pulmões pela boca.

— Não acho que alguém conseguiria me ajudar.

— Vamos, me diga o que é — disse num gesto amigo.

Sentei em um caixote depois de tirar um vaso de plantas de cima.

— É a minha namorada. Os pais dela irão levá-la para o Sul em 15 dias.

Ele fez um estalo com a boca e pressionou os lábios formando uma linha, com o canto da boca virado para baixo.

— Não deve ser nada fácil ficar longe da pessoa que se ama.

Concordei com a cabeça.

— Sabe, o que mais me chateia é não entender o porquê de tudo isso — comentei abertamente.

— Está se referindo a Deus?

— É. — cocei o queixo. — Se era para ela ir embora por que eu tive de conhecê-la? Pior, me apaixonar por ela! Está certo que eu devia apresentá-la ao Criador, mas eu não poderia ser só amigo?

Ele sorriu, e eu fiz cara feia, desaprovando.

— Às vezes não entendemos as coisas, mas Deus sabe de tudo, não se preocupe. Até porque não cabe a nós decidir o rumo da vida de ninguém...

— Eu gostaria de entender, já pensei em várias hipóteses, mas nenhuma faz o mínimo sentido.

— Não esquente a cabeça com isso, Douglas.

— Tá bom, tá bom. — levantei-me e fui trabalhar.

Nessa estação do ano costumam aparecer muitos clientes e hoje não foi diferente. Trabalhei bastante a manhã toda e ao meio-dia e trinta fechamos a loja e eu fui almoçar na casa do meu tio. Sua casa fica na parte alta da cidade, afastada do meu bairro. Paulo tem um filho de 13 anos chamado Pedro, e minha tia se chama Marina.

— Até que enfim aceitou meu convite para vir almoçar aqui — disse ela terminando de colocar a mesa.

Respondi com um sorriso. Meu primo veio até mim e me cumprimentou, depois foi correndo sentar-se à mesa ao lado da mãe. Eu e meu tio lavamos as mãos na pia do lavabo antes de almoçarmos e quando voltamos conseguimos pegar o início da oração que minha tia estava fazendo junto ao meu primo.

— ...mas que seja feita a Tua vontade.

***

Eram 15h40 quando cheguei à casa da Carol. Eu não sabia o que esperar então me preparei para o pior. Miriam atendeu a porta. Usava um vestido amarelo que contrastava com os cabelos vermelhos naturais.

— A Carol está no ateliê. Já vou indo, qualquer coisa me telefone. — Ela saiu. Fiquei uns instantes parado no meio da sala, eu esperava ouvir dela algumas recomendações ou advertências, mas não me disse muita coisa.

Fui andando silenciosamente para o ateliê na parte de trás da casa. De lá vinha um som delicado; ela estava cantando. Eu já havia escutado aquela música quando era pequeno, me trazia boas lembranças dos meus pais, dos tempos em que me levavam ao parquinho depois da aula na primeira série. Lembrava as cantigas de ninar que minha mãe

cantava para mim. Sequei uma lágrima do rosto e parei na porta, observando. Carolina estava pintando um quadro, não parecia infeliz, muito pelo contrário, ela transmitia paz.

Dei algumas batidinhas na porta e entrei, ela parou de cantar e olhou para mim. Mostrei a rosa que eu trouxe para ela e um sorriso gracioso preencheu seu rosto. Carol me deu um abraço amigável e reconfortante. Pegou um vasinho com água e colocou a flor dentro deixando na mesa próxima a nós.

— Muito obrigada.

Sorri para ela e dei um beijo em seu rosto. Sentei-me numa banqueta ao seu lado e fiquei olhando-a pintar. Era um campo verdejante com uma árvore em primeiro plano e ao fundo um pôr do sol.

— Como o que vimos uma vez, lembra? —

disse ela.

— Lembro.

Ela virou o rosto para mim com os olhos risonhos e brilhantes. Desde a primeira vez em que a vi tive a impressão de que era a garota com quem eu queria ficar por muito tempo. A princípio julguei isso um pouco incomum, mas agora tenho certeza de que estava certo. Eu quero amá-la para sempre.

— Como foi o seu dia? — perguntou-me.

— Hmm, bom. — balancei a cabeça para os lados dando a entender que era um "mais ou menos".

— Só "bom"?

— Sim. E como foi o seu?

— Foi ótimo. — Não parou de pintar para me responder.

— Miriam me disse que você estava muito triste essa manhã...

— Já passou — garantiu.

— Alguma coisa nova aconteceu?

— Se está perguntando sobre os meus pais, *nada* mudou. Mas comigo tem algo novo sim...

Esperei com ansiedade. Carolina virou o rosto para mim com uma expressão de grande contentamento, abriu um sorriso enorme, lindo e intenso, e disse as palavras que fizeram o meu coração feliz.

— Decidi que a vida é uma só.

Ri. Simplesmente.

***

Passamos a tarde toda conversando sentados na rede que fica na varanda da frente da casa dela.

Contou-me diversas coisas sobre sua vida, fiquei impressionado com a quantidade de decepções que a Carol já teve. Disse também sobre seus planos para o futuro e como pretendia alcançá-los, além de seus gostos e preferências.

— Tem algum livro preferido? — Eu perguntei a ela.

— Não, gosto de vários livros — deu de ombros. —, não teria como escolher um preferido. Mas você tem?

— "O patinho feio" — respondi com uma careta.

— Por quê?

— Sei lá, foi um livro que me marcou muito na época em que meu rosto era cheio de espinhas e as meninas nem olhavam para mim — contei, e nós rimos.

— Você devia ficar pensando se ia demorar muito para virar cisne.

— É... mas ainda acho que não cheguei lá. — Eu disse brincando com uma mecha do cabelo dela.

— Qual é?! Fique sabendo que você é o cara mais bonito do mundo.

— Ah tá, puxa-saco. — Eu disse, e ela riu.

Minutos depois Carol virou para mim levantando o rosto do meu ombro e colocando o cabelo atrás da orelha.

— Tive uma ideia! — falou animada.

— Qual?

— Que tal irmos à praia amanhã de manhã?

— Seria ótimo, amor.

Ela deu um sorriso meigo que fez meu coração ficar a mil. Carolina era inexplicavelmente

linda! Eu adorava a cor de sua pele, seu cheiro e maciez. Seus cabelos negros balançavam com o menor movimento. Tinha olhos amendoados da cor cinza e eram brilhantes como pedras preciosas. Havia uma pintinha perto da boca e seus lábios eram cheinhos. Muitas vezes parava para pensar em como tive sorte de ela gostar de mim.

— Sabia que você me lembra a Pocahontas? — comentei acariciando seu queixo. Ela se divertiu com isso e deu um monte de beijinhos açucarados em meu rosto que retribuí em seguida, rindo vez ou outra.

— Te amo — dissemos juntos.

Cheguei em casa às 19h15, muito feliz. A tarde tinha sido maravilhosa, era como se eu e a Carol fôssemos amigos de infância e estivéssemos

relembrando o passado como, por exemplo, o dia em que ela e as primas fizeram uma casinha no quintal da avó ou quando ela andou a cavalo pela primeira vez. Sempre sonhei em ter um relacionamento diferente, tendo a amizade como base. E é como dizem, quem espera sempre alcança.

Dizem também que o homem se realiza quando tem um filho, escreve um livro e planta uma árvore, eu discordo, o homem se realiza quando encontra o Criador do Universo. Não consigo mais me imaginar sem Deus. Por mais que eu tenha motivos para ficar triste eu sei que Ele vai me ajudar a superar, só tenho que descansar e confiar plenamente Nele.

Tirei um pacote de macarrão do armário de madeira e coloquei em cima da bancada da cozinha para preparar mais tarde. Peguei uma toalha na mini lavanderia e subi as escadas para o meu quarto. “Ser

feliz é questão de escolha”, pensei satisfeito.

***

Acordei cedo no domingo, tomei café rápido para arrumar a casa. Eu iria preparar um almoço para Carol e estava um pouco ansioso. Depois de ajeitar algumas coisas para comermos e me vestir com algo fresco para ir à praia, fui à casa da mulher mais incrível do mundo.

— Bom dia, meu amor — cumprimentou sorrindo ao abrir a porta.

— Bom dia. Pronta para ir?

Ela fez que sim com a cabeça enquanto pegava a bolsa que estava no sofá. Depois de trancar a porta fomos até a minha moto de mãos dadas. “Não tem coisa melhor do que estar junto dela.”, pensei apaixonado.

A praia era longe da cidade, mas pela paisagem valia a pena percorrer tamanha distância. Tínhamos que descer a serra e passar por um vilarejo que julguei ser o cenário certo para filmes de terror. Ele era rodeado por grandes árvores o que deixava o lugar meio escuro devido à sombra, não parecia ter uma só alma ali e o silêncio incomodava. Sinistro demais. Em compensação, a praia que encontramos era divina! A areia branquinha, fofa e limpa. O mar parecia se misturar com o céu, tamanha a perfeição do tom azul. Os coqueiros imensos davam um ar paradisíaco ao lugar.

— Que maravilha! — A Carol falou contemplando a praia.

Estacionei a moto perto de um quiosque que era uma espécie de cabana do *reggae*. Tinha um funcionário com o cabelo *black power* usando pulseiras coloridas e uma música bem *relax* tocando.

Nós descemos para a areia quente e olhamos um para o outro, parece que tivemos a mesma ideia. Tiramos nossas roupas rapidamente e corremos para água parecendo duas crianças que nunca viram o mar. Brincamos de jogar água um no outro, apostar corrida a nado, ver quanto tempo conseguíamos ficar debaixo d'água, dentre outras coisas. As ondas eram bem pequenas, o mar não estava agitado.

— Nunca me diverti tanto! — comentou animada.

— Acho que aprendi, olhe aqui — falei. Carol havia me ensinado a espirrar água juntando as mãos sobre o mar e apertando.

Voltamos a nadar durante um tempo até que achamos um barco pequeno vagando por ali, subimos nele e descansamos enquanto olhávamos a paisagem praiana. O Sol estava ficando mais intenso.

— Um refrigerante cairia bem — comentou.

— Verdade — confirmei olhando em volta. — Estamos nos afastando muito da orla.

— Onde estão os remos?

— Não sei — falei levemente preocupado.

Olhei para trás. A praia estava tão longe... Olhei para Carol.

— Xii, estamos perdidos! — falou se divertindo. — Se eu morrer minha mãe me mata. — Nós rimos juntos.

Coloquei minha mão na água e fui tentando remar, além de cansado eu estava com preguiça. O engraçado é que minha namorada não parecia nada preocupada com a situação, muito pelo contrário, ela estava agitada, remexendo nos bagulhos espalhados pelo barco, movendo-se de um lado para o outro. E eu tentava não ficar olhando muito para

ela, o biquíni verde, estampado, que usava lhe caía muito bem. Então olhei para a água, a fim de me distrair e não pensar besteira. De repente ouvi um barulho e o barco começou a se mover mais rápido. Levantei os olhos e fiquei um pouco assustado.

— Carol? — chamei.

Instantes depois, Carolina acenou com uma das mãos na parte de trás do barco. Fui até ela andando com dificuldade pela madeira e tentando me desviar dos objetos largados ali, sentei-me na beirada e me inclinei.

— O que está fazendo aí?

— Quero chegar logo em terra firme. — Carol estava na água empurrando o barco. Quase caí no mar com o impulso que ela deu.

— Suba aqui, eu empurro no seu lugar — falei me segurando firme.

— Não, tá tudo bem. — sorriu para mim.

Momentos depois já estávamos deixando o barco. Ela pegou duas toalhas dentro da enorme bolsa colorida e me entregou a azul. Sentamo-nos embaixo de uma sombra ótima e ficamos bebendo água de coco que comprei no quiosque. Comecei a desenhar na areia com um palito que achei.

— O que é? — Carol inclinou-se para ver.

— Eu e você. — continuei desenhando.

— E isso aqui? — Ela apontou.

Dei um beijo em seu rosto.

— É o Pepino, ou pelo menos era pra ser. — Eu disse. Ela sorriu.

Desenhei um coração e escrevi dentro dele “Eu sei que vou te amar”. Um trecho de uma música bonita, de Vinicius de Moraes, que combina conosco.

— Queria saber compor músicas — comentei terminando de enfeitar o coração.

— Podia saber tocar violão também. — Ela disse desenhando uma nota musical na areia.

— Que tal eu ser um músico famoso e me casar com uma...

— Artista plástica? — adivinhou o que eu ia dizer. Puxei seu rosto para mais perto e dei-lhe um beijo nos lábios antes de acrescentar.

— E quem sabe morar numa grande casa e ter uns três filhos... — falei bastante sonhador.

— Ah, três não. Um time de futebol completo! — falou fazendo careta.

Comecei a rir.

Em casa fiz bife à parmegiana, arroz e salada tropical. Ela adorou a comida e elogiou bastante. Depois do almoço eu a levei em casa, combinamos de nos encontrar na porta da igreja para o culto de hoje à noite. Ah, é incrível como Deus tem cuidado de nós.

Treze

Os dias passavam cada vez mais rápidos e tentávamos aproveitar todo segundo possível juntos. Jantamos em vários restaurantes, fomos pescar, fizemos até piquenique no jardim. Fomos ao cinema e jogamos dominó na pracinha com alguns amigos da igreja.

— Passa um pouco mais de azul. — Ela pediu, estava me ensinando a pintar um quadro.

— Está melhor agora? — perguntei rindo, meu desenho ficou péssimo.

Ela riu comigo. Pintei a ponta do seu nariz de azul e como resposta Carol desenhou um coração na minha bochecha. Os objetos da sua casa estavam quase todos encaixotados, seus pais viriam buscá-la no dia seguinte, sábado bem cedo. A casa, o ateliê e

o carro ela deixou para Miriam tomar conta enquanto decidia o que ia fazer com eles. Pepino ela deixou comigo porque seus pais não gostam muito de cachorro.

— Amo você — sussurrou pouco antes de me beijar.

Durante esses dias eu vivi como se nada estivesse acontecendo, mas agora me dei conta de que falta pouco para eu perder metade de mim. Saber que isso tudo vai acabar um dia, talvez amanhã mesmo, partia meu coração, o fazia sangrar. Eu me sentia como se estivesse sendo abandonado, como se fosse ficar sozinho. Mais uma vez. Eu a abracei e tentei segurar as lágrimas o máximo que pude. Meu queixo tremia querendo me trair.

— Sinto como se tivesse esperado por você a minha vida inteira — disse-me fazendo carinho em meus cabelos. Cada nota soando doce em meu

ouvido.

Minha vontade era dizer que eu a amava com todo o meu coração, que ela foi o presente mais precioso que eu havia ganhado do Criador, que eu poderia dar tudo o que ela quisesse se ficasse pra sempre comigo. Mas eu não consegui, minha voz estava presa em minha garganta. Carolina segurou meu rosto com as duas mãos e olhou profundo em meus olhos marejados.

— Nunca amei outra pessoa como amo você, Douglas, e se for da vontade de Deus que fiquemos juntos, nada nem ninguém nos impedirá disso.

Meu coração estava pesado e piorou quando vi uma lágrima cair de seus olhos. Levantei-me da banqueta e a abracei mais forte que da primeira vez.

— Por favor, meu amor, não chore. — consegui dizer depois de estabilizar a voz. — Vai dar

tudo certo. — tentei convencer a ela e a mim disso.

Ela passou os braços em volta do meu pescoço e escondeu o rosto.

— Promete? — falou com a voz abafada.

— Prometo. — Eu disse beijando seus cabelos.

Carol levantou o rosto. Seus olhos pareciam pedrinhas brilhantes. Enxuguei suas lágrimas e tentei sorrir. Ela ficou olhando para mim, parecia estar pensando em alguma coisa importante, tocou meu rosto com delicadeza e ficou passando a ponta do dedo no desenho que havia feito. Sorriu um pouco para mim e eu retribuí o sorriso.

— Prometo te amar para sempre — sussurrei.

— Também prometo.

Aproximei meu rosto do seu e a beijei carinhosamente nos lábios, firmando uma aliança e selando nossa promessa.

***

À noite faríamos um culto de despedida para a Carol num restaurante nas montanhas. Combinamos com o pessoal da igreja e com os nossos amigos de nos encontrarmos lá às 19h30. Estacionei minha moto e sentei-me na mureta que levava à porta secundária do lugar. O céu estava muito bonito, sem nuvens e bem estrelado. Alguém iluminou o local onde eu estava com os faróis, coloquei a mão em frente ao rosto. Vieram até mim fazendo barulho com os sapatos no cascalho do estacionamento. Quando se aproximaram bastante eu me levantei.

— E aí, cara, como vai? — cumprimentou-me um dos cinco que saíram do carro.

— Tô bem, Miguel — respondi com um sorriso.

— Vai ser na parte de dentro ou na sacada? —

perguntou meu outro colega, tão alto quanto os demais que estavam ali.

— Sacada. Fique à vontade para entrar, o pastor Jonas está lá dentro.

Eles entraram no restaurante. Voltei a me sentar e minutos mais tarde Miriam, Carol e Raquel chegaram. Abracei Carolina e sorri para as outras duas que retribuíram gentilmente.

— Vamos? — Eu disse a minha namorada.

Ela fez que sim com a cabeça e nós entramos no lugar. Na sacada tínhamos arrumado alguns pufes e tapetes para sentarmos e ficarmos mais à vontade. O local era do pai de um amigo nosso e ele nos cedeu para essa noite. O culto foi ministrado pelo pastor, líder dos jovens da igreja, depois teve "comes e bebes".

— Carol. — chamei, então ela levantou-se

deixando algumas amigas conversando. Peguei sua mão e a levei para uma parte da sacada onde não tinha quase ninguém.

— Você está muito elegante com esse colete. — elogiou.

— Obrigado, você também está linda. — tirei uma caixinha do bolso da calça e entreguei a ela. — Presente!

Ela abriu devagar e sorriu para mim depois de olhar o que era.

— É perfeito! Muito obrigada. — abraçou-me. Eu havia dado a ela um colar de prata com um pingente de coração. — Ajude-me a colocar, por favor?

Carolina me entregou o presente e virou-se de costas para mim. Afastei seus longos cabelos com cuidado, pousei o colar sobre sua pele e o abotoei.

Dei um beijo em seu ombro e a abracei. Ficamos um bom tempo olhando as montanhas sem nada dizer, enquanto nossos colegas papeavam despreocupados ali perto.

— Amor, já está tarde e eu descansei pouco hoje. Pode me levar em casa?

— Claro — concordei.

Carolina deixou a chave do seu carro com Miriam e nos despedimos da galera. Quando chegamos em frente à casa dela comecei a sentir o que muitos chamam de borboletas no estômago e minha mente fez uma retrospectiva. Lembrei-me da primeira vez em que a convidei para jantar, do bilhete a lápis que entreguei a ela, da declaração de amor que fez a mim, do dia em que a pedi em namoro...

— Falta pouco — sussurrei tristonho.

Quatorze

Carolina

Entreguei a ele o capacete e o abracei dando boa noite. Seu abraço estava macio, aproveitei e rocei meu rosto na fazenda de seu colete. Nós combinamos de nos encontrar amanhã cedo para que pudéssemos nos despedir oficialmente, mas não queríamos nos afastar ainda. Entramos em casa e eu acendi as luzes. Encontramos Pepino dormindo perto da escada com um monte de coisas espalhadas pelo chão. Eram revistas comidas, pincéis jogados e tinha até um chapéu de praia todo mastigado.

— Droga, ele aprontou de novo — comentei decepcionada.

Douglas me ajudou a guardar os objetos dentro de uma caixa vazia que coloquei em cima da mesa de mogno que não ia levar.

— Sente-se aí no sofá, vou buscar uma caixinha. — Eu disse.

Para minha viagem eu não ia levar tudo de uma vez, somente o andar de cima estava todo encaixotado, as coisas da sala e da cozinha eu levaria quando tivesse um lugar certo para ficar. Subi as escadas o mais rápido que o salto da minha sandália me permitia ir. Quando cheguei ao meu quarto arranquei as sandálias e as joguei longe, eu não era muito fã de salto. Procurei em meio às caixas o lugar em que eu havia guardado minhas recordações. Confesso que não foi fácil achar, já que arrumação de mala e caixa não é minha especialidade, mas consegui. Desci as escadas descalça e chutando as abas do meu vestido longo, amarelo e primaveril. Sentamos no chão vendo as fotografias antigas que eu guardava numa caixinha de madeira.

— Sua mãe? — apontou ele, minutos depois.

— É.

— Parece muito com você. — Douglas olhou para mim. — Você tem o nariz — Ele apertou de leve meu queixo. — e o queixo dela.

Observei a foto por um tempo.

— Você não estaria aqui para se despedir de mim se não fosse a ideia dela... — pensei em voz alta.

Olhei para ele com tristeza, implorando a mim mesma para não deixar que as lágrimas viessem à tona. Douglas passou o braço em volta de mim e eu encostei a cabeça perto do seu coração até ouvi-lo dizer.

— Vai dar tudo certo.

***

— Bom dia, dorminhoca. — Douglas saudou com uma voz animada quando abri a porta de manhã cedinho, eu havia pedido na noite anterior que viesse tomar o café da manhã comigo.

Coloquei a mão em frente ao rosto morrendo de preguiça, e ele afagou minha mão. Deixei que entrasse, dei rápida espreguiçada e fui para o quarto trocar de roupa, pois havia dormido com o vestido de ontem. Peguei um confortável *short* azul e uma regata branca que estavam separados fora da mala e vesti. Lavei o rosto, escovei os dentes, penteei os cabelos e desci as escadas. Encontrei Pepino correndo pela casa, nem imaginando o que o destino reservava a ele, e Douglas estava saindo do lavabo. Encostei-me na porta do cômodo cruzando os braços e dizendo.

— Espero que consiga educá-lo.

Douglas espiou Pepino.

— Também espero — falou e me fez rir.

Eu e ele tomamos o café da manhã na mesa da cozinha enquanto meu filhote comia ração no quintal. Não muito tempo depois ouvi alguém tocar a campainha. Demorei para levantar da cadeira, eu gostaria de poder fingir que não havia ninguém em casa.

— Não fique com medo. Se as coisas estão acontecendo dessa forma talvez Ele tenha algum propósito nisso. — Douglas aconselhou.

Por fim, acabei indo atender a porta. Eram os carregadores de mudança. "Não tenho escolha mesmo...", pensei chateada.

O caminhão com a mudança já havia partido, nesse meio tempo Miriam e Raquel chegaram para se despedirem de mim e receberem algumas

recomendações. Fui andando até a porta da frente olhando o que eu chamava de lar. Durante quase seis meses essa casinha foi meu refúgio feliz e agora vou ter de deixá-la.

Sentei-me na escada da porta da frente junto com os meus amigos. Ficamos um bom tempo ali apenas em corpo, nossas mentes deviam estar vagando, bem longe. De repente ouvi um barulho familiar aproximando-se, junto com ele veio uma melodia triste, violinos estavam sendo tocados em minha mente. Talvez música de velório.

Meu pai estacionou o carro rente à calçada. Ele e minha mãe me olharam nos olhos por um longo minuto. Fiquei vendo, aflita, aquele veículo, meus pés pareciam grandes blocos de cimento indispostos a se movimentarem. Um torpor foi tomando conta do meu corpo. Eu lutava comigo mesma para fazer alguma coisa, nem que fosse sair

correndo dali, porém, instantes depois me coloquei de pé. O movimento foi tão rápido que eu tive de escorar no corrimão da escada de tão zonza que fiquei.

— Você está bem? — perguntou Miriam preocupada.

— Estou — falei controlando a respiração.

Os três se levantaram com o pesar estampado no rosto. Raquel foi a primeira a me abraçar longamente, desejou-me sorte e felicidade.

— Se cuida, tá bom? Quero que me mande notícias todos os dias e vê se vem nos visitar também. — disse Miriam segurando firme em meus braços. Seu queixo tremeu e os belos olhos verdes encheram-se de lágrimas. — Ai, amiga, isso não é justo! — Sua carinha era a mais triste que já tinha visto. Depois me abraçou e desceu as escadas junto

com Raquel, esperando no jardim.

Meu coração começou a bater desordenadamente, minhas mãos suavam e eu estava com um nó horrível na garganta. Sentia meus joelhos tão moles que mal me aguentava em pé. Vi que Douglas tinha dado um sorriso triste formando uma linha com os lábios e abriu os braços.

— Eu amo você — falei me segurando para não chorar. Joguei-me em seus braços fortes e suas mãos me seguraram firmemente mantendo-me o mais próxima possível, longe do perigo, segura, onde eu podia sentir seu coração bater.

“Por que isso está acontecendo? A que lugar eu pertenço, meu Deus?”, minhas perguntas não tinham respostas.

— Ainda nos veremos, meu amor. Encontrarei um caminho até você. — Ele disse em meu ouvido.

Eu quase não conseguia respirar tamanha era a perturbação dentro de mim, e então as lágrimas rolaram, vieram os soluços e a dor. Muita dor. Não era fácil lidar com perdas. Soltei-me de seus braços para enxugar meu rosto, eu não queria deixar transparecer o que estava se passando no meu interior. Douglas estava cabisbaixo coçando os olhos com as costas da mão espantando algumas lágrimas. Apesar de ser um momento horrível o de despedida eu devia melhorar o clima, por ele e por mim também, não podia deixar que a nossa última lembrança juntos fosse tão triste.

— Adorei ter conhecido você — declarei. Ele olhou para mim de imediato. — Obrigada por ser meu melhor amigo. Eu... — sequei depressa o rosto para ter uma boa aparência. — não me arrependo de nada... melhor, me arrependo de não ter te beijado no primeiro dia em que saímos juntos — confessei

rindo um pouquinho, passando as mãos no rosto. Ele deu um sorriso tímido encantador.

Meu pai buzinou com impaciência. Olhamos para o carro, depois um para o outro. Douglas deu um passo em minha direção, ergueu meu rosto apoiando a mão em meu queixo e ajeitou uma mechinha do meu cabelo, a sua preferida.

— Podemos fazer da maneira certa agora — disse-me, encostando sua testa na minha.

Sorri para ele satisfeita.

— Meu coração pertence a você, Carol.

Como um ímã senti-me atraída por ele e então nossos lábios se uniram expressando o mais puro amor. Eu me perdi na profundidade de seu beijo e na eternidade do instante, querendo que tudo de mau que estava vivendo não passasse de um sonho ruim. Em nossa volta imperou o silêncio, talvez

fosse devido à solenidade do momento. Era algo que devia ser armazenado em nossas mentes como uma doce e triste lembrança.

— Voltarei assim que puder — sussurrei em seu ouvido.

Abaixei-me e peguei minha pequena malinha de mão e uma mala de rodinhas. Olhei para aquele triste rapaz parado em minha porta por um breve tempo. Com ele ficaria meu coração cheio de remendos e curativos.

— Adeus — falei já de costas descendo as escadas.

Então ouvi gritar com a voz intensa e esperançosa.

— Não importa o que aconteça, eu vou esperar você!

***

Começou a chover num trecho da estrada. Meu pai escutava uma música instrumental baixinho, minha mãe dormia e eu me sentia fraca por não poder decidir minha própria vida. Eu me via à beira do precipício onde meus sonhos e meus planos foram pisoteados e lançados no fundo do abismo, nada mais fazia sentido, até o fio de esperança que eu estava sustentando havia se acabado. Agora eu era como um pássaro preso em uma gaiola impossibilitado de voar.

Encostei meu rosto na janela, os pingos de chuva que deslizavam por ali atrapalhavam minha visão juntamente com as lágrimas que brotaram dos meus olhos. Eu estava me sentindo só. Não existia luz no fim do túnel como diziam e não existia ninguém que pudesse amenizar a dor que eu estava sentindo. Quanto mais eu me lembrava da liberdade que com tanto custo eu conquistei, mais me arrependia por não ter lutado por ela e descoberto

uma solução que traria menos prejuízos para mim.

Devo ter passado o dia inteiro dormindo porque quando percebi já estava escuro. Peguei meu mp3 e coloquei os fones de ouvido, mas ao vasculhar as músicas a vontade de chorar voltou, tudo ali me lembrava de Douglas e... também Deus. Fiquei me perguntando se eu estava recebendo algum castigo d'Ele por ter sido uma filha distante. Percebi que meu pai me observava pelo retrovisor. Sequei os olhos de qualquer jeito e virei para a janela.

— Quer conversar? — Ele perguntou preocupado.

— Sobre...?

Deve ter pensado muito antes de falar.

— Não quero ver você triste filha. O que te chateia?

Parecia brincadeira ele falando aquilo, era tão óbvio que nem me dei o trabalho de explicar.

— Adivinha — falei com amargura.

Pelo espelho vi seu constrangimento e me arrependi de ter falado grosseiramente.

— Desculpa? — pedi a ele.

— Tudo bem.

Respirei fundo. Eu preferia não conversar, mas era melhor deixar clara a situação e não cometer o mesmo erro do passado.

— Eu não queria ir embora, pai. Eu sei que a gente precisa conviver mais, só que... levando-me pra longe não vai ajudar muito. Minha vida é bem melhor na minha cidadezinha, tenho tudo o que quero lá, amigos, amor, trabalho... — Ele me interrompeu.

— E sua família?

“Sempre entra a família na discussão...”, pensei repentinamente irritada.

— Já tenho idade o suficiente para cuidar de mim — respondi sem pensar.

Vi o espanto trovejar em seus olhos.

— Sua família não é importante? Acha que servimos apenas de babá para você? — Sua voz começou triste e foi ficando brava.

— Eu não quis dizer isso.

— Se somos um peso para você, Carolina, siga sua vida do jeito que quiser. Quer que eu pare o carro pra você descer? — falou de forma áspera e mal-educada, como eu teria feito meses antes.

Fiquei olhando para ele sem ter o que dizer. Suas palavras me fizeram sentir um mal-estar

terrível, minha cabeça parecia girar. Levei a mão ao peito, meu coração estava opresso, as amarras das minhas feridas se arrebentaram e uma torrente de sensações torturantes apossou-se de mim. Lembrei-me de quando era mais nova, quando precisava de ajuda para enfrentar as adversidades e não havia ninguém para estender a mão, ninguém para me ouvir, nem me entender. Lembrei-me de quando saia de casa para ficar sozinha, pois não aguentava a grosseria comigo e não queria responder da mesma forma.

Mas era isso. Meus pais achavam que eu não me importava com eles, mesmo depois desses dias supostamente felizes. Durante todos esses anos me afastei para tentar esquecer meus problemas de infância e adolescência, mas na verdade estava criando outros. E essa era a imagem que passava para Edgar e Samantha, a imagem da filha independente e sem coração. O que é pior do que

saber que eu mesma sou a causadora do meu próprio sofrimento?

— Tá tudo bem? — perguntou mais calmo. — Vai ficar com dor nas costas encolhida desse jeito. Sente-se direito, Carolina.

Eu ainda me sentia perturbada e extremamente triste, mas atendi a sua ordem. Sentei-me e tentei afastar minha mente da realidade.

Quinze

O tempo continuava chuvoso, por isso meu pai resolveu parar na chácara da minha tia. Edgar estacionou o carro dentro de um galpão que mais parecia um celeiro, eu e minha mãe levamos para casa algumas coisas que usaríamos naquele dia. Depois do almoço meu pai decidiu ir dormir, minha mãe foi ao mercadinho com minha tia e o marido dela, eu e minha prima fomos caminhar, já que a chuva estava bem fina.

— Podia aproveitar e fugir. Eu te dou cobertura. — Minha prima sugeriu, eu ri da ideia absurda.

Agatha era muito diferente de mim. Só morava com a mãe e o padrasto porque ganhava tudo o que queria deles, fazia o tipo manipuladora e,

até o presente momento, estava me dando conselhos errados. Era mais nova que eu, tinha os cabelos negros ondulados e a pele um pouco mais escura que a minha. Era muito atraente e inteligente também. “Tente ignorar o que sua prima diz, ela não tem juízo.”, lembrei-me do que minha mãe aconselhou antes de descermos do carro.

— Não esquenta com eles — Ela passou o braço em volta dos meus ombros enquanto andávamos. —, mais cedo ou mais tarde vão entender que você só quer curtir a vida.

— Já conversamos tanto e nada de eles considerarem o que eu penso. — ajeitei o casaco lilás que havia vestido por cima da regata branca.

— Relaxa, prima!

Ela segurou minha mão e nós corremos porteira afora. Fomos andando pela estrada de terra

pulando de vez em quando as poças de água que apareciam pelo caminho. Dos dois lados havia bambus e suas folhas se encontravam formando um teto nos protegendo um pouco dos pingos de chuva. O céu estava cinzento e uma brisa gelada rodopiava a nossa volta.

Passei o restante da tarde trancada no quarto onde meus pais dormiriam. Eu estava ouvindo música e folheando uma revista sobre meio ambiente, mas dormiria no mesmo quarto que minha prima. Minha mãe me chamou batendo de leve na porta. Levantei-me deixando a revista e o mp3 em cima da cama e ajeitando a roupa para ir à sala de jantar. Todos já estavam comendo, então fiz meu prato rapidamente e fui jantar sozinha na cozinha. A casa da minha tia era modesta, mas bastante arrumadinha e aconchegante, tinha uma

vista linda para as montanhas.

Depois de comer voltei para o quarto da minha mãe, peguei minhas coisas na mala e fui para o banheiro me arrumar para dormir. Quando me deitei, já no quarto da minha prima, Agatha entrou falando ao celular. Dei-me conta de que havia sinal e que eu poderia telefonar para casa. Peguei o aparelho e liguei, havia quatro mensagens: “Eu te amo, Douglas.”. “Amiga, vc esqueceu uma blusa comigo, Miriam.”. “O q faço p/ o Pepino parar de chorar e ir dormir? Douglas.”. “S.O.S., Douglas.”. Só ele para me fazer sorrir num momento desses.

— Alô? — Ele atendeu, sua voz parecia cansada.

— Pensei que não te encontraria em casa, não foi ao culto hoje?

— Carol?

— Sou eu — falei rindo baixinho.

— Meu amor, tá tudo bem com você? Já chegou à casa de seus parentes? Estava louco para ouvir sua voz! — falou feliz. Ouvi os latidos do meu filhote do outro lado da linha.

Saí para a varanda do quarto, minha prima falava muito alto.

— Já estou com saudade de você, queria voltar para casa. Nós paramos na chácara de uma tia, amanhã continuaremos a viagem.

Ele ficou quieto por um instante e quando voltou a falar sua voz estava falhando.

— Você não vai voltar, não é mesmo?

— Pelo jeito você também perdeu a esperança...

— Não esqueça que eu amo você.

— Também te amo. A bateria do meu celular está acabando e eu não sei onde coloquei o carregador. Tenho que desligar. Ah, sobre o Pepino, deixe-o dormir no seu quarto, assim ele para de chorar.

— Tá bom. A gente se fala outra hora. Boa noite, amo muito você.

— Boa noite.

Desligamos. Eu coloquei o celular no criado-mudo do meu lado da cama de casal e arrumei o travesseiro para dormir. Deitei-me e o cansaço da viagem apareceu na mesma hora.

— Agatha — chamei. Ela devia estar combinando alguma coisa com a pessoa com quem falava ao telefone, pois nem prestou atenção em mim. — Prima, apague a luz — falei um pouco mais alto. Ela se despediu e desligou o celular. — Eu

gostaria de dormir, você poderia apagar a luz?

Ela deu uma risada.

— Quem precisa dormir numa noite como essa?! — respondeu indo ao guarda-roupa.

— Eu preciso.

Agatha abriu uma gaveta e tirou de lá um conjunto de blusa e *short* e colocou em cima de um baú no canto do quarto. Tirou um vidro de perfume, um estojo de maquiagem do guarda-roupa e deixou no baú, separado.

— A noite é uma criança... — disse com um sorriso travesso no rosto.

— Garota, eu tenho medo de você! — falei voltando a fechar os olhos e puxando o cobertor até meu queixo.

Devo ter dormido apenas algumas horas. O céu não estava mais nublado e a luz da Lua entrava no quarto me impedindo de pegar no sono. “Como eu gostaria de conversar com Douglas de novo...”. Tateei o criado-mudo em busca do meu celular, havia deixado desligado para economizar bateria, mas queria olhar a foto de Douglas antes de tentar dormir de novo. Deitei de barriga para cima e apertei um botão do aparelho para ligá-lo. A luz forte do celular iluminou a cama e percebi que Agatha não estava deitada.

— O que ela está aprontando dessa vez? — pensei em voz alta.

Levantei-me preguiçosamente e vesti meu *hobby* pérola que estava em uma poltrona. Fui à cozinha beber água e achar algo para fazer.

— Não está conseguindo dormir? — Minha mãe perguntou na cozinha tomando seu vício, chá.

— É. — peguei um copo no armário e enchi de água. — Você também?

— Sim, tem um som me atrapalhando a dormir.

— Som?

— Não está escutando uma música?

— Não — respondi.

Ela pediu que eu parasse de beber e tentasse escutar. Um som estava sendo executado, mas bem longe.

— Deve ser algum vizinho fazendo festa. — supus.

— Não, é ali. — Ela apontou para o celeiro que dava para ver pela janela.

— Agatha! — deixei escapar.

— O que tem ela?

— Não está no quarto. — Eu disse rápido, já saindo da cozinha.

— Aonde você vai? Espere!

Eu e minha mãe somos curiosas demais. Não importava o quanto aquilo pudesse ser perigoso, nosso instinto de detetive nos obrigava a investigar. Saímos no meio da noite para ir ao galpão que ficava na entrada do terreno. Estava frio e por azar nossas roupas de dormir eram finas e de tecido gelado. As luzes fracas do lugar permaneciam acesas e alguns carros estavam estacionados do lado de fora da porteira.

— Que audição aguçada a sua, eu não tinha escutado nada — comentei impressionada.

Aproximamo-nos da lateral do celeiro de madeira. De lá vinha uma música com ritmo agitado e letra indecente, além de muitas vozes.

— Santo Deus! — disse minha mãe aparentemente horrorizada.

Fui até ela e, pela fenda na madeira, pude ver uma cena que me deixou extremamente triste. Garotos e garotas, alguns muito mais novos que eu, brincavam de misturar bebidas alcoólicas e fazer cigarros de papel. Dançavam loucamente, riam abobalhados e outros procuravam um local para vomitar.

— Temos que tirar Agatha daí depressa! — falei à minha mãe. Ao ver a cena comecei a ter medo de que minha prima pudesse arruinar sua vida.

— Mas como?

Olhei em volta e não vi nada que pudesse

ajudar. Se entrássemos lá com uma das espingardas do meu tio ficaria cômico demais.

— Prefere acordar seu pai?

— Não quero metê-lo nisso. Você podia fingir que vai pegar o carro.

— Tá doida? Você acha que eu entraria aí sozinha? Aliás, eu nem sei dirigir!

Uma das portas perto de nós se abriu e o ar pareceu denso e quente por um instante. Agatha veio ao nosso encontro passando a mão na blusa que estava vestindo, tentando limpá-la. Senti um cheiro muito forte de aguardente e pela blusa molhada da minha prima deduzi que haviam derramado nela.

— O que querem? — perguntou surpresa por nos encontrar ali.

Eu estava boquiaberta, mas minha mãe conseguiu se manifestar.

— O que pensa que está fazendo, menina? — Ela gritou brava.

Aquilo me assustou, eu nunca tinha visto minha mãe tão nervosa com outra pessoa além de mim.

— Que loucura! Tem menores de idade aí, incluindo você. — continuou. — Onde está com a cabeça, Agatha? Você vai acabar com a sua saúde!

— Eu acabei de chegar e só estou me divertindo. Acalme-se, tia, sei o que faço. — Minha prima falava tranquilamente penteando os longos cabelos com os dedos.

— Sabe o que faz?! Sua mãe está sabendo disso?

Agatha pareceu um pouco inquieta.

— O que *ela* tem a ver com a minha vida?

Sabendo ou não — deu de ombros. — de que importa? Ela não liga. E outra, o corpo é meu, faço dele o que eu quiser.

— Uau. — escapuliu da minha boca. Minha mãe me deu uma cotovelada como protesto.

— Não deviam se preocupar — disse Agatha sorrindo com o canto da boca.

— Se sua mãe é uma irresponsável que não sabe cuidar de você, nós temos o seu pai que não vai gostar nada de saber o que você anda fazendo. — Minha mãe disse bastante séria cruzando os braços.

— Deixe o meu pai fora disso! — bradou ela. O rosto de minha prima começou a ficar vermelho de raiva e, descontrolada, ameaçou ir pra cima de Samantha.

— Agatha, também não é assim — falei num

tom mais calmo, entrando na sua frente. —, não está certo o que você está fazendo e...

— Diga então o que é certo?! — desafiou minha prima. O hálito com o cheiro característico do cigarro e a blusa exalando álcool me deu náuseas. — Colocar um filho no mundo e não dar o mínimo de atenção é certo? — questionou. — Por que é que sempre brigam comigo sendo que minha mãe é culpada de tudo? Odeio isso, odeio! — Ela estava muito nervosa, suas mãos tremiam e sua voz começava a ficar embargada. — Vai dizer que estou manchando o nome da família com minhas atitudes? Eu não me importo! Pelo menos aqui — Ela apontou para o celeiro. — as pessoas gostam de mim. E outra, eu já sei me cuidar muito bem sozinha, não preciso dos meus pais se querem saber. Não preciso...! — Ela começou a chorar

desesperadamente, seus joelhos vacilaram e Agatha se escorou na parede até que se sentou no chão com as mãos no rosto.

Minha mãe foi até ela e a abraçou forte embalando-a como um bebê. Fiquei de pé olhando a cena um pouco afastada. Ouvir de outra pessoa o discurso que eu havia repetido todos esses anos me deixou chocada. Ver minha prima chorando copiosamente daquele jeito me dava arrepios. Assistir alguém da minha própria família se refugiar nas falsas amizades e nos vícios por causa da falta de amor dos pais, que conviviam na mesma casa, era lamentável.

— Por que estão fazendo isso comigo, tia? Por que eles não me querem? — Agatha lastimou limpando o borrão que a maquiagem fez em seu rosto.

— Calma, querida, vai ficar tudo bem, você

vai ver. — Minha mãe fez carinho em seus cabelos. As duas estavam sentadas no chão sujo, e nós três tremíamos de frio devido ao sereno da madrugada.

— E você? Por que está fazendo isso? — ergueu os olhos para minha mãe. — Eu não presto, tia!

— Não acredite nessas mentiras que te contaram a vida inteira. E eu faço isso porque somos uma família, devemos cuidar uns dos outros.

Fiquei com essas palavras pronunciadas de forma tão verdadeira em minha cabeça e durante todo o trajeto de volta para casa fui refletindo sobre a atitude da minha mãe. “Cuidar uns dos outros...”.

Agatha estava tomando banho e eu continuava sem sono, deitei-me na cama e fiquei olhando para a janela. A “festa” no celeiro parecia ter chegado ao

fim e, pelo que deu a entender, não deram pela falta da minha prima. A porta do banheiro se destrancou e ela saiu terminando de abotoar o pijama de bolinhas. Deitou do outro lado da cama, mas parecia inquieta demais para uma pessoa que pretendia dormir.

— Carol. — chamou tempos depois.

— Oi.

— Acordei você?

— Não, não, o que é? — perguntei de forma simpática.

— Tá a fim de conversar?

— Sobre o quê?

Ela demorou um pouco antes de dizer.

— Como é gostar de alguém? — levantou-se e sentou no meio da cama.

— Hã? Não entendi a pergunta.

— O que sente quando está com o rapaz que você gosta?

— Ah, sim. — ajeitei o travesseiro e coloquei os braços embaixo da cabeça. — deixe-me pensar, daqui a pouco te conto, tá?

Fechei os olhos para imaginar melhor. A imagem de Douglas apareceu bem nítida em minha mente, me deu vontade de sorrir. Lembrei-me da forma educada como falava comigo, do jeito doce de segurar minha mão, de como era lindo o seu sorriso, de como era paciente para me ensinar sobre Deus, da maneira cuidadosa como me tratava, do jeito delicado de me beijar, de como ficava bonitinho escondendo o rosto em meu pescoço quando estava triste. Lembrei-me do calor do seu abraço, do aroma de seu perfume, do carinho que

fazia em meu rosto...

— Carol?

— Hã? Oi.

Ela riu.

— Estava dormindo, é?

— Não, só pensando — respondi.

— Já pode me responder?

— Sim. Bom... quando estou com o Douglas geralmente meu coração bate mais rápido, me dá frio na barriga de vez em quando, já aconteceu da palma das minhas mãos suarem — Pela luz do abajur percebi que ela sorria. —, já gaguejei muito, até. — Nós rimos.

— Eu queria amar alguém — comentou sonhadora.

— Antes de amar alguém você deve se amar.

— Posso tentar.

Ficamos em silêncio por uns minutos.

— Outra coisa — voltou a falar. —, tem como vocês me levarem para casa do meu pai amanhã?

— Claro, é caminho nosso.

— Certo. Então boa noite, vou ter de acordar cedo para arrumar minhas malas. — veio para perto de mim e deu um beijo nos meus cabelos, depois virou para o outro lado. Eu desliguei o abajur e fui dormir.

***

De manhã seguimos viagem e a mãe de Agatha não fez nenhuma objeção à partida dela. Embora houvesse mais uma pessoa no carro o silêncio insistia em tomar conta da ocasião. Talvez

os acontecimentos recentes não sugerissem uma conversa animada. Eu me distraí admirando a paisagem campestre do lado de fora. A estrada estava em melhores condições, dessa forma pudemos avançar bastante até nosso destino final.

— Carol, me empresta seu mp3? — Agatha me cutucou afastando meus pensamentos.

— Sim — respondi revirando o bolso do meu casaco.

— Gosta de ler? — pegou o aparelho da minha mão e colocou um dos fones no ouvido.

— Gosto. — sorri para ela.

— Já leu "*O jardim secreto*"?

— Ouvi falar, mas nunca li — respondi.

— É um dos livros mais legais que já li, ganhei do meu pai no meu aniversário de 15 anos. —

remexeu a mochila amarela. — Quer ler?

Peguei o livro de sua mão e fiquei olhando a capa, tinha um desenho bem bonito. Agradeci a ela e iniciei a leitura. A história era encantadora, quanto mais eu lia mais vontade me dava de continuar lendo. Infelizmente quando eu estava no capítulo sete nós chegamos à casa do pai da Agatha.

— Acho que vou comprar esse livro, é muito bom. — Eu disse entregando a obra.

— Certo. Ah, venha me visitar algum dia, não esqueça!

Balancei a cabeça positivamente e a abracei.

Dezesseis

Havia duas semanas em que eu estava com meus parentes. Meu pai e minha mãe resolveram ficar na casa de meus avós maternos até comprarem uma nova casa. Esta noite, sábado, iria ter uma reunião familiar, meus tios e primos de cidades vizinhas viriam para cá.

— Todo mundo podia colocar roupa de índio e nós faríamos a dança da chuva. — Meu pai sugeriu brincando.

Minha mãe estreitou os olhos de jabuticaba, olhando feio para ele.

— Tá bom, não falo mais.

Saí da sala de estar e fui ao quintal da minha avó. Peguei um regador de metal e fui encher de

água na pia perto do varal. Eu não queria e nem podia me acostumar com a vida que estava levando, nunca iria conseguir voltar para casa se me conformasse com isso. Desliguei a torneira e quando me virei dei de cara com um primo meu.

— Que susto! — coloquei a mão no coração.

— Foi mal. — desculpou-se.

Saí carregando com o regador que transbordava de água até o jardim.

— Quer ajuda? — perguntou indo atrás.

— Não, está tudo bem.

Sentou-se num banquinho improvisado em meio às flores.

— Se vovó te ver sentado aí vai matar você.

— Que nada — falou dando de ombros.

Ficamos um tempão sem falar uma palavra.

De vez em quando olhava para o meu primo sem que percebesse. Estava diferente e mais bonito que de costume. Tinha os cabelos mais cumpridos, pretos e lisos do que eu conseguia me lembrar da última vez que o vi. Agora não se vestia como um moleque fissurado por futebol, sempre com camiseta de time suja de terra; estava com camisa polo branca e azul e uma bermuda *jeans*.

— Você cresceu — observou pensativo.

Olhei para meu primo tentando entender a sua afirmativa.

— Costumávamos brincar aqui, e você era deste tamanho. — indicou com a mão aproximadamente a um metro e trinta do chão.

Parei de regar as plantas e me sentei fora do cercadinho do jardim, no degrau de entrada para a cozinha.

— Eu não me lembro — falei.

— Não se lembra do dia em que você cortou o queixo no beco da vendinha do nosso avô?

— Ah sim! — Eu disse me recordando. Ele veio sentar ao meu lado. — E a culpa foi sua! Se não mentisse dizendo que tinha um gato lá eu não teria ido.

Dei um empurrão de leve no braço de Caleb, ele sorriu mostrando os dentes brancos e bem alinhados.

— Deixe-me ver a marquinha que ficou. — pegou meu rosto com uma das mãos e ergueu fazendo-me olhar para cima, para as roupas estendidas no varal. Passou o polegar pela cicatriz. — Lembro-me até hoje de você se acabando de chorar.

Empurrei sua mão com um tapinha porque ele

começou a rir.

— Sinto saudades de quando todo mundo morava perto e nos divertíamos na pracinha. — Ele me disse depois.

— Era bom.

Virou o rosto para mim e ficou me olhando até eu olhar para ele também.

— Bem-vinda de volta — disse e me abraçou apertado.

A casa estava cheia e barulhenta. Os homens se reuniram perto da churrasqueira e as mulheres na cozinha, meus primos e primas menores brincavam de bola na rua.

— Como eu queria voltar a ser criança, não precisar me preocupar com nada... — disse Agatha

enquanto sentava na janela da sala.

— Para mim você ainda é criança. — Caleb bagunçou o cabelo dela.

— Falou o adulto. — Ela tentou bagunçar o cabelo dele, mas não conseguiu alcançar, ele beirava 1,85m.

Aproximei-me da janela, apoiei meus cotovelos e sustentei meu rosto em minhas mãos olhando as brincadeiras das crianças. Percebi Agatha trocando olhares com meu primo ao meu lado.

— Está triste, Carolina? — perguntou Caleb passando um dos braços em volta de mim, me puxando para ver meu rosto.

— Não.

— Parece — falou minha prima.

— Anime-se, hoje à meia-noite vovô vai

contar lendas sobre nossos ancestrais. — Meu primo avisou com um sorriso brilhante no rosto.

— Sério? — Eu e Agatha perguntamos juntas.

— Claro que não — disse e depois ele riu com aquela voz profunda e máscula.

— Idiota! — Minha prima deu um peteleco na testa dele.

— Ai, isso dói!

— É para você aprender a não falar besteiras.

— Abaaaixa! — gritei.

Nós três saímos rápido de perto da janela, um de meus primos havia chutado uma bola de futebol em nossa direção, ela entrou em casa e quebrou um vaso de flores caríssimo da minha vó. Voltamos para a janela e encontramos a rua deserta. Ouvimos passos pesados pela casa e uma voz estridente nos

fez levar as mãos aos ouvidos.

— Quem foi o pestinha que quebrou o vaso? — gritava minha tia.

— Nós não vimos — disse Caleb teatralmente com medo.

— Apareçam! — ordenou ela.

Um a um meus primos foram saindo de seus esconderijos.

— Coitado. — deixei escapar.

Uma prima malvada informou a minha tia o autor do chute e o garoto foi arrastado para dentro de casa em meio a tapas, cascudos e sermões.

— Ainda quer ser criança? — perguntei à Agatha.

— Eu nunca disse isso.

Nós rimos.

A reunião durou a noite inteira e de manhã programaram um almoço em família. Eu e Caleb ficamos encarregados de comprar alguns refrigerantes.

— Ande logo, eu quero voltar cedo para casa. — resmunguei enquanto batia na porta pela milésima vez.

— Calma, estou terminando de me arrumar. — Meu primo respondeu.

Saí da frente do quarto e fui buscar a chave do carro que estava com meu pai.

— Já está pronto, Caleb? — falei voltando pelo corredor minutos depois.

— Estou. — Ele saiu do quarto ajeitando o boné.

— Para quê se arrumar tanto? — ergui uma das sobrancelhas escuras.

Ele sorriu para mim, então saímos de casa.

— Onde está a chave? — perguntou-me quando chegamos à garagem.

— Quem foi que disse que você vai dirigir? — dei um sorriso torto para ele.

— É guerra? — retribuiu com o mesmo sorriso.

Ri um pouco. Destravei as portas do Pajero e entrei no carro colocando minha bolsa no banco de trás. Meu primo ficou olhando o automóvel e depois entrou.

— Carro bacana — falou admirado.

Regulei o retrovisor e ajustei a poltrona, depois dei partida no carro. Tivemos que nos dirigir para a cidade vizinha porque a maioria dos mercadinhos da cidade dos meus avós estava

fechado e os outros menores não aceitavam cartão de crédito.

— Que tédio. — Caleb reclamou olhando a janela.

A estrada era asfaltada apenas em alguns trechos, havia árvores de todos os lados e uma chuva fina estava caindo. Meu primo começou a vasculhar as rádios e parou em uma que estava tocando sertanejo.

— Gosta desse tipo de música? — perguntei curiosa.

— Não, mas é a sua cara — falou sério.

— Credo.

Eu ri, ele apertou meu joelho, brincando comigo. Em um trecho da estrada, depois de 20 minutos dirigindo, avistei uma senhora que carregava sacolas aparentemente pesadas.

— Dê carona a ela — disse Caleb percebendo que eu a olhava.

Dei ré com o carro e parei ao lado da mulher.

— Quer carona, senhora? — Caleb perguntou com o braço e a cara para fora da janela.

Ela prontamente aceitou. Meu primo a ajudou a entrar no carro e a mulher me informou onde morava.

— Vocês são irmãos? — perguntou.

— Não. Primos. — Caleb respondeu.

— São muito parecidos — comentou. — É nessa entrada aqui. — indicou o caminho de sua casa.

Atravessamos uma ponte estreita e seguimos por uma estradinha de terra. A senhora parecia morar no meio de um bosque. Sua casa era de

tamanho médio e esquisita. Era suspensa, sustentada por pilares de madeira, bom... era toda feita de madeira. Embaixo dela havia uma escada que levava para a parte de cima. Estacionei o carro e nós três fomos até a casinha com as sacolas.

— Venham, posso preparar café para vocês — disse subindo a escada.

Eu e meu primo trocamos um olhar e decidimos que era seguro entrar. A casa por dentro era superarrumada e cheirava a flores, tinha poucos móveis, mas era uma gracinha.

— Mora aqui sozinha? — perguntei sentando-me na cadeira da cozinha enquanto ela preparava o café.

— Sim.

— Faz muito tempo?

— Um ano. Antes meus filhos moravam

comigo, mas eles foram trabalhar fora do país.

— Hmm. — olhei para o lado ao ouvir um barulho, vi meu primo mexendo em alguns papéis e revistas em cima de uma mesinha na sala. — Caleb! — repreendi olhando feio para ele.

— Tudo bem, pode mexer. — A senhora falou.

Meu primo pegou uma revista pequena, sentou-se no sofá de pano surrado, como se estivesse em sua própria casa, e começou a ler.

— Tem 25 anos, mas parece uma criança — comentei.

A senhora arrumou a mesa com algumas xícaras, biscoitos e um pote com açúcar para tomarmos café. Chamei Caleb para se sentar conosco e ele veio na mesma hora.

— O que é? — perguntei sobre a revista.

— É a revista da escola bíblica dominical da igreja. — Ela respondeu.

— Ah.

— Sobre o que estava lendo, Caleb? — Ela perguntou.

— "A culpa humana e a graça de Deus". — Ele leu.

— E o que aprendeu? — Ela disse bebendo café.

— Existem trocentos tipos de culpa — Ele fez uma pausa, depois sorriu sem graça. —, me encaixo em quase todos os casos.

— Uau! — zombei.

Ele me olhou feio.

— Você não é santa, Carolina — disse-me.

— Eu nem falei nada — retruquei erguendo as mãos em sinal de inocência.

A senhora deu um pigarro para chamar nossa atenção. Às vezes éramos como cães e gatos.

— E o que mais aprendeu?

— Ainda não terminei de ler.

— Deixa, eu continuo em voz alta. — puxei a revista para mim. — Onde parou?

Caleb apontou com o dedo a parte "IV-Os efeitos da culpa".

— A culpa é um sentimento que exerce influência de diversas maneiras: podemos agir na defensiva, colocando a culpa nos outros; negando nossas atitudes erradas; procurando desculpas ou boas razões para justificar. — fui lendo devagar. — Em outros casos gera ansiedade, sentimo-nos

inferiores, inadequados, inseguros... Que são meios de nos condenar.

Quando parei de ler percebi o olhar da senhora sobre mim. Demorei-me um pouco antes de fitá-la e quando o fiz ela sorriu de forma doce acentuando as marcas da idade.

— Costumo ter esses sintomas — confessei, rindo de nervoso.

— E como apagar esse sentimento? — perguntou ela.

Busquei rápido com os olhos a resposta.

— Arrependendo-nos? — acrescentei rápido. — Mas e se o que nos faz sentir culpa não forem nossos próprios atos, e sim o que outras pessoas fazem para nós?

Ela me olhou pensando.

— Perdoe essas pessoas. — Meu primo se

manifestou com intensidade.

— Mas eu já fiz isso.

A senhora balançou a cabeça negativamente e disse.

— Quando você diz perdoar uma pessoa, mas se lembra com tristeza o mal que ela fez a você é sinal de que não perdoou. Um exemplo: quando você era pequena queimou o braço com ferro bem quente, doeu muito e isso deixou uma cicatriz. Você cresceu, a cicatriz continua, você olha para ela e se lembra do dia em que se queimou, mas não dói mais. Assim é o verdadeiro ato de perdoar. Entendeu?

— Sim. — Eu e meu primo respondemos juntos.

Fiquei um bom tempo refletindo. Olhando por este ponto de vista eu não havia perdoado

completamente meus pais. Lembrar-me da minha infância era doloroso e facilmente me fazia reviver tudo o que me aconteceu de mau. “Mas e se...”.

— E se a culpa é nossa, causada por nós mesmos, pedir desculpas a Deus vai apagar tudo? — falei acanhada.

— Às vezes.

Fiquei confusa, ela deve ter percebido pelo meu semblante.

— Às vezes só isso não basta — Ela disse. —, devemos desculpar a nós mesmos também. Porque tem gente que costuma se condenar pelas falhas que comete, cobra coisas que não estão ao seu alcance e quando não conseguem realizá-las se sentem fracassadas, não admitem que nós, seres humanos, não podemos fazer todas as coisas, nem agradar a todos. Com tudo isso você consegue ver onde está

errando?

— Consigo — respondi de imediato.

— E o que pretende fazer? — Ela comia biscoitos enquanto conversávamos.

Sorri para a senhora.

— Vou procurar me perdoar, parando de cobrar a perfeição de mim mesma, e pedir desculpas aos meus pais de novo.

— Tenho uma dica: peça a Deus para te ajudar.

— Mas isso não é uma decisão minha?

— Nada é tão fácil quanto parece. Se você parar para analisar as áreas da tua vida que precisam ser transformadas talvez se sinta desanimada, mas Deus quer que você tenha uma nova vida. Pedindo ajuda e perseverança a Ele, vai conseguir perdoar a

si mesma.

— Certo. Obrigada pelos conselhos — respondi sorrindo. Olhei o relógio em meu pulso, por mania de pontualidade. — Está tarde! — levantei-me acompanhada de Caleb. Estendi a mão para a senhora. — Até mais, hmm...

— Abigail — respondeu a senhora ajudando a me lembrar de seu nome. Ela apertou de leve a minha mão sorrindo.

— Abigail — repeti. — Foi um prazer conhecê-la.

— Voltem sempre que quiserem.

Meu primo deu um abraço apertado nela e nós descemos as escadas.

Já era quase a hora do almoço e nem

tínhamos comprado os refrigerantes. Eu e meu primo estávamos em silêncio fazia um tempo, a música que tocava na rádio tinha uma letra triste que combinava com o céu cinza, as árvores secas da estrada e as curvas sinuosas.

— Está tocando.

— O quê? — perguntei.

— Seu celular.

Segurei o volante com uma das mãos e com a outra vasculhei o banco de trás em busca do pequeno aparelho, como não consegui achar tirei o cinto de segurança para procurar melhor. “Cinco chamadas não atendidas”, eu li quando consegui pegar.

— Olha a pista, Carolina! — brigou meu primo.

Rapidamente endireitei o carro, eu o estava

jogando para a pista do lado, sem querer. Na estrada tinha muitas carretas. Eram enormes, em sua maioria carregavam madeira, isso porque próximo à cidade da minha avó ficavam diversas serrarias. O trânsito estava lento em alguns trechos.

— Odeio quando faz isso. — Meu primo resmungou enquanto eu seguia uma fila de carros ultrapassando um caminhão.

— Se eu esperasse, só voltaríamos para casa amanhã — falei parando de sinalizar com a seta.

Eu não podia nem acelerar direito que Caleb me passava um sermão. Já estava me irritando.

— Sabe quantas vezes você ultrapassou? Cinco! O que custa andar a 80 km/h? Mas não, você insiste em andar a 110 km/h!

— Não está satisfeito? Desça do carro e procure carona! — esbravejei.

— É perigoso, sabia?! E você nem está usando cinto de segurança. — Ele cruzou os braços.

— Eu me esqueci de recolocar, só isso — falei tentando encaixar o cinto no suporte.

“Droga, tinha que dar problema logo agora?!”, olhei no retrovisor e como não havia carro nenhum usei as duas mãos para tentar colocar o cinto.

— Lá vai ela fazer arte de novo.

— Dá pra parar de me encher a paciência e me ajudar?

Meu primo franziu as sobrancelhas e tirou o cinto de minhas mãos. Tentei ajudá-lo, mas não deu certo então resolvi voltar a dirigir.

— Meu Deus! — falei sem fôlego.

O carro estava prestes a bater na traseira de um caminhão. Meu primo soltou o cinto e colocou o

braço em frente ao rosto. Tentei diminuir a velocidade com o freio, mas depois manobrei o carro jogando-o para a pista do lado bruscamente porque não tinha acostamento. Fomos atingidos lateralmente por uma carreta e jogados num barranco depois do acostamento da pista da contramão.

De repente tudo estava girando muito rápido. Eu senti uma dor enorme no ombro esquerdo e uma forte dor no rosto perto da sobrancelha. Minha blusa estava ficando molhada por algo denso e de cheiro inconfundível. Sangue. E então eu estava no chão. Meu corpo doía muito e de longe ouvi a voz do meu primo gritando meu nome. Minutos depois vi um vulto mancar em minha direção, pisquei os olhos, foi tempo suficiente para Caleb se debruçar sobre mim.

— Carolina, consegue me ouvir? Fala comigo,

Carol! — suplicou com a voz afetada.

Eu sentia o gosto de sangue em minha boca, minhas vistas estavam turvas e minha audição já não parecia tão boa, os gritos desesperados do meu primo não passavam de chiados para mim. Tentei abrir os olhos mais uma vez.

— Carol? — falou como se estivesse sussurrando. — Perdoe-me por ter brigado com você. — Seu rosto estava molhado pelas lágrimas e com arranhões.

— Eu... — Não consegui terminar a frase, minha garganta ardia muito.

Ele colocou a mão em meu rosto e o acariciou.

— A ajuda já está vindo, tente ficar acordada... Por favor. — Mas minhas pálpebras estavam se

fechando, ele aproximou o rosto. — Não, não, não durma, Carol.

Senti minha mente se distanciando e meu corpo ficando dormente. Estava escuro.

Dezessete

Eu tinha sido levada para a sala de cirurgia. Podia jurar que ouvi as palavras de consolo para minha mãe, o tumulto dos enfermeiros e o barulho das rodinhas da maca. Isso ou minha imaginação estava me distraindo.

Depois de um tempo dormente a minha mente parecia ter acordado, eu não sentia dor nenhuma, mas não conseguia me mexer, isso me deixava agoniada. Talvez por essa inquietação meu coração tenha começado a acelerar o que preocupou as pessoas que me operavam. Pela primeira vez senti medo. Se eu morresse agora para onde eu iria? Eu não tinha certeza.

Não creio ser a pessoa mais indicada para ir aos céus. Apesar de acreditar em Jesus Cristo,

nesses últimos dias não fui uma verdadeira cristã. Duvidei que Ele pudesse me ouvir, que estivesse comigo, tomei atitudes imprudentes, respondi sem pensar... "Como fui inconsequente! Agora não tem mais volta, estou perdida!".

Se eu pudesse sair daqui... Se pudesse voltar atrás e aproveitar o tempo em que estava bem, falaria às pessoas que não vale a pena viver na miséria interior. Se tivesse tempo pediria perdão a todas as pessoas que fiz algum mal e perdoaria aquelas que me magoaram. "Ai, como eu queria ter uma nova chance! Eu sou tão nova, não posso morrer agora!". Senti algo como se tivessem feito massagem cardíaca em mim. "Senhor, proteja a minha alma!", supliquei amedrontada.

À medida que eu sentia meu corpo se desligando eu clamava com mais intensidade, eu não queria ir antes de pedir desculpas aos meus pais. Se

pudesse fazer ao menos isso... “Tenha misericórdia de mim, Senhor, não permita que meu espírito se vá antes que eu desfrute de Seu amor e Sua bondade. Perdoa-me, Deus, por não ter feito Tua vontade. Arrependo-me por não ter vivido da forma como queria. Perdoa-me por não ter entregado minha vida em Suas mãos desde o princípio e perdoa-me também por não dar ouvidos a Tua voz quando falava comigo. Desculpe-me se não fiz a diferença em meio às pessoas, me desculpe por só agora perceber o quanto sou pequena diante da Sua grandeza e majestade.”. Eu pedia enquanto tentavam me manter viva. “Mude meu coração, Deus, quero viver em adoração a Ti, preciso de Tua mão sobre mim. Tire de mim tudo o que não Te agrada, permita-me estar em Tua presença todos os dias e se for da Tua vontade que eu morra, que eu possa estar perto do Senhor no céu.”.

De repente senti que alguém estava comigo.

Sua presença era demais para mim, ela me inundava de paz e sua voz, ah... a sua voz era amorosa e agradável aos meus ouvidos. “Não tenha medo, pois eu estou contigo; não se apavore, pois sou teu Deus.”, Ele disse. Vi que Suas vestes eram brancas e em Suas mãos estavam as marcas do sacrifício maior feito na cruz para salvar toda a humanidade.

Como um pai abraça um filho, Ele me acolheu em seus braços. As feridas da minha alma foram curadas e meus pecados perdoados. Eu não sentia dor na consciência e nem medo de que meus pesadelos do passado voltassem a me atormentar, pois Ele estava comigo e me ajudaria a enfrentar qualquer situação. Se o mundo inteiro me desse às costas e se algum dia meus amigos e meus pais me abandonassem, agora eu sabia que Ele nunca me deixaria. “A ti dou o controle da minha vida, Jesus.”.

***

Quando abri os olhos estava num quarto de hospital. O relógio da parede marcava 23h05. Em minha memória a imagem do acidente ainda estava bem nítida. Ouvi alguém se ajeitar na poltrona ao lado de minha cama. Virei o rosto, pareciam séculos que não me movimentava, e vi que era Douglas dormindo. Meu coração começou a dar pulinhos e meu rosto se expandiu num sorriso.

Fiquei observando, feliz. Era a primeira vez que eu o via dormindo, era a criaturinha mais linda do mundo! Meu coração batia por ele com mais intensidade agora do que em qualquer outro momento. Agradeci milhares de vezes a Deus por ter me presenteado com a vida dele e agradeci ainda mais por ele ser a primeira pessoa que vi depois da transformação da minha vida. Eu queria acordá-lo para lhe contar a novidade, mas deixei para lá, ele parecia cansado.

Em um momento da noite Douglas acordou e saiu do quarto. Eu havia me desacostumado a falar então quando fui tentar chamá-lo não saiu som de minha boca. Fiquei um pouco chateada por um instante, mas quando ele voltou com um copo eu me animei de novo. Ele pareceu não perceber que eu tentava me levantar a todo custo, meus músculos deviam ter teias de aranha. Ajoelhou-se ao meu lado no chão e começou a orar baixinho. Eu desisti de levantar e fiquei ouvindo.

— Senhor, me ajude a conhecê-Lo mais para que eu possa compreender seus planos. Coloco em Tuas mãos a minha vida. Peço-te que estejas com a Carol. Acorde-a, Senhor, não permita que ela fique nessa situação para sempre. — Ele estava chorando, e eu estava bastante confusa. — Ó Deus, me ensine a ter fé, quero confiar em Ti completamente. Em nome de Jesus, amém.

Quando terminou de orar ele bebeu a água, virou-se e encostou as costas na cama sentando-se no chão. Levantei minha mão para ver se estava tudo bem com o meu corpo, eu também conseguia sentir minhas pernas. “O que aconteceu de errado?”, pensei. Douglas saiu do quarto de novo levando o copo. “Será minha voz?”. Tentei tossir e forçar o som a sair. A voz estava fraca, então comecei a cantar para exercitá-la. Desatei a rir, eu pretendia matar Douglas de susto?

Busquei em minha mente alguma música bonita que combinasse com o meu tom de voz. Comecei a cantar uma canção que eu conhecia desde criança. Vi que a maçaneta da porta estava girando, meu coração começou a acelerar e eu cantei com mais vigor. Douglas parecia hesitante, com a luz do corredor pude ver que estava assustado e maravilhado ao mesmo tempo.

— Carol?

Terminei a primeira parte da música enquanto ele vinha até mim com passos vacilantes. Abri os braços e ele me abraçou forte fazendo-me sentar na cama.

— Você não sabe o quanto senti sua falta — disse-me molhando meu ombro com suas lágrimas.

— Eu te amo Douglas, muito, muito. — Eu fazia carinho em seus cabelos.

— Também amo muito você! — Ele me endireitou e se sentou de frente para mim segurando minhas mãos. — Por favor, não faça mais isso comigo...

— Não vou sofrer mais nenhum acidente por enquanto, pode deixar. — brinquei sorrindo.

— Não é disso que estou falando, meu amor.

— O que é então?

Ele secou o rosto com as costas da mão.

— Há um mês e meio estamos longe e eu mal recebo notícias suas. Isso está sendo uma tortura para mim.

— Desculpe-me, eu sinto muito por tê-lo preocupado — falei envergonhada.

Ele olhou para a janela e depois para mim, pensando.

— Tudo bem, tá desculpada — disse com um meio sorriso no rosto. —, mas... — sorriu de verdade dessa vez apertando meu queixo com o indicador e o dedão. — vai ter de contar todos os detalhes da sua viagem.

Douglas levantou-se e deu a volta na cama, vindo deitar ao meu lado. Deitei-me também e

segurei sua mão depois de ajeitar o travesseiro e me cobrir direito com o lençol.

— Antes você pode me dizer o que tenho ou tinha? Não entendi direito qual é o meu problema.

Ele colocou uma mechinha do meu cabelo detrás da minha orelha.

— Você ficou em coma durante três semanas, seu acidente foi bastante grave.

— Eu devia parar de querer telefonar dirigindo o carro.

Lembrei-me de um fato que me deixou bastante preocupada.

— E como está meu primo?

— Ele havia quebrado o pé e teve alguns cortes, mas está bem, agora.

— Que sorte! — falei pensando. Do nada me

deu uma crise de tosse, minha garganta estava seca.

— Pode pegar água para mim? — perguntei quando consegui parar.

— Claro. — deu-me um beijo na testa e saiu do quarto.

Vasculhei o quarto com os olhos, devia ter alguma roupa minha em algum lugar. Avistei um pequeno armário perto da janela, eu me sentia bem, talvez tudo estivesse em seus devidos lugares depois de tantas semanas, por isso fiz ginástica com as pernas e depois fui até lá. Quando consegui, Douglas entrou no quarto.

— O que está fazendo, amor?

— Estou querendo saber se tem roupas por aqui.

Entregou-me o copo e destrancou o armário enquanto eu bebia a água.

— Sua mãe deixou este vestido. — mostrou-me um vestido verde soltinho. — Aliás, tenho que avisar aos seus pais e ao médico que você acordou.

— Ainda não — disse rápido. —, depois você conta, agora não.

Entreguei o copo a ele e peguei o vestido. Douglas saiu do quarto para eu me trocar. Afastei as cortinas da janela e fiquei olhando o céu estrelado por um momento. “Em pensar que eu nunca mais veria isso...”. Fiquei ali distraída e nem tinha percebido as batidas na porta.

— Por que não trocou de roupa? — espiou, depois veio até mim.

— Esqueci — falei dando um risinho.

— A enfermeira que fica perto do bebedouro já está olhando feio para mim de tanto eu ir buscar água — contou. Nós rimos.

Ele se sentou na beirada da cama de frente para a janela enquanto eu me trocava perto da porta.

— Pretende ir a algum lugar? — perguntou ainda de costas.

— Acha mesmo que vou ficar até de manhã neste quarto? Nem pensar! A noite está linda — falei indo até ele. —, quero sair por aí.

Sentei-me ao seu lado.

— Quer sair comigo?

Douglas deu um lindo sorriso.

— Claro, será uma honra! Mas tem que ser escondido e às 6h você tem que estar aqui de volta.

Esbocei minha melhor carinha triste. Ele me fez cócegas até quase cairmos da cama.

— Isso é golpe baixo — falei morrendo de rir, mas baixo para não sermos pegos.

Sorriu para mim e parou com as cócegas. Joguei-me para trás e ele deitou-se apoiando um dos cotovelos na cama e o rosto na mão.

— Adoro ver você sorrindo — falei para ele tocando de leve seu rosto.

— Não muda de assunto, mocinha. — observou. Eu ri. — Vai ser uma espécie de "operação Cinderela", se não voltar na hora marcada, algo de ruim vai acontecer.

— O que aconteceria?

— Pensariam que eu te raptei, aí colocariam a polícia atrás de mim. — Ele parou de falar e olhou para a porta. — Vem vindo alguém.

Levantamo-nos rapidamente, eu me deitei na cama e Douglas me cobriu com o lençol até o pescoço. Instantes depois alguém entrou no quarto. Eu estava muito curiosa para saber o que se passava,

mas não me atrevi a abrir os olhos. Depois de um tempo ouvi alguém saindo e então Douglas segurou minha mão.

— Venha — chamou.

Fui para perto da porta com ele.

— Vou distraí-la, quando eu der o sinal você sobe as escadas de emergência, tá bom?

Acenei com a cabeça. Ele saiu do quarto e foi ao bebedouro que ficava ao lado. Eu ouvi conversando com alguém e depois fingir tossir. Saí rápido e fui até o final do corredor sem fazer barulho. Depois ouvi passos rápidos, então subi correndo as escadas.

— Carol? — Douglas me chamou no escuro.

— Aqui — respondi abrindo a porta que dava para o terraço e indo para fora.

A brisa suave e gelada balançou meus cabelos

quando me aproximei do parapeito e senti um arrepio. Olhei para baixo e fiquei um pouco tonta. Era realmente alto e dava até para ver grande parte da cidade dali. Douglas passou os braços em volta de mim. Aconcheguei-me em seu abraço e apoiei minhas mãos sobre as suas. Eu me sentia viva novamente. Em meu coração ardia uma chama que jamais se apagaria. Algo surpreendente havia acontecido comigo e mesmo sabendo das dificuldades pelas quais passei e que ainda passaria, eu estava feliz. O Criador do Universo estaria ao meu lado guerreando e me ajudando a vencer as batalhas diárias.

— Eu descobri, amor — falei sorrindo soltando-me de seus braços.

— O quê?

— Os planos!

Dezoito

Estávamos sentados com as costas no parapeito do terraço do hospital conversando enquanto a hora avançava.

— Só pensei nessa hipótese, não tem outro motivo para Deus ter me trazido para cá a não ser para a restauração da minha alma.

— Poderia ter sido mais fácil.

— Não existe vitória sem luta, muito menos restauração sem sacrifício, amor — expliquei.

Ele sorriu e me abraçou.

— Estou muito orgulhoso de você!

Dei um beijo em seu rosto e encostei a cabeça em seu ombro.

— Apesar de ter sido difícil para nós dois,

acho... melhor, tenho certeza, que foi importante minha vinda para cá. Eu aprendi coisas valiosas aqui.

— O quê, por exemplo? — Douglas fazia carinho em meus cabelos.

— A família é importante por ajudar na formação do caráter do filho e também é de onde deve vir o amor e o cuidado. — Eu disse me lembrando de Agatha. — Também aprendi sobre culpa, foi aqui que eu me reconciliei com Deus e comigo mesma, e na primeira oportunidade que eu tiver vou me desculpar com meus pais. — pensei um pouco. — Outra coisa — levantei a cabeça de seu ombro para olhá-lo nos olhos. —, descobri que sou completamente apaixonada por você! — disse em tom confidente e sorri para ele.

Ele retribuiu com um sorriso luminoso.

Estendi a mão e toquei seu rosto com cuidado. Por mais que eu tentasse, não conseguiria descrever o que sentia ao estar com ele, talvez seja isso que todas as pessoas que encontram seu par perfeito sentem.

Notei que meu coração estava acelerado e meus pensamentos tinham sido afugentados. Ele me beijou. Senti-lo tão perto me dava a sensação de leveza, carinho e liberdade. O tempo que eu passava com Douglas era o mais agradável possível e eu percebia a cada momento que ele era o cara com quem eu passaria o resto dos meus dias.

— Sei que posso soar precipitado, mas... — Ele segurou minhas mãos e me olhou nos olhos. — Carol, eu te amo mais do que você possa imaginar, eu daria tudo para estar com você, agradeço a Deus todos os dias por ter me permitido te conhecer. E... — Ele parecia muito nervoso, suas mãos tremiam um

pouco. — ...droga! — Seu relógio começou a apitar avisando a hora.

Foi muito engraçado! Seu rosto queimava, ele tentava a todo custo abafar o som do aparelho com as mãos.

— Desculpe-me, me desculpe — disse-me, envergonhado.

— Calma, não é culpa sua.

Ele se irritou com o relógio, arrancou-o do pulso, jogando-o para trás em seguida. Meu queixo pendeu e eu olhei pasma para ele. Percebendo o que havia feito, Douglas se levantou num só impulso, eu o acompanhei e pude ver os momentos finais do relógio quando este se arrebentou na calçada que dava para a frente do hospital.

— Opa! — deixei escapar.

— Não importa — disse-me após um suspiro.

Virou-se e ficou olhando sério para a porta que dava para o terraço onde estávamos.

— Hmm... — tentei puxar assunto. — Não fica assim não, é só um relógio.

Ele me olhou com o canto dos olhos depois abaixou a cabeça.

— *Okay*! Era um relógio de estimação... — concluí. — A gente arranja outro pra você, tá? — entrei na sua frente e me abaixei um pouco para que me olhasse.

— Não é isso...

— Era presente? — tentei adivinhar.

— Carol! — falou triste levantando o rosto. — Não estou chateado pelo relógio.

Esperei, torcendo as mãos no vestido.

— Você não prestou atenção no que eu estava

falando antes do alarme disparar? ─ disse baixinho.

“É claro que prestei”, pensei “me diga de novo!”.

─ É... aham ─ falei como quem não quer nada.

Ele virou o rosto para o lado, chateado. “Ai não!”, eu pensei novamente.

─ Ah, amor, fala o que é... ─ disse com jeitinho. Levei o braço em sua direção e acariciei seu rosto.

Douglas olhou para o chão e depois para mim, então deu um sorrisinho tímido.

─ Tá, tá bom ─ disse, rendendo-se.

Pareceu pensar um pouco, depois pegou minha mão com delicadeza. Meu coração batia tão rápido que achei que iria explodir.

— Carolina, você é a mulher mais preciosa do mundo para mim. Hoje sei que sou o homem mais feliz do planeta porque te tenho — disse com doçura. Depois ele riu um pouco, talvez se lembrando de algo. — Já disse que te amo hoje? — comecei a rir também e o abracei. — Amo muito você! — disse em meu ouvido, abraçando-me. Meus olhos já estavam molhados pelas lágrimas. — E repetirei essa pequena e sincera frase até os batimentos do meu coração cessarem. Nunca pensei que amaria tanto alguém como amo você...

Ele segurou meu rosto com as duas mãos e olhou profundamente em meus olhos.

— Eu preciso de você, Carol, sempre! Eu te quero para sempre. Quer se casar comigo?

Eu não sabia se chorava ou ria. Nunca imaginei que isso fosse acontecer comigo um dia,

dadas às circunstâncias. Ser escolhida por alguém, ter meus sentimentos correspondidos, como é bom ser amada!

— É claro que eu quero! — respondi com a alegria transbordando. — É o que mais quero!

Ele me encheu de beijinhos e me abraçou forte.

— Amo você! — falei sorrindo.

Voltamos para o quarto e ele chamou a enfermeira. Eu estava saltitante e toda boba. Fiz vários exames e fiquei em observação o restante do dia. O médico me deu alta na manhã seguinte.

— Quando posso contar a eles? — perguntei ao Douglas, ansiosa. Estávamos saindo do quarto para esperar meus pais na recepção.

— Quando quiser. — sorriu.

— Ainda hoje, então.

Levaram uns 15 minutos até Samantha e Edgar chegarem. Ouvi a voz da minha mãe e me levantei da cadeira.

— Filha! — correu até mim e me deu um abraço apertado.

— Desculpe-me por preocupá-la, mamãe.

— Não faz mal — afastou-se para me olhar e segurou minhas mãos —, o importante é que está bem agora.

Meu pai passou o braço em volta dos meus ombros.

— Que susto nos deu, hein?! — deu-me um beijo na testa.

Sorri um pouco envergonhada para ele.

Meus pais e Douglas estavam hospedados na casa dos meus tios, pais de Caleb e Melissa, sua irmãzinha de 11 anos. Era num bairro próximo à praia, um lugar tranquilo e gostoso de viver.

— Carolina! — Caleb falou ao abrir a porta. — Você está ótima! — comentou me avaliando.

Dei um risinho acanhado.

— Entrem.

Chegamos mais ou menos às 07h10 em casa, tomamos café da manhã e ficamos papeando até o horário do almoço, na sala de estar.

— Pai, a gente bem que podia comer fora, né? — sugeriu minha prima.

— Querem? — Meu tio perguntou a nós.

Concordamos todos ao mesmo tempo. Minha

mãe me chamou para o quarto e pediu ajuda para escolher uma roupa, como a cidade era praiana exigia roupas leves devido ao intenso calor.

— Que tal este? — mostrou-me um vestido amarelo.

— Eu prefiro esse branco. — apontei.

Ela olhou bem os dois vestidos.

— Vou querer o azul. — decidiu.

Liguei o ventilador de teto e me deitei de bruços na cama esperando ela trocar de roupa. Depois de feito sentou-se na beirada, ao meu lado.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Hã?

— Você parece esconder alguma coisa. — avaliou meu rosto.

Eu ri, não estava conseguindo disfarçar.

— Tem a ver com o seu namorado?

— Noivo. — corrigi triunfante.

Seus olhos se arregalaram, um sorriso enorme brotou, ela bateu palmas, mexeu o corpo como se dançasse. Nunca vi Samantha tão empolgada.

— Oh meu Deus! Minha filha vai se casar, vai se casar! — Seu espírito adolescente apareceu. — Conte-me tu-do! Como foi, onde foi, o que você sentiu, qual foi a reação dele quando você disse... — bateram na porta. — Sim?

— Só faltam vocês duas — avisou meu pai.

— Já vamos. — Minha mãe respondeu. Ela virou para mim ansiosa. — Não conte a seu pai — levantou-se. —, deixe que eu conte.

— Tá — falei rindo.

Fomos almoçar em um restaurante muito gostoso e arejado em frente à praia. Reparei que em uma parede havia redes de pesca e conchas, todo o ambiente era banhado pelo cheiro de maresia e havia uma música tocando. Minha mãe estava toda empolgada, fazia de tudo para me agradar e quando meu pai perguntava o que estava acontecendo ela fazia cara de ofendida e dizia: “nada, nada não”.

— O que deu nela? — Douglas perguntou ao meu ouvido.

— Contei do noivado.

— Entendi — falou rindo baixinho. Dei um beijo em seu rosto.

Passamos a tarde toda na praia e à noite faríamos uma pequena festinha em comemoração aos 30 anos de casados dos meus pais. Consegui fugir da sala de jantar depois de arrumar a mesa e

chamei Douglas para ir comigo ao terraço, que era arrumado como uma sala de estar. Levei junto um rádio pequeno e uma coleção de CDs da minha mãe, os chamados "*Love songs*".

— O que quer fazer? — perguntou a mim sentando-se ao meu lado no sofá.

— Dançar — disse escolhendo uma música.

— Acho que não sou muito bom nisso.

Liguei o rádio a uma tomada, coloquei o CD e escolhi a faixa intitulada "*I will be here"*, de Steven Curtis Chapman. A música era suave e extremamente relaxante, sem falar na letra belíssima.

— Por favor...? — pedi com jeitinho estendendo a mão em sua direção.

Ele aceitou de imediato, levantou-se e me enlaçou pela cintura. Passei os braços em volta de seu pescoço e deitei de leve com a cabeça em seu

peito. Lentamente fomos dando alguns passinhos acompanhando o ritmo da música.

— Lembrei-me do dia em que nos conhecemos — disse-me suavemente. —, fui a sua casa de propósito, nós não costumamos entregar o cartão da empresa de porta em porta.

— Eu quase havia me esquecido daquele dia. — levantei o rosto para olhá-lo. — Como assim de propósito? — Ele olhou para o lado oposto e sorriu. — Por favor, me explique? — pedi.

— Eu já havia visto você na cidade algumas vezes.

— Cidade pequena...

— Sim, todo mundo conhece todo mundo. Mas a primeira vez foi numa banca de revista, a única que vende revistas de meio ambiente. — Ele ia

contando devagar. — Você estava linda naquele dia — sorriu para mim —, e eu não pude deixar de ouvir a conversa que estava tendo com a mulher, dona da banca, você disse que gostava muito de flores e tal. Depois daquele dia eu sempre me lembrava de você quando via uma violeta.

— Sério?!

— Um dia eu descobri onde você morava, aí depois do trabalho tomei coragem e fui a sua casa com aquela desculpa da empresa de jardinagem. — Ele riu e eu o acompanhei, rindo também.

— Eu nem percebi isso na hora, devia estar distante em meus pensamentos... — falei de forma vaga.

— Como agora. — Ele disse encostando a testa na minha.

Ele sorriu e me levou para o sofá.

— Conte o que você achou de mim quando me conheceu? — pediu.

Pensei um pouco, olhando meus dedos entrelaçados nos seus.

— Eu te achei muito simpático e adorei seu jeitinho engraçado de ser. A minha primeira impressão de você — Ele me ouvia atentamente, os olhos castanho-escuros sobre os meus. — foi que era uma pessoa bastante agradável e única. — tentei lembrar as minhas cenas preferidas. — E eu adorava seu sorriso, sua risada — beijei seu rosto. — e seu perfume magnífico! Deixava-me tontinha.

Douglas deu gargalhada disso.

— Eu gosto quando você brinca com algumas mechinhas do meu cabelo, quando beija meu rosto,

quando olha para mim com carinho. — Eu dizia vagarosamente, lembrando-me das vezes que ele havia feito essas coisas.

Douglas estava sentado ao meu lado, mas virado para mim e na medida em que eu ia acrescentando um item, seu sorriso aumentava.

— Quando segura minha mão, quando me abraça apertado, gosto também quando está sentado ao meu lado, mesmo sem dizer nada. Sua presença faz toda a diferença... Você é perfeito para mim, meu amor.

— Gosto quando diz isso.

— O quê?

— “Meu amor”.

Sorrimos um para o outro. A música já tinha acabado e outra estava tocando. Ao longe se ouvia as conversas dos meus familiares, barulho de pratos

e carros na rua. Fui me sentar mais perto de Douglas, repousando a cabeça em seu peito, ele me abraçou.

— Enfim... paz — falei baixinho.

Ficamos um bom tempo em silêncio. Eu gostava de ficar pertinho dele ouvindo seu coração bater, era meu lugar seguro. Mas então, quando levantei o rosto, percebi que ele estava bastante sério, parecia pensar em algo importante.

— Algo errado? — sentei direito.

Ele acenou positivamente. Nós nos olhamos por alguns instantes antes de eu voltar a falar.

— Quer conversar sobre isso?

Ele abaixou a cabeça, depois mexeu um pouco nos cabelos.

— Carol, me desculpe, eu queria poder ficar aqui com você, mas meu tio precisa da minha ajuda

na loja. — Ele me olhava com tristeza. — Eu me lembrei deste detalhe agora há pouco, vou tentar comprar a passagem ainda hoje para amanhã cedo voltar para casa. Desculpe-me mais uma vez.

— Tudo bem, eu entendo... — tentei sorrir.

Ele me olhou um pouco.

— Vem cá. — abriu os braços, então o abracei.

— Eu te amo muito.

— Eu também...

Dezenove

Meus pais estavam superfelizes por completarem mais um ano. Juntos. Eu estava contente por eles, quem me dera ter a mesma sorte. Fiquei ouvindo, sem prestar muita atenção, a declaração de amor que meu pai fazia à minha mãe. Pelo tanto que ela sorria deviam ser lindas as suas palavras. Todos à minha volta vibravam de animação, não à toa, casamentos hoje em dia estão durando tão pouco... Eu achava linda a vida a dois, mas por que a minha devia ser tão cheia de despedidas, desencontros e distância?

— Quer dançar? — Douglas me perguntou quando colocaram uma música romântica no rádio que me fez ficar ainda mais chateada.

Olhei para ele me desculpando, ele entendeu.

Deu-me um beijo no rosto e foi até Melissa aceitar o pedido que ela havia feito a ele para dançar. Sentei-me em uma poltrona no canto da sala, enquanto meus tios, meus pais, Douglas e Melissa dançavam, divertindo-se.

— Está triste, Carolina? — Caleb me perguntou vindo se sentar no braço da poltrona com um copo de refrigerante na mão. Seu cabelo molhado estava cortado um pouco mais curto que de costume. Exalava um perfume muito bom.

— Não.

— Deveria aprender a mentir melhor. — deu um sorriso provocador.

Nós olhamos para os pares dançando no meio da sala. Meus pais e meus tios pareciam estar levando aquilo a sério, enquanto Douglas fazia de tudo para divertir minha priminha.

— Quer dançar? — perguntou virando-se para mim.

— Não, mas obrigada por perguntar.

— Você devia ser mais aberta a propostas também.

Ignorei.

— Se fosse *ele* — disse de má vontade. — você aceitaria.

Olhei-o confusa, enquanto Caleb me encarava.

— Acha mesmo que eu não aceitei porque *você* pediu?

Ele acenou com a cabeça, concordando.

— Eu também não aceitei o pedido de Douglas, se quer saber — expliquei — O que há, Caleb?

Foi sua vez de me ignorar, virou o rosto para frente e bebeu o refrigerante.

— Eu só queria dançar com alguém que não fosse minha irmã — confessou tempos depois.

— Tá certo, eu danço com você — falei revirando os olhos e me levantei.

— Ah... mas agora não tô a fim. — fez charminho, colocou o copo quase vazio em cima da mesinha ao lado e fingiu não me ver parada em sua frente.

— Deixe de ser infantil, Caleb — resmunguei.

Deu um sorriso vitorioso e se levantou abotoando alguns botões da camisa social que estava usando. Sua altura era esmagadora perto do meu 1,67m.

— Já que insiste... — segurou minha mão e me levou para o meio da sala.

Colocou minhas mãos em seus ombros largos e passou os braços em volta de minha cintura com cuidado, olhava para mim não como o cara provocador e teimoso de antes, mas como um menino que só queria um pouco de atenção. Mas depois de dar alguns passinhos de dança, caí em mim e tive medo de que Douglas não gostasse daquela situação. Então comecei a explicar isso ao meu primo.

— Qual é, Carolina? O cara é adulto, acha mesmo que ele vai se importar com uma dancinha boba? Não tô fazendo nada de errado — justificou-se.

Preferi não esquentar a cabeça e acreditar no que meu primo falou. Mas quando olhei para o lado minha mãe me encarava séria, com as sobrancelhas unidas.

— Caleb, acho... que vou à cozinha. — tirei as

mãos rapidamente de seus ombros, mas ele não me deixou ir. — O que é dessa vez? — cruzei os braços.

— Seria muito pedir que esperasse a música terminar? — falou bastante educado.

Coloquei as mãos em frente ao rosto.

— Está querendo arranjar problema para mim? — perguntei tristonha.

— Carolina, eu tive oportunidades para fazer o que eu quisesse — Ele tirou minhas mãos do rosto para que eu o olhasse. —, mas não fiz. Acha mesmo que eu ultrapassaria algum limite agora que seu namorado está aqui?

— Não quero fazer com que ele se sinta mal na sua casa. Eu não gostaria que Douglas me fizesse sentir ciúmes, então não vou fazer isso com ele — falei da mesma forma educada que meu primo, não

querendo arrumar mais encrenca. Soltei-me de seus braços. — Com licença.

Fui para o interior da casa pensando em alguma desculpa para usar se Douglas me perguntasse por que dancei com Caleb e não com ele. Abri o armário branco da cozinha para pegar um copo e quando me virei dei de cara com meu primo, muito sério e de braços cruzados, quase deixei que o copo caísse e se partisse em diversos pedacinhos de vidro.

— Que susto, Caleb! — disse desviando-me dele para pegar água no filtro da torneira.

— Olha, Carolina — falou. —, me desculpe por estar forçando a barra com você. Não sei... o que deu em mim hoje. — encostou-se à parede olhando para o teto.

— Tudo bem. — coloquei o copo na pia depois

de beber. — São os hormônios. — zoei, só para acabar com o clima chato.

Ele riu baixo me olhando.

— Você é minha prima preferida, sabia? — disse um tanto tímido.

— Mesmo?

— Mesmo. — sorriu olhando em meus olhos. Ele levou o braço em minha direção com o dedo mindinho estendido, como fazíamos quando criança.

— Amigos de novo?

Correspondi o gesto.

— Certo.

Ouvi passos no corredor, quando fui espiar quem era, meu primo me abraçou muito, muito forte.

— Meu Deus, Caleb! Me solta, senão te

mordo! — gritei.

Deu-me um beijo barulhento na bochecha.

— É por isso que te amo! — Ele falou, depois me soltou, sorrindo.

Senti meu coração acelerar e torci para que nada daquilo estivesse acontecendo. Fechei os olhos bem apertados e me mantive bem parada. Ouvi que passos leves recuavam, então abri meus olhos e vi meu primo com semblante preocupado.

— Quem era? — perguntei quase sem voz, instantes depois.

— Douglas.

Saí rápido da cozinha, cuidando para não cair no piso de madeira encerada, mas quando estava atravessando a sala de jantar Caleb segurou meu braço fazendo-me parar.

— Se for atrás dele tentar se explicar ele vai

entender que você fez coisa errada mesmo — aconselhou.

— O que você sabe dessas coisas?! — disse desvencilhando-me de sua mão e correndo para a sala. Quando cheguei lá vi Melissa ligando a TV.

A sala estava vazia, nem sinal dele.

— Você viu o Douglas?

— Saiu.

"Que ótimo!", pensei correndo porta afora. Andei pelo jardim escuro até o portão, abri e o encontrei sentado na calçada do outro lado da rua. Quando eu estava quase chegando perto, ele se levantou e já ia saindo.

— Espere. — segurei seu braço. Ele demorou até virar para mim. Eu não fazia a mínima ideia do que dizer. — O que foi? Por que você está assim? — foi o melhor que minha mente pôde pensar.

Ele pareceu não crer na minha inocência.

— O que foi? Nada... Não aconteceu nada, não é? — disse irônico, mas em nenhum momento me encarava.

Então ele tinha entendido tudo errado mesmo. Incrível como as conclusões são tiradas assim, sem o mínimo de explicação.

— Eu... hã, não estou entendendo, Douglas. O que houve?

— Vou dizer o que houve, Carolina — disse bastante sério olhando para mim. — Ficamos um tempão sem nos ver, um tempo sem nos comunicar, e... — Ele balançou a cabeça olhando para o chão e depois ergueu o rosto de novo, com tristeza no olhar. — Ele é a fim de você, e eu não confio nele — confessou.

“Caleb é a fim de mim? De onde ele tirou

isso?”, pensei confusa.

— Não se preocupe tá bom? Eu não vou...

— Você não, mas ele pode tentar algo. Não percebeu como ele te olha? Não viu como foi fácil convencê-la a entrar em sua brincadeirinha?

— Não, amor, você não entendeu direito... — abanei as mãos de nervoso. — Ele pediu, sim, para dançarmos, mas depois expliquei que você poderia não gostar, então ele foi atrás de mim para se desculpar...

— E ficou grudado em você, disse que te amava e te deu um beijo. — interrompeu, rabugento, o que eu estava falando.

Tive de balançar a cabeça afirmando, um pouco sem graça.

— Mas parou por aí... — falei acanhada.

Ele riu com a voz profunda.

— Coitado dele se não tivesse parado por aí — falou mais para si mesmo que para mim. — Eu não duvido que me ame, Carol, mas eu sei que as coisas podem mudar... — ia dizendo. — A gente tem estado muito longe um do outro, e eu reconheço que ele é um cara bonito e simpático, eu só... tenho medo.

Fiquei bastante chateada com isso. Sentei-me na calçada envolvendo as pernas com os braços.

— Se tem medo é porque não percebeu ainda que você é o único homem para mim — falei baixinho, mas o suficiente para que ouvisse.

Abaixou-se e sentou ao meu lado, olhando a rua a nossa frente.

— Não queria que duvidasse da minha fidelidade a você, pois é do que tenho mais orgulho — contei. Cocei os olhos, pois as lágrimas já

queriam rolar, mas eu não ia permitir. — E não importa quanto tempo vamos ficar distantes, eu te escolhi para mim e não vou abrir mão disso. — olhei para ele enquanto acrescentava. — A gente não devia estar discutindo logo agora, vamos ficar sem nos ver sabe lá até quando...

Douglas pareceu ter refletido sobre isso. Respirou fundo.

— Por favor, me desculpe, tá? Eu preferia mil vezes que estivesse gritando comigo agora, fui um idiota em pensar que você estaria tendo algo com ele. — puxou-me para si e deu um beijo em meus cabelos. — Eu acredito no que você diz. Eu estou errado e você certa, não devíamos brigar. — afagou minhas costas.

— Tudo bem...

Ele segurou meu rosto e me olhou nos olhos.

— Ah, não vale! — falou com uma voz diferente, nasalada. Era comum a nós brincarmos um com o outro fazendo esse tipo de gracinha. — olhe só pra você, está com uma carinha muito triste. Este seu noivo deve ser um bobo por deixar você assim, princesa.

Sorri um pouco e olhei para baixo, mas Douglas abaixou seu rosto para me fazer continuar olhando-o.

— Por que continua triste, minha flor? — continuou falando com a mesma voz engraçada. — Não vou ter que aplicar meus métodos secretos para te fazer rir, vou?

Comecei a rir e o abracei com carinho, passando os dedos por entre seus cabelos.

— Não sei o que eu faria sem você... — Ele disse com a sua linda voz ao meu ouvido.

— Eu sei que você não sabe — respondi brincando. Ele riu.

— Acho que te amo, viu? — segurou meu rosto novamente quase encostando a ponta de nossos narizes.

— Só acha?

Ele me olhou bem, balançou um pouco a cabeça e corrigiu.

— Tenho certeza disso. — beijou-me.

Vinte

Voltamos para casa abraçados. Jantamos e, quase na hora de dormir, Caleb nos pediu desculpas. Por mais que suas desculpas soassem sinceras, Douglas não abaixou a guarda em nenhum momento. Preferi ficar na minha para não arranjar confusão.

— É melhor você ir descansar se quiser acordar cedo para se despedir de mim. — Douglas me falou.

Dei-lhe um beijo no rosto.

— Boa noite — disse a ele. Fui para o quarto da minha mãe que era onde eu dormiria.

Quando entrei, minha mãe estava arrumando minha cama e meu pai já estava dormindo.

— O que aconteceu, você e Douglas brigaram?

— Mais ou menos, mas já está tudo bem agora — falei pegando um pijama na mala.

— Eu e seu pai brigávamos demais no início do nosso namoro — comentou.

— Essa foi uma das poucas vezes que aconteceu. — Eu disse dobrando a calça que estava vestida. Samantha pegou da minha mão, dobrou direito e guardou. — Obrigada.

— De nada. — foi e deitou-se ao lado do meu pai.

Vesti meu pijama e também fui dormir. “Obrigada, Senhor, por mais um dia”, comecei a orar. “Obrigada por eu estar perto da minha família, obrigada por ter me ajudado a resolver os impasses com Douglas”, ri baixinho. “Ele fica tão bonitinho

quando está sério. Obrigada, Pai, por tê-lo dado a mim. Ai, Deus, como é bom poder contar a Ti tudo o que se passa comigo, muito obrigada por ser meu amigo.”.

— Filha? — Minha mãe me chamou.

— Só um minuto.

“Em nome de Jesus, amém.”

— Fale. — Eu disse.

— Eu sou uma boa mãe? — perguntou, um pouco sem jeito.

— Sim, você é.

Ela ficou um tempinho quieta.

— O que eu faço para você me considerar uma boa mãe?

Pensei um pouco.

— Você é minha amiga, se preocupa comigo...

Tá certo que de vez em quando você pega no meu pé, mas nada assim “oh, que terrível”. — Nós rimos.

— Te amo muito, filha.

— Também... te amo, mamãe — pronunciei as palavras que até pouco tempo nunca sairiam da minha boca. Era o amor de Cristo mudando o meu coração.

Nós ficamos em silêncio por um bom tempo, mas era como se aquelas palavras ecoassem pelo quarto. Eu sentia minha vida mudar completamente, e gradualmente. Não era como um passe de mágica, nada se resolveu de uma hora para outra, isso me ensinou a comemorar cada vitória, por menor que fosse, e minutos atrás consegui uma das grandes: amar a minha mãe e expressar isso.

— Algo tem feito muito bem a você. — Ela desfez a nossa mudez. — Eu e seu pai estávamos até

conversando sobre isso ontem. Achamos que é o Douglas, ele é um bom rapaz. É impressionante o que ele tem te ensinado...

— O mérito não é só dele. Devo essa mudança a um amigo. — sorri na escuridão.

— Que amigo? — perguntou curiosa.

— Ah, mamãe, o melhor amigo de todos!

Falei à minha mãe sobre o meu Amigo-Pai, sobre o que Ele fez na minha vida, contei o testemunho de vida do Douglas e como Deus tem sido bom para nós e tem nos ajudado a passar pelos momentos tristes sem desanimar. Disse o quanto Ele nos amava e desejava nosso amor. E que estava sempre de braços abertos para o pecador que se arrependia.

Naquela noite eu pedi perdão a minha mãe. Abri meu coração para ela, contei-lhe das mágoas

que vinha guardando da minha infância e adolescência. Disse que meu coração já havia liberado o perdão para ela e meu pai e que não guardava mais nenhum ressentimento. Minha mãe ficou surpresa pelas lembranças que contei, muitas delas ela nem se recordava, mas me pediu mil perdões e disse que sentia muito por ter me feito mal. Eu a perdoei e ela me perdoou mais ainda. Agora meu coração só tinha espaço para amá-la.

***

Era oito da manhã quando fui acordada por meu pai. Vesti meu *hobby*, me arrumei e fui até a sala, ainda sonolenta. Douglas estava sentado no sofá perto da janela me esperando. Fiquei parada próxima à soleira da porta olhando o ambiente. A luz transbordava no lugar, mas ainda assim tinha um ar tristonho. Meu noivo estava com os cotovelos apoiados nos joelhos e olhando para o chão, seus

cabelos adquiriram tons avermelhados devido ao Sol. Daria um belo quadro que poderia se chamar “despedidas sem fim”. Ele ouviu meus passos e levantou os olhos.

— Tá tudo bem com você? — perguntei.

Ele acenou com a cabeça levantando-se. Eu o abracei e ele me aninhou em seu peito, acariciando meus cabelos.

— Não está chateada por eu ter de ir... está?

— Não, eu entendo, meu amor.

— Ainda vamos nos encontrar, eu prometo.

— Vai ser lindo... eu vou estar de branco e você estará no altar me esperando... — Nós rimos.

— Não vai demorar tanto assim, né?! — fez careta.

— Quem sabe... — mexi os ombros.

Ele me deu um beijinho na boca.

— Tenho que ir agora, te ligo quando chegar, certo?

— Certo!

O acompanhei até o táxi em frente a casa, o motorista colocou sua mala na parte de trás do carro e eles partiram. Voltei e fiquei sentada no sofá onde Douglas estava. Cerca de 20 minutos depois meus pais vieram até mim. Pegaram duas cadeiras e colocaram na minha frente sentando-se nelas depois. Ergui uma das sobrancelhas, aquilo parecia combinado e ensaiado. O que estava acontecendo?

— Algo errado? — perguntei desconfiada.

— É... — Meu pai deu um pigarro. — nós lamentamos muito, filha, por você estar passando tudo isso. Nós nos sentimos responsáveis pelas tristezas que te acometeram durante estes períodos

em que quisemos uma aproximação maior com você.

— Eu não... — comecei a dizer, mas minha mãe me interrompeu.

— Não temos levado em consideração aquilo que você acha que é certo, nós queremos pedir desculpas por tê-la tratado como criança quando na verdade você já está uma moça, tem idade o suficiente para fazer suas escolhas. — Ela olhou para Edgar. — Eu e seu pai estávamos conversando e vimos que nós não agimos corretamente com você, portanto... — Samantha respirou fundo. — está livre para voltar para casa.

Minha boca se escancarou. Nem acreditava no que estava ouvindo! “Eu devo estar sonhando, só pode!”, era simplesmente fantástico! E eu nem precisei forçá-los a isso. Levei a mão à boca. Meus

olhos deviam estar brilhantes e meu coração parecia uma escola de samba de tão movimentado. Livre, eu estava livre para fazer o que eu quisesse!

— Aqui está sua carta de alforria. — Meu pai estendeu a mão, e eu, boba, olhei sua mão vazia. Ele riu de mim.

Sorri para eles.

— Obrigada.

Minha mãe ajeitou o cabelo penteando com os dedos.

— Mas é claro que nós vamos embora junto com você — falou mexendo a mão com classe.

Eu ri.

— Claro — falei.

Lembrei-me de Douglas e levantei do sofá com uma ideia na cabeça.

— Preciso avisar ao meu noivo — falei indo para o quarto.

— Noivo? — ouvi meu pai dizer.

Tapei a boca e olhei para trás. Minha mãe parecia estar pensando em como contar a novidade ao meu pai, acenou para mim deixando que eu saísse. Saí da sala correndo e fui colocar uma roupa no quarto. Queria contar pessoalmente a ele, já podia até imaginar sua carinha de felicidade. Vesti-me rapidamente e peguei emprestado a chave do carro do meu tio.

— Aonde vai? — Caleb me perguntou quando me viu saindo rápido de casa.

— Aeroporto.

— Deixe que eu te leve, você não vai conseguir chegar lá sozinha.

Hesitei por um instante, olhando-o. De

repente senti que ele merecia uma nova chance.

— Certo, vista uma camisa e me encontre no carro em dois minutos. — fui tirar o carro da garagem.

“Espero que dê tempo.”, estacionei em frente a casa. Caleb entrou no carro, no lado do motorista, deu a partida e acelerou em direção ao aeroporto.

— Que urgência é essa para falar com o seu namorado?

— Meus pais resolveram voltar para casa — falei animada. — E não é namorado, agora é noivo. — corrigi sorrindo para ele.

— Parabéns. — limitou-se a dizer.

— Obrigada — falei virando para frente.

— É sério. Parabéns, fico feliz por vocês — disse de olho no trânsito, sem entusiasmo, de forma

um pouco mecânica. — Ele é um cara muito bacana e você é maravilhosa, combinam.

Sorri um pouco.

— Valeu. Ah, você bem que poderia nos visitar um dia...

"Miriam ia ter de me agradecer de joelhos", ri com a ideia.

— É, pode ser. — Tempos depois ele estacionou o carro. — Pronto.

— Te devo uma — falei fechando a porta.

Subi rápido as escadas e saí correndo pelo saguão à procura do guichê de embarque. Procurei até me cansar e precisei parar para recuperar a respiração. Ele não estava em lugar algum e os horários dos aviões para o nosso Estado ou já haviam ido ou sairiam mais tarde.

— Ele se foi. — suspirei.

"Tudo bem, quando chegar em sua casa contarei a novidade", pensei me dirigindo à saída. Dei uma última olhada no lugar antes de sair e, para a minha felicidade, encontrei o rapaz mais doce do mundo sentado ao lado de um garotinho de cabelos cacheados e olhos risonhos. Os dois conversavam como se fossem grandes amigos. Parei na porta e fiquei observando. Douglas dava gargalhadas das coisas que o menino falava, era contagiante. Fui até eles por trás e tapei os olhos do meu futuro esposo, o garoto me olhou curioso. Pisquei para ele brincando, ele retribuiu.

— Adivinha quem é? — Eu disse ao Douglas instantes depois.

— Carol?! — falou surpreso. Levantou-se e me abraçou. — O que houve?

— Vou voltar para casa também! — falei animada.

Ele me abraçou mais forte, tirando-me do chão e nos fazendo rir. O menino deu um sorriso fabuloso.

— Não te disse que não demoraria? — lembrou. — Ah, quero te apresentar... — Ele me soltou e segurou minha mão, mas parou de súbito. — Aonde ele foi? Estava aqui agora mesmo.

Vimos o garotinho correndo pelo saguão e parando ao lado de uma mulher, segurando sua mão em seguida. Olhou para trás, já longe, e acenou para nós e retribuímos o aceno. Apoiei meu queixo em seu peito olhando para seu belo rosto. Ele passou a pontinha do nariz em meu nariz me fazendo sorrir.

— Juntos, então? — perguntei.

— Para sempre.

Vinte e um

Final

“Hoje é o grande dia!”, repetia a cada hora mentalmente. Peguei um álbum de fotografias que foram tiradas no fim do ano retrasado e fui me sentar num sofá. Ali estavam as fotos do batismo dos meus pais e o meu, fotos minhas e do Douglas, foto da formatura do ensino fundamental da Raquel, da namoradinha do Pepino, a Pepita, “filha” da Miriam, e outras recordações.

Por ser uma data especial, meus familiares, meus amigos (até os que eu não via há algum tempo), os parentes do Douglas e seus amigos viriam para cá. Eu estava um pouquinho nervosa, mas feliz. Esperei por isso tanto tempo, eu contava os dias para me ver, finalmente, casada. Fechei o álbum e fui me olhar no espelho pela milésima vez, para ver se estava tudo em ordem. “Perfeito!”, sorri.

Meu vestido era uma graça, branco com

detalhes prata. As alças ficavam nas curvas dos ombros, eram ligadas à faixa dos seios, esta franzida. Junto à faixa estava um tecido fino, prata, quase transparente que cobria o restante do vestido, só não cobria um V que formava na frente devido ao corte do próprio tecido fino. Tinha esse corte para dar mais movimento no tecido branco debaixo. Nas costas, no meio da faixa, ficava um trançado com uma fita prateada e, escondidinho, embaixo dessa fita ficava o zíper. O trançado lembrava um espartilho.

Eu estava usando o colar prata com o pingente de coração que Douglas havia me dado no culto de despedida. Meu cabelo estava repicado, cortado na metade das costas. A cabeleireira havia deixado um pouco ondulado para que ficasse mais bonito.

— Está na hora. — Miriam me disse. Ela era uma das minhas madrinhas, estava deslumbrante

num vestido rodado verde que combinava com os seus olhos e dava destaque aos seus cabelos cacheados vermelhos.

— Como estou?

— Fantástica! — falou sorrindo.

Ela pegou o *bouquet* de tulipas vermelhas em cima da mesinha e entregou-me depois de me abraçar.

— Te desejo toda felicidade do mundo, amiga — disse-me.

— Obrigada.

— Vamos logo, senão vou começar a chorar aqui mesmo.

Nós rimos. Ela foi me conduzindo até o carro em frente ao salão de beleza. Eram 16h40, a cerimônia havia começado há dez minutos. Seria

realizada na minha igreja e depois iríamos para um sítio onde aconteceria a festa. Meu coração começou a acelerar, era sinal de que havíamos chegado.

Alguém abriu a porta do carro e estendeu a mão para me ajudar a descer. Atrapalhei-me toda com o vestido, isso nos rendeu muitas gargalhadas, mas enfim consegui chegar inteira à porta da igreja. E então a marcha nupcial começou a tocar e meu pai se posicionou ao meu lado.

— Quero que saiba de uma coisa, filha. — começou meu pai. Olhei para ele. — Mesmo que eu tenha deixado de dizer isso antes, eu te amo muito! — disse-me com todo o carinho. Eu o abracei forte.

— Também amo você, papai.

Ficamos uns instantes abraçados até que ele me pegou pelo braço com um sorriso e entramos na

igreja. O lugar estava tão cheio de gente que fiquei um pouco acanhada. Tentei esquecer os olhares que me seguiam e prestei atenção no meu príncipe, todo sorridente no altar. Douglas estava lindo com uma camisa social branca, colete, terno, calça preta e a gravata preta com duas listras brancas.

Meu pai me deu um beijo na testa e me entregou ao noivo. Entrelaçamos nossos dedos e nos posicionamos em frente ao pastor. Durante a cerimônia fui me lembrando de tudo o que havia passado, certamente a vontade do Senhor estava sendo feita. Tudo se encaixava nos mínimos detalhes. Cada coisa tinha seu propósito, seu desfecho e final feliz.

***

— Prometo que essa é a última. — Melissa me disse ajeitando a máquina fotográfica em cima da

mesa.

— É a quinta vez que você diz isso. — ri de nervoso.

— Meu sorriso vai sair forçado de novo. — Miriam se manifestou. Caleb que estava ao seu lado deu-lhe um beijo no rosto. Eles estavam namorando há sete meses.

— Lá vamos nós outra vez. — Douglas falou pegando Pepino no colo. Ele estava com um coração pendurado na coleira.

Raquel pegou Pepita e Melissa saiu correndo para fazer pose conosco, mas quase nos derrubou. Depois de tirarmos mais fotos do que eu já havia tirado em toda a minha breve vida eu e meu esposo fomos caminhar pelo sítio. Sem dúvida ali era o lugar perfeito para nós. Estávamos completamente rodeados por flores coloridas e belas árvores que ele

e eu apreciávamos. Como já estava de noite ligaram os postes de luz e as várias lâmpadas penduradas por toda parte.

Os convidados estavam em um imenso salão feito de madeira e vidro com grandes lustres antigos. Nas mesas havia um arranjo com detalhes em madeira com flores brancas, rosas e lilás. Nos cantos do salão colocaram grandes jarras de vidro também com flores e no centro do lugar estava a mesa com docinhos e o bolo de quatro andares escrito palavras como “paz”, “amor”, “confiança”, dentre outras.

Douglas pegou uma flor e colocou em meu cabelo enquanto andávamos pelo jardim e eu o abracei. Olhei para o céu. A noite estava incrivelmente linda. De longe ouvíamos uma música bonita e calma, o barulho das águas de um riozinho, as folhas sendo remexidas pela brisa, e eu conseguia ouvir os batimentos de seu coração. Desencostei o

rosto de seu peito e o olhei. Ele sorriu para mim, então dei um beijo em seus lábios. Alguém nos chamou do salão. Segurei a mão do meu marido e fomos até lá.

— Hora de jogar o *bouquet* — disse minha mãe toda animada.

Minha prima Agatha me entregou as flores e eu subi no palquinho perto do salão. Fazia parte da pista de dança que era coberta com uma armação de madeira e enfeitada com flores e lâmpadas. As mulheres tomaram a pista e em meio ao empurra-empurra pude ver a ansiedade da minha melhor amiga em pegar o *bouquet*. Não que eu quisesse facilitar, nem podia, seria covardia com as outras moças que esperavam para se casar, mas ela queria tanto... "Não, não posso.", meu senso de justiça falou mais alto. Tentei ser imparcial e me coloquei no meio certinho do palco.

— Um, dois e... três. — joguei o *bouquet*.

Seus olhos adquiriram um brilho ofuscante, seus corpos pareciam estar em chamas e seus movimentos eram dignos de serem comparados aos de um felino em plena caçada. Quase pude sentir a adrenalina correndo em suas veias, tamanha era a competição entre elas. “Acho que exagerei.”, mordi a unha. O ramo de flores caiu muito além do grupinho de garotas, foi parar nos pés dos rapazes que assistiam ao espetáculo fora da área da pista, num lugar menos perigoso, eu diria.

— Fala sério, isso foi combinado? — Douglas me perguntou enlaçando-me pela cintura.

— Não, não, eu juro — falei rindo baixo.

Caleb abaixou-se depois de muito olhar o *bouquet* no chão e o pegou, desajeitado. Miriam dava pulinhos de felicidade. Meu primo passou a

mão livre na nuca, respirou fundo e foi andando devagar para o meio da pista. As garotas lhe deram espaço.

— Pra você — falou com a voz quase falhando e entregou as flores a ela.

Ela pegou o *bouquet* e sorriu. Caleb olhou em volta, parecia um pouco acanhado. Miriam, que usava um salto enorme, puxou o rosto dele para si e ainda ergueu-se um pouco com as pontas dos pés o beijando.

— E a galera vai ao delírio... — Meu pai brincou fingindo ser narrador de futebol.

Epílogo

Se eu soubesse que viveria tão bem, como estou vivendo agora, com certeza teria reclamado menos da vida.

Meus pais vieram para minha cidadezinha e fiquei morando com eles em minha casa até eu e Douglas comprarmos nosso apartamento e nos casarmos. Minha mãe montou uma perfumaria num bairro chique da cidade e meu pai voltou a exercer a profissão de farmacêutico. Agora neste ano, Miriam está concluindo a faculdade de História e algumas vezes por semana dá aulas no ateliê. Eu também dou aulas lá quando não estou nas escolas onde fui contratada para ser professora de Educação Artística.

Douglas conseguiu um emprego como

administrador de uma grande empresa da cidade, mas de vez em quando ajuda o tio na empresa de jardinagem. Depois de três anos de casados planejamos e resolvemos ter um filho. Deus nos abençoou com a nossa querida Elisa, agora com um aninho de idade, que, neste momento, está tentando rabiscar a folha do diário que estou escrevendo.

— Aqui não pode, meu amorzinho — repreendi carinhosamente.

— Vai ter de comprar mais duas cartas, quem manda falar na hora errada? — Meu pai falou.

Levantei os olhos e vi minha família jogando um jogo de cartas na mesa de jantar. Nosso apartamento era bastante espaçoso e muito bem iluminado. Tinha três quartos e a varanda da sala era imensa, perfeita para Pepino ficar. Morávamos em um edifício num bairro muito tranquilo.

Miriam e Caleb, agora casados há dois anos, moram numa casa quase de frente para a casa dos meus pais. Raquel fica com eles quando não está na Universidade, é seu primeiro ano lá. Minha filha sorriu refletindo meu rosto em seus olhos cinza brilhantes.

— Você quer jogar, meu bem? — perguntei a ela fazendo cócegas em sua barriguinha.

Ela deu uma risada gostosa que fez todo mundo olhar para nós. Douglas nos jogou um beijo. E eu sorri para ele. Peguei Elisa no colo e fui me sentar numa banqueta perto deles.

— Aposto minha aliança que dessa vez eu ganho. — Caleb brincou. Miriam deu uma cotovelada em seu braço e fechou a cara.

— Quem muito fala, nada faz — disse Douglas com um sorriso.

— Verdade. Compra mais quatro, meu genro. Quero a cor verde. — Meu pai ria.

— Alguém quer café? — Minha mãe perguntou da cozinha.

— Traga aqui para o Edgar e aproveite para nos dizer quais são as cartas dele. — Miriam pediu.

— Ha! Ha! Nem assim me venceriam. — Meu pai gabou-se.

Elisa bateu a mãozinha na mesa e, por um deslize do meu pai, pegou uma carta que estava em sua mão.

— A-Ha! Um sete amarelo. Era do que precisávamos. — Meu primo falou.

Edgar fez uma careta. Minha filha começou a rir.

— Tem o sorriso do pai — comentou Miriam,

sorridente.

— Mas é linda como a mãe. — Douglas acrescentou fazendo carinho em meu ombro.

Não resisti, dei-lhe um beijinho.

— Amo você! — sussurrou em meu ouvido e retribuí com um carinho em seu rosto.

“Isso é o pedacinho do céu. Obrigada, Deus, por tudo!”

Fim

Extra

Uma noite com Pepino – Capítulo 15

— Certo, vou repetir: A sua cama é essa *aqui*. — indiquei para Pepino, o cachorro mais teimoso do mundo, sua cama perto da janela da sala.

Ele ficou sentado na minha frente com uma cara de quem nem está ligando. Talvez quisesse dizer "E daí?". Respirei fundo e fui para a cozinha beber água. Ele me seguiu.

— Quer?

Latiu e abanou o rabo. Olhei em volta para lembrar onde eu havia deixado sua tigela, como não lembrei, peguei uma vasilha qualquer, enchi de água

e coloquei no chão. Pepino bebeu tudo em dois tempos e foi saindo da cozinha. Coloquei meu copo e a vasilha na pia.

— Essa não! — Pepino estava deixando um rastro de baba de cachorro e água recém-bebida pela casa toda. — Volte aqui! — tentei pará-lo.

Para o meu infinito azar, ele achou que eu estava brincando e começou a competir comigo para ver quem corria e pulava no sofá mais rápido.

— Anda, Pepino, fique quieto. Ainda pretendo ir à igreja hoje.

Ele latia para mim quando derrubava algum objeto.

— Está na hora de ir para a cama. Deixe de ser chato! — falei cansado, sentando-me no sofá.

Ele, enfim, parou e ficou me olhando de debaixo da mesa.

— Tem pena de mim, vai?!

Nada.

— O que sua mãe vai pensar quando eu disser que não sei cuidar de cachorro?

Nada também.

— Eu sei que você me odeia, mas vá dormir. Pela Carol.

Ele começou a chorar. “Ai meu Deus, tô ferrado!”. Levantei e fui até ele. Pepino recuou alguns passinhos, mas me deixou fazer carinho nele depois. Trinta minutos se passaram e eu ainda estava sentado debaixo da mesa tentando consolar o pobre animal. Minhas costas estavam doendo e minhas pernas tinham cãibra. Peguei o celular no meu bolso e escrevi uma mensagem para Carol, “O que faço p/ o Pepino parar de chorar e ir dormir?”. Enviei. Instantes depois alguém tocou a campainha. Pepino

chorou um pouco mais baixo e ficou vidrado na porta.

— Douglas, você está aí? — Minha vizinha gritou de fora.

— Tô, pode entrar, Amélia.

A senhora de seus 60 e poucos anos girou a maçaneta e espiou por uma fenda da porta.

— O que está fazendo debaixo da mesa, rapaz?

— Eu? Tô procurando minha aliança que caiu aqui em algum lugar. — fingi procurar. Dizer que estava com problemas com um filhote seria ruim para minha reputação.

— Pode me dar um pouco de açúcar?

— Claro. Entre aí.

Ela abriu a porta e Pepino saiu correndo na

maior velocidade.

— Nãããããããoooo! — Só pude dizer.

Tentei sair o mais rápido possível de debaixo da mesa.

— Desculpe, desculpe — disse-me a mulher.

— Tudo bem. — saí correndo do apartamento, desci as escadas quase voando.

Quando cheguei à portaria vi Pepino brincando com o síndico do edifício.

— Vou ser expulso! — lamentei em voz alta. Pensei em voltar para o apartamento e fingir que não era comigo, mas minha coragem falou mais alto.

Aproximei-me devagar fingindo que nada estava acontecendo. Quando cheguei perto o suficiente Pepino veio pro meu lado abanando o rabinho como se estivesse me conhecendo naquele instante. Cara de pau. Ele pulava em mim e fazia a

maior festa. Eu o encarei sério.

— É seu? — O homem me perguntou.

— Opa. O que disse? — fiz-me de surdo.

— O cachorro é seu? — apontou aproximando-se.

— É... — olhei de lado o animal. — mais ou menos... — dei um sorriso forçado.

— Ah... Sabe onde tem um desses para eu comprar?

Olhei para o cachorro. Confesso, fiquei tentado. “Pode pegar de graça se quiser”, eu queria dizer.

— Desculpe, senhor. Mas eu não sei.

— Que pena. Ele é muito inteligente e divertido. — cruzou os braços.

— Ô se é... — falei com certo pesar.

— Você sabe se essa raça é obediente?

Olhei para Pepino. Olhei para o síndico.

— Olha... — comecei, mas Pepino latiu. — Já está na nossa hora. Vou procurar me informar, depois te digo. Vamos lá, garotão? — chamei Pepino.

Ele ficou me encarando. Esfreguei a mão no rosto de raiva. Abaixei-me rápido e peguei o cachorro, antes que pudesse me fazer passar mais vergonha.

— Precisamos ter uma conversa de homem para homem — avisei Pepino.

O elevador estava em manutenção e eu moro no 5º andar. Existe coisa pior que subir cinco andares com um cachorro no colo que quer te morder? Não. Não existe.

— Que ótimo, ela deixou a porta aberta — falei desanimado quando, enfim, consegui adentrar ao meu apartamento.

Desabei no sofá. O culto havia começado há meia hora e eu estava suado, arranhado, estressado, babado e lotado de pelo de cachorro. “S.O.S.”, escrevi e enviei para o celular da Carol. Pepino estava xeretando a casa. “Acho que ele ficará bem sozinho até eu terminar de tomar banho.”, pensei levantando-me preguiçosamente. O telefone tocou. Fui andando devagar até ele.

— Alô? — falei querendo me sentar.

— Pensei que não te encontraria em casa, não foi ao culto hoje?

— Carol? — Eu disse surpreso.

— Sou eu.

Meu coração começou a acelerar.

— Meu amor, tá tudo bem com você? Já chegou à casa de seus parentes? Estava louco pra ouvir sua voz. — Eu estava muito feliz. Até Pepino começou a latir.

— Já estou com saudade de você, queria voltar para casa — disse-me. — Nós paramos na chácara de uma tia, amanhã continuaremos a viagem.

Minha alegria se foi. Eu não a veria mais, seus pais a levaram para sempre. Abaixei a cabeça.

— Você não vai mais voltar, não é mesmo? — falei triste.

— Pelo jeito você também perdeu a esperança...

— Não esqueça que eu amo você.

— Também te amo. A bateria do meu celular está acabando e eu não sei onde coloquei o

carregador. Tenho que desligar, ah, sobre o Pepino, deixe ele dormir no seu quarto, assim ele para de chorar.

Tive medo.

— Tá bom. — tentei parecer confiante. — A gente se fala outra hora. Boa noite, amo muito você.

— Boa noite. — desligamos.

Engoli a seco. Não sei como, mas ele parecia ter ouvido e entendido nossa conversa. De seu corpo parecia sair eletricidade, ele me encarava de forma desafiadora. Pude perceber que olhou para a escada e começou a dar passos em direção a ela discretamente.

— Não, você não vai — falei firme. Ele pouco recuou. Dei um passo também em direção à escada.

A última gota de suor do meu rosto parecia cair em câmera lenta, ela fez nosso instinto selvagem

aflorar. Seria a luta pela sobrevivência. Venceria o mais forte. Dada a largada Pepino e eu subimos correndo a escada. Tropeçamos, caímos, levantamos... mas não teve jeito. O sofá é onde todos nós, querendo ou não, vamos dormir um dia. E esse dia havia chegado para mim.

Agora sim, **Fim**!

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao meu grande Pai e Amigo, Deus. Sem Ele eu não saberia nem por onde começar esta história. Agradeço a Ele por sua infinita bondade e paciência comigo, por estar sempre ao meu lado, por me dar coragem e perseverança nos momentos de dificuldade.

Agradeço à minha família por tudo! Compreensão, carinho, atenção, paciência e principalmente por terem me apresentado ao Criador. Jorge, Léia e Camilla, vocês são presentes de Deus para a minha vida! Amo vocês!

Agradeço muito às minhas amigas: Melissa Heringer, Thaís Castro, Leila Agnoleti, Renata Fricks, Natália Bissoli (a Bella), Rebeca e Adassa Andrade, Ileane Cerqueira, Abimilaque Ferreira, Denise Beliato, Geísa Raminho, Adrielly Pereira,

que me apoiaram com a história se dispondo a ler, comentar, elogiar, criticar, debater e principalmente me animar para continuar escrevendo. Também quero agradecer a minha professora da faculdade, Gilcéia de Lima, por ter feito a primeira revisão da história e ter dado várias dicas e também à Sheila Ribeiro Mendonça que trabalhou lindamente neste livro corrigindo tudinho e colocando cada coisa no devido lugar.

Os momentos que eu passei construindo esta obra foram muitíssimos especiais. Aprendi muito, acredito que tenha amadurecido em alguns aspectos, encontrei apoio contínuo, dei boas risadas, vibrei bastante junto com minhas amigas a respeito dos personagens – pelos quais permaneço apaixonada.

Desde já agradeço aos leitores desta história, que vocês tenham se divertido e aprendido com essa obra como eu me diverti e aprendi. Que Deus

abençoe a cada um.

Table of Contents

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um